

Autoria Coletiva



A ESCURIDÃO

de cada um

A ESCURIDÃO DE CADA UM
Autoria coletiva

Título original A escuridão de cada um

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

A autoria coletiva se remete aos seguintes autores, em ordem alfabética: Alessandra Dossena, Ana Clésia Santiago, Ana Maria H. de Carvalho, Bianca Danielle Pinheiro, Daniela Valquiria, Darlisi Nolasco Brum, Gregory Polo, Guilherme Alves, Jury A. Dall’Agnol, Luiz Lindroth, Michele Capote, Renata S. Joppert, Tainan Zanferrari e Thiago Daher.

Coordenação Maikon Augusto Delgado

Produção Thiago Daher

Capa Gregory Polo



Este trabalho está licenciado sob a licença Creative Commons Atribuição Não Comercial Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

Sumário

Prefácio – A mecânica dos líquidos, por Maikon Augusto Delgado

Capítulo 1 – A descoberta, por Darlisi Nolasco Brum

Capítulo 2 – Um dia atípico, por Luiz Lindroth

Capítulo 3 – Noite fria, por Thiago Daher

Capítulo 4 – Laços, por Ana Maria H. de Carvalho

Capítulo 5 – Limite, por Michele Capote

Capítulo 6 – O encontro no jardim, por Ana Clésia Santiago

Capítulo 7 – Diferentes formas de dizer adeus, por Guilherme Alves

Capítulo 8 – O pássaro, por Daniela Valquiria

Capítulo 9 – Passagem para o Taj-Mahal, por Ale Dossena

Capítulo 10 – Os últimos raios do sol poente, por Gregory Polo

Capítulo 11 – Um flash de luz numa noite sem fim, por Gregory Polo

Capítulo 12 – Medidas extremas, por Guilherme Alves

Capítulo 13 – Noite adentro, por Jury A. Dall’Agnol

Capítulo 14 – Viúva, por Tainan Zanferrari

Capítulo 15 – O quinto assassinato, por Renata S. Joppert

Capítulo 16 – Padrão entre as mortes, por Renata S. Joppert

Capítulo 17 – O encontro, por Bianca Danielle Pinheiro

Capítulo 18 – Temos tão pouco tempo, por Bianca Danielle Pinheiro

Capítulo 19 – Três partes de uma verdade, por Ana Maria H. de Carvalho

Prefácio

A mecânica dos líquidos

por Maikon Augusto Delgado

Prefácios muitas vezes atrapalham a leitura de um texto ao oferecer informações demais sobre o processo de escrita, sobre os autores ou até mesmo sobre a trama que o leitor vai encontrar. Não é o caso deste prefácio. É justamente esse tipo de informação que será imprescindível para o bom entendimento do que você, leitor, vai encontrar na próxima centena de páginas. Grande parte do apelo deste livro é precisamente o seu processo de criação e escrita.

Começemos pelo princípio. Ao folhear o sumário, você deve ter encontrado uma relação de 19 “itens”, intitulados capítulos, cada qual, em sua maioria, com um autor diferente. Talvez tenha passado pela sua cabeça que isto que aqui se segue é uma coletânea de contos esparsos de distintos autores. Pois saiba, desde já, que não se trata disso. Tampouco é um compilado de pequenas novelas ou textos dos mais variados gêneros sobre um mesmo tema. O que você tem agora entre as suas mãos é, pasme, um único romance, com começo, meio e fim, idealizado e escrito por mais de uma dezena de cabeças.

Entre si, o grupo concebeu, arquitetou e organizou todos os elementos necessários para a construção desta trama com ares de policial: desde o esqueleto estrutural do livro, com tipo de narrador, ponto de vista, estilo, linguajar, até o delineamento dos personagens, de suas histórias de vida, desenvolvimento da investigação e desfecho final, passando por uma organização temporal da trama cena por cena e, posteriormente, capítulo a capítulo. Para as 120

páginas deste livro, outras 30 foram trabalhadas por todos durante a preparação.

É claro que, com tantas pessoas trabalhando e com o escasso tempo que possuíamos, inconsistências ainda acabaram prevalecendo, mas isso não é um desmérito do texto, e sim o que o faz tão especial e único por seu caráter experimental.

Nos últimos anos, cada vez mais tentativas semelhantes têm sido feitas na literatura. Maneiras diferentes de contar uma história. A fluidez da modernidade líquida abre brechas para experimentações como esta. Sujeitos (ou agentes, se preferirmos) individualizados que se encontram livres, e ao mesmo tempo “pertencentes” (a um grupo que lhes dá sentido), fortalecidos pela tensegridade gerada que a própria proposta colaborativa (mas ainda individualizante) proporciona. Em outras palavras, muito embora o grupo tenha arquitetado o texto de maneira coletiva, a cada um dos 13 autores ainda lhe foi dado a oportunidade de explorar sua criatividade dentro de um universo relativamente pautado.

É natural, pois, que a concisão de um livro desse feito seja menor que o de um livro elaborado por uma única pessoa. Por outro lado, acaba ganhando com a diversidade e riqueza de mais de uma dúzia de matizes narrativos oriundos dos seus autores. O resultado é, no mínimo, inusitado, e deveras instigante para aqueles que veem a literatura não mais como algo “consolidado”, mas sim como uma arte em profundo estado de transformação.

Essa pauta, mencionada anteriormente, serviu como guia para os autores, com desglose do conteúdo de cada capítulo, marcas narrativas a serem respeitadas e pontos que deveriam ser abordados em prol da continuidade da trama. Todos esses aspectos fizeram as vezes de prumo para essa frota, sem, no entanto, cercear as liberdades. Prova disso é multiplicidade de abordagens e saídas narrativas que se pode encontrar ao longo desta leitura.

Sendo assim, deixo você, caro leitor, com este “livro-experimento”. Peço que saiba relevar as suas fraquezas inerentes e espero que encontre deleite em suas páginas.

Capítulo 1

A descoberta

por Darlisi Nolasco Brum

Na página policial da Tribuna sangrenta, uma pequena notícia demonstrava que o corpo havia sido encontrado: empresário encontrado morto em sua casa, suspeita de suicídio!

A diarista chegou à casa de Iago. Como de costume, bem cedo toda terça-feira às 8h ela estava lá. Só que hoje foi diferente. Ao abrir a porta, Ela sentiu um odor muito forte, que lhe causou náuseas. Entrou e foi seguindo o cheiro. A casa parecia estar do jeito que havia deixado na semana anterior: nada fora do lugar, exceto pelo forte cheiro vindo do quarto.

Na imensa cama de casal, jazia o corpo de seu patrão de tantos anos, Iago! O corpo já estava em decomposição, muito sangue ao redor e uma faca ao lado do corpo.

Não mexeu em nada, não sabia o que fazer. Muito nervosa e tensa, ligou para polícia. Não restava mais nada fazer. Levou cerca de 50 minutos para os carros da polícia aparecerem. Os minutos de espera até a chegada da polícia pareceram uma eternidade.

Os policiais andando de um lado para outro, e fazendo muitas perguntas. Não tinha muito a dizer. Iago tinha ficado viúvo havia menos de um mês. Viu-o pela última vez na semana anterior. Estava muito abalado com a perda da esposa. Trabalhava para ele havia muitos anos, desde a época que Ele ainda era estudante.

Tudo indicava um suicídio: pulsos cortados, sangue ao redor dos pulsos, uma faca encontrada ao lado do corpo. Este já em de-

composição demonstrava que estava ali já havia alguns dias. Foi levado para o IML.

(uma semana antes)

Agora finalmente Ele descansou e está junto com a família. Ontem à noite agi por impulso, mas ele estava tão catatônico depois de tantos acontecimentos e tantas descobertas nos últimos dias. Iago foi um dos meus primeiros pacientes, desde que abri a minha clínica.

Atendo ele aqui já faz quase três anos. Veio perdido. Nos conflitos dos anos iniciais do casamento, amava muito a esposa, Aninha, como se referia a Ela, mas agora, ele frágil e solitário como é, não conseguiria seguir em frente sozinho. Viverá uma vida triste. Preso a um sonho que não se realizará.

O desespero dele salta aos olhos, está sem perspectiva de vida. Que lhe resta, além da morte?

Tenho acompanhado as desventuras de sua jornada e todo impacto que tudo isso trouxe para sua vida. Mas desta vez foi diferente. Sei que ele não aguentaria a barra por muito tempo sozinho. Sei que fiz a coisa certa.

Ele estava com o mesmo olhar perdido e agonizante de Pedro em seus últimos dias de vida, e desta vez eu pude ajudar. Eu sabia que tinha que fazer alguma coisa e urgente. Vinha evitando intervir no sofrimento das pessoas havia anos.

Aquela cama grande que devia estar com aqueles lençóis desde que Ela se foi. A casa estava arrumada e limpa, deve ter alguém que vai lá limpar, não sei com que frequência, provavelmente será essa pessoa que encontrará o corpo dele. Daqui a dois dias ou talvez uma semana, não sei nem quero mais pensar nisso, já fiz e não posso voltar a trás. Não havia pensado nisso antes, quem encontrará o corpo? Como será feito o enterro, será que sentirão falta dele na empresa? Lembro que ele me disse que havia antecipado as férias.

Por que não consigo esquecer? Achei que seria fácil, que eu iria ajudar e seguir em frente.

Marcamos um happy hour, encontramos-nos num bar desconhecido. Fomos lá depois que encerrei o expediente aqui na clínica. Foi ideia dele sair para beber. Precisava ajudar de alguma maneira e decidi acabar com o sofrimento dele. Não posso mais agir por impulso assim, mas sei que fiz o que tinha que ser feito.

Boteco de bairro, rua sem câmeras, sem vigilância, ninguém nos conhecia no local. Os carros ficaram estacionados um pouco longe, um bem distante do outro. Chegamos em separado no bar. Tomei muito cuidado, um calmante, algo leve de efeito lento, que não apareceria em um exame.

Foi muito fácil, batizei a bebida dele. Bebemos conversamos e no início da madrugada fomos embora. Fui seguindo-o para dar a segurança de que chegaria em casa bem. Isso foi o que ele pensou.

Ele morava em uma rua tranquila no bairro Vila Izabel. Por sorte minha uma das poucas ruas sem vigia noturno daquele bairro.

Entrei junto com Ele, ajudei-o a se ajeitar na cama. Já estava sonolento por causa do remédio. Não custou muito a adormecer. Ali na cama mesmo, para ele ficar confortável, enquanto dormia o sono dos inocentes, cortei-lhe os pulsos, um corte certo conforme aprendemos nas aulas de faculdade de como não fazer. Muito sangue escorrendo de seu corpo. Em minutos Ele se foi, nem sentiu nada. Peguei o primeiro livro que encontrei no quarto, escolhi a página certa e levei-a comigo. Estava feito. Agora é seguir em frente.

Com a página em mãos, bate a dúvida, incerteza, remorso. Foi um ato impulsivo, sei disso. Já refiz todos os passos da noite anterior, passando por cada detalhe, tinha deixado toda a cena montada, tirei todas as impressões digitais, limpei tudo, não, não tem como descobrirem. A faca estava com as impressões dele, deixei caída ao lado do corpo.

Se alguém descobrir, posso perder minha licença médica, mas preciso ajudar as pessoas, só tenho que ter mais cuidado.

Aqui nesta sala, lembro-me dele em mais uma seção relatando o sofrimento dos seus últimos dias de vida.

(consulta uma semana antes da morte)

O enterro foi semana passada! Ainda não acredito e não entendo por que ela fez isso comigo? Por que ela fez isso com ele? Por que ela fez isso com ela?

Fiquei uma semana sem saber o que fazer, minha vida perdeu o sentido. Estávamos casados há cinco anos e ela sabia do meu desejo de ser pai. E eu acreditava que ela partilhava desse desejo comigo. Mas não ela ficou grávida, não me contou nada, escondeu de mim o meu maior sonho.

Era fim de tarde estava chegando em casa quando recebi aquela maldita ligação.

Foi um susto muito grande, a pior da minha vida. Saber que minha esposa estava no hospital entre a vida e a morte. Não me disseram nada por telefone, ela estava no Hospital Evangélico, do outro lado da cidade. Nem sei como consegui dirigir até lá, depois de muito falar e conversar, consegui contato com o médico que estava cuidando dela, chegou todo bravo me criticando por tê-la deixado fazer isso e não ter acompanhado, e eu sem saber que estava acontecendo, até que por fim ele me disse que ela deu entrada no hospital com uma hemorragia muito forte, por causa de um aborto provocado. Foi um choque muito grande pra mim, ali meu mundo desmoronou. Por quê? Ele disse que a gestação estava avançada, ela já estava com quatro meses! Como eu não percebi nada? Era um menino! O meu menino, o meu herdeiro.

O nome dele seria Miguel, ou Beatriz se fosse menina. Mas não ela escondeu de mim, foi lá e matou ele, em uma clínica clandestina, nem sei onde ela fez isso, só sei que ela foi deixada na porta do hospital com hemorragia intensa. E nessa brincadeira de mau gosto dela, acabou perdendo não só o bebê, mas também perdeu tudo,

sua vida, meu bem mais precioso.

E agora como eu fico? Ela era tudo pra mim, estou sem chão, sem rumo, sem vontade de viver.

Junto com ela e com o Miguel foi-se embora junto o meu sonho de ser pai.

Preciso voltar pra a empresa, não posso deixar nas mãos de funcionários, mas também não sei se quero continuar, lutei até aqui pra quê? Pra nada!

Estávamos planejando uma viagem nas próximas férias, que seria em julho. Iríamos para o Caribe, nossa primeira viagem internacional.

No dia que ela morreu, tomamos café da manhã juntos. Ela estava nervosa, ansiosa, parecia que tinha algo a dizer. Ficamos de nos encontrar no restaurante onde almoçávamos juntos todos os dias.

Ligou dizendo que tinha um compromisso de última hora e que não conseguiria chegar a tempo.

Iago, 37 anos, loiro, alto forte musculoso, filho de bancário, e uma mãe zelosa que o criou com todo amor que uma criança poderia receber.

Ex-atleta da liga paranaense de vôlei, jogou vôlei desde os sete anos de idade. Sua vida foi sempre voltada ao esporte, até que um acidente em campo o afastou definitivamente da vida esportiva. Nessa época teve o apoio dos pais e conseguiu dar a volta por cima e mudar os planos para o futuro. Voltou a estudar, entrou pra faculdade e virou economista. Começou em um escritório de contabilidade e em cinco anos conseguiu abrir seu próprio escritório, com muito esforço para seguir em frente. Aos 30 anos conheceu Ana Vitória, com quem se casou dois anos depois.

Ambos eram economistas, mas optaram por caminhos diferentes no trabalho. Iago tem um histórico de vida de tropeços, perdas e superação.

Aos 19 anos seu mundo caiu quando teve que abandonar a carreira esportiva e seus sonhos para o futuro. Em uma disputa pela bola caiu e teve fratura exposta no braço esquerdo, o que para um jogador de vôlei é fundamental, braços fortes e ágeis.

Aos 23 anos, antes de formar na faculdade, perdeu seus pais em um trágico acidente automobilístico. Em um feriado de 7 de setembro, feriado prolongado em Curitiba, descendo a Serra da Graciosa, o carro perdeu o controle e despencou morro abaixo. Somente Iago sobreviveu. Era filho único, então a partir desse momento ficou sozinho no mundo sem família, apenas ele. Foi uma barra muito pesada seguir sozinho, tornou-se uma pessoa séria, reservada e solitária, dedicou-se totalmente aos estudos, e após a formatura dedicou-se com afinco ao trabalho.

Quando conheceu Ana Vitória, sua vida ganhou cor, outro sentido. Ele passou a sonhar de novo como na época do vôlei. Agora ele estava fazendo planos novamente.

Aparentemente partilhavam do mesmo desejo de ter filhos, construir uma grande família, por ser filho único sempre foi muito solitário, o pai era bancário de uma grande rede e mudaram de estado algumas vezes ao longo de sua vida, sempre teve poucos amigos, sua única paixão era o vôlei, nele esquecia tudo, até mesmo a vida solitária que levava ao lado de seus pais.

Ana Vitória, por sua vez, viu em Iago a segurança que ela tanto buscava.

Era nortista de Porto Velho, no Acre, morena clara, baixa, olhos e cabelos escuros. Eram o oposto um do outro, mas faziam um belo casal. Veio para Curitiba estudar e em busca de um futuro melhor para si. Não queria ter a vida que tinha sua família, mãe, tias e primas. Casavam cedo, em busca de proteção, tinham muitos filhos, pois assim teriam mão de obra pra ajudar na lavoura.

Veio sozinha, era a irmã número cinco de um total de nove irmãos. Veio com a cara e a coragem, passou por muitas dificuldades,

e aqui fez de tudo um pouco para poder estudar. Diarista, babá, recepcionista e até garota de programa. Adepta a noitadas com álcool, drogas e orgias sexuais. Teve muitos namorados, morou com alguns, dividiu casa com algumas colegas, morou em quarto de pensão e chegou a passar algumas noites em albergue nos períodos mais difíceis, a faculdade que seria feita em quatro anos levou quase sete para concluir.

Com muito esforço terminou a faculdade, conseguiu um estágio, onde conheceu Iago.

Casou-se, mas nunca esteve em seus planos de vida ter filhos. Não o amava, mas gostava da companhia dele, era agradável, educado prestativo, bem diferente dos seus antigos namorados. Nunca contou a Iago seu passado, sempre omitiu muitas coisas, contava apenas o que sabia que ele gostaria de ouvir. Sempre evitou filhos, desde os 13 anos de idade, já tomava anticoncepcional, mas não costumava usar preservativos.

O destino resolveu brincar com ela, e devido à falha em um dos laboratórios acabou tomando os fatídicos anticoncepcionais de farinha o que resultou em uma gravidez indesejada por ela. Ficou desesperada e, ao realizar exames de sangue, descobriu que era portadora do vírus da AIDS e que seu filho poderia também nascer contaminado. Como ela iria contar essa tragédia para Iago, dizer que estava grávida e que estava contaminada e que a criança tinha risco de nascer também contaminada? Ele não a merecia como esposa, mas ela sabia muito bem agradá-lo. Ela não estava disposta a gerar uma criança que traria tanto sofrimento a ambos. Ele não merecia um filho com AIDS, nesse desespero desatinado dela, em nenhum momento chegou a pensar que ele também poderia estar infectado.

Decidiu omitir a gravidez e foi em busca de uma clínica ali na Praça Zacarias bem no centro da cidade. Décimo quinto andar de um prédio comercial, muitas mulheres ali querendo se livrar de um feto, e eles lá cobrando o máximo que conseguiam das pacientes, por telefone lhe passaram que o preço era de acordo com o avanço da gestação e que quanto mais semanas maiores os riscos, paga-

mento adiantado em dinheiro. R\$5 mil reais o preço que ela pagou pelo início da sua morte. A clínica é clandestina, mas todo mundo sabia da existência...

O enterro foi uma cerimônia simples, com poucas pessoas, já que ambos tinham poucos amigos e nenhum familiar em Curitiba. Ela foi colocada no mesmo túmulo onde estavam seus pais. Ali ele deixava seus entes mais queridos.

Ela morreu no início da noite e o velório ocorreu durante a madrugada e toda manhã. No início da tarde foi o enterro, lá estava ele e alguns poucos amigos. Ele escolheu a roupa mais bela para ela: um vestido de cetim florido, que havia dado de presente em seu último aniversário, azul-claro com pequenas florzinhas amarelas, e uma sandália de salto baixo, amarela. Pediu uma maquiagem bem suave e deixou os cabelos soltos. Dentro do caixão, junto ao corpo dela, um frasco com o feto, que ele fez questão de enterrar junto com ela.

(última consulta no dia da morte)

Semana passada, tive coragem de abrir a bolsa dela, estava lá no sofá desde que peguei no hospital, não tinha coragem de abrir e ver o que tinha dentro. Tinha vários exames médicos. Como não entendo bem disso, marquei uma consulta e levei os exames dela. Foi um susto grande para mim descobrir que ela estava com AIDS. Desde então não consigo mais trabalhar, tirei férias. A conselho do meu médico, fiz os exames e o resultado foi cruel: eu também estou com o vírus. Por que ela não me contou? Por quê? Estou com o vírus em mim, não sei desde quando e posso adoecer a qualquer momento, não sei o que será de mim. Agora eu estou só, órfão, viúvo, sem filhos e com essa doença rondando minha vida à espreita, esperando pra me golpear. Diga-me o que poderia ser pior?

Eu teria apoiado, ajudado... Agora não me resta mais nada.

Capítulo 2

Um dia atípico

por Luiz Lindroth

A previsão do tempo dizia, na noite anterior, que o dia começaria ensolarado e quente. Mas as nuvens por trás das cortinas do quarto mostravam um cenário diferente, escuro e frio para aquela hora da manhã. Era, realmente, uma pena que Curitiba não gostava de seguir a previsão do tempo; o clima instável e da cidade nunca se cansava de pegar seus cidadãos de surpresa. Não havia como Guilherme viver em uma cidade de personalidade mais diferente da própria.

O homem levantou-se meio emburrado da cama para pegar um roupão e proteger-se do frio que não estava planejado quando foi deitar-se na noite anterior. Desligou o despertador que ainda tinha perto de meia hora antes que precisasse tocar e dirigiu até a janela para abrir as cortinas. O dia cinzento estava combinando com o seu humor. O que faria com esses quase trinta minutos a mais no seu dia? Em sua agenda de horários eles eram reservados para o sono, se os usasse agora para qualquer outra coisa arruinaria toda aquela quarta feira. Estava começando um dia atípico, ele podia sentir. Não gostava de dias atípicos.

Gastou esse tempo andando pela casa e resmungando. Poderia ter sentado para ler, mas o horário de leitura era de noite e, ainda sonolento, não absorveria corretamente o conteúdo da tese de doutorado que estava lendo. Tomou banho e café da manhã nos horários corretos, sempre pensando no que poderia economizar meia hora do seu dia para repôr esse tempo de sono perdido quando fosse

dormir.

— No horário do almoço, talvez, sim... – murmurou sozinho no meio da cozinha, enquanto cortava uma maçã para comer junto da xícara de café preto.

Lavou as louças, vestiu-se e saiu. A casa, limpa e organizada como poucas, entrou na calmaria da solidão. Não havia esposa, filhos ou animais para perturbarem a organizada vida de Guilherme. Assim era melhor, ele não gostava muito de pessoas fora do círculo profissional. E sempre sentiu que fosse uma relação recíproca.

Levantou se espreguiçando depois de desligar quatro alarmes de soneca do despertador. Com uma pantufa de bichinho digna de uma adolescente de 15 anos, andou até a janela do apartamento e abriu as cortinas para olhar como estava amanhecendo o dia curitibano. Frio e cinza.

— Ah, não! Eu finalmente comecei a correr de manhã, você não vai me impedir! – apontou um dedo para o céu nublado.

Bufou indignada e jogou um cobertor por cima do corpo para ir até a cozinha. Com um bocejo exagerado, ligou a cafeteira e foi tomar um banho bem quente para acordar e ficar confortável.

Quando voltou, já vestida para se exercitar, bebeu o café com leite sem nem ao menos sentar-se e saiu antes que perdesse o ânimo. Largou a xícara na pia junto com a louça da janta do dia anterior. Trinta segundos depois entrou novamente no apartamento, pegou o lixo reciclável e saiu mais uma vez.

— Quase esqueci de você de novo. – falou para o saco plástico enquanto fechava a porta.

Mesmo morando do lado de um dos maiores parques de Curitiba, demorou anos para começar a correr. Mas agora que estava pegando gosto pela atividade, se sentia contrariada quando não conseguia passear. É claro que, de vez em quando, não ia simplesmente por estar sem vontade. Mas estava fazendo um esforço para criar uma rotina saudável. O parque, naquela hora do dia, estava sem-

pre meio vazio, mas naquela quarta-feira fria era possível escutar os próprios passos batendo no calçamento que circundava o lago. Isso, claro, se ignorasse o barulho dos carros passando na rodovia ao lado.

Uma corrida de meia hora em ritmo leve a fez se sentir mais disposta para encarar o dia e menos culpada pela pizza quatro queijos que havia comido na noite anterior.

— Pelo menos a pizza era gostosa. Já o cara, que enganação, meu deus. — riu pra si mesma do desastre que fora o encontro de terça de noite.

Ao voltar para o apartamento, tomou mais um banho para lavar o suor e jogou a roupa no cesto que já transbordava.

— Tenho que lavar isso aí — olhou para as roupas sujas acumuladas no cesto — Ai, que saco.

Sacudiu a cabeça e olhou na direção do espelho do banheiro.

— Vamos, Diana. Haja como a adulta que você agora é. — falou com uma voz mais grave enquanto dava de dedo para o próprio reflexo.

Soltou uma risadinha debochada e se vestiu, agora para ir trabalhar. Alinhou o terno, ajustou o salto e deu uma última escovada nos cabelos. Quando saiu de casa, lembrou que tinha esquecido de fechar a janela do quarto.

— Ah, acho que não chove hoje, não.

Guilherme entrou correndo no restaurante para fugir da chuva que caía torrencialmente sobre a capital paranaense. Aquela chuva também não estava na previsão meteorológica e, a essas horas, isso era apenas mais um dos itens que o deixavam de mau humor.

A começar pela meia hora de sono perdida, o que automaticamente o obrigava a perder meia hora de almoço, outros imprevistos mudaram completamente toda a sua agenda do dia. Um acidente sério envolvendo um ônibus e um ciclista criara um congestionamento enorme na ida para a clínica onde atendia. Dois pacientes

desmarcaram seus horários no período da manhã porque “estava frio” e um terceiro remarcou a consulta para o último horário do dia, aquela meia hora preciosa que estava livre e que ele planejava usar para ir para casa mais cedo. Isso tudo acarretava em ter que reorganizar toda a papelada que usava para manter registro dos pacientes atendidos. Sem contar que precisou redigitar a sua agenda virtual. Uma poça que era mais funda do que aparentava ser o fez afundar o sapatênis até a metade na água suja do centro quando corria até o restaurante. Teria que passar o resto do dia com as meias molhadas porque, como não havia aviso de chuva, não havia trazido o tradicional par extra dentro da mochila.

Um dia atípico, de fato. Ah, como ele odiava dias atípicos. Pelo menos ele sabia que era quarta-feira, dia de camarão no restaurante que almoçava... não, espera, sem camarão hoje. Uma plaquinha no início do buffet avisava que os camarões estavam em falta por hoje.

Perfeito. Simplesmente perfeito.

Agora, a única coisa que queria era poder almoçar sem ser incomodado. Um pouco de paz, ao menos, enquanto encarava derrotado esse maldito dia atípico. Sentou-se em uma mesa afastada, muito mal-humorado, e suspirou antes de começar a comer.

— Guilherme? – uma voz feminina levemente familiar o chamou.

Guilherme travou. Essa voz ele não ouvia há alguns anos. Ao que parece, as surpresas daquela quarta-feira ainda não haviam terminado. Ele se virou lentamente para encarar o rosto curioso de Diana.

Diana se arrependeu amargamente de deixar a janela do quarto aberta quando, ao pisar para fora da clínica, uma tempestade começou a castigar Curitiba. Se abrigando na pequena cobertura da entrada de onde trabalhava, ainda estava em dúvida de onde almoçaria. Local de trabalho novo, não conhecia bem o que havia por perto para almoçar. Poderia ter pesquisado antes de sair, mas gostava

va de surpresas. Pegou um guarda-chuva emprestado com a recepcionista que era simpática (não gostava muito da outra) e começou a andar em uma direção aleatória para achar um restaurante.

Achou um que parecia perfeito. Bonito, cheio e bem arrumado. A placa dizia que o preço não era dos mais caros, também. Com um sorriso de satisfação, entrou alegre. Quinze segundos depois saiu com uma careta estampada no rosto. Na segunda mesa depois da porta estava o cara da noite anterior almoçando com alguns amigos. Saiu de fininho antes que fosse percebida.

“Nota mental: sair apenas com pessoas que trabalham longe”, pensou.

Andou mais umas duas quadras a esmo, cuidando para não pisar nas poças de água traiçoeiras que poderiam arruinar o salto e a barra da calça. Vê-la desviando, de salto alto, das poças sem escorregar no chão escorregadio era como assistir uma dança. Havia despreocupação e leveza no andar.

Finalmente achou mais um restaurante que parecia um bom lugar. Estava logo após uma poça de água suja bem enganosa, daquelas que parecem serem rasas quando, na verdade, são fundas o bastante para sujar todo o seu calçado. Através da porta de vidro, conseguiu enxergar um aviso que dizia “Estamos sem camarão hoje, pedimos perdão pelo inconveniente”. Que pena, mas o resto das comidas pareciam saborosas mesmo assim. Entrou tranquila, sabendo que não encontraria ninguém ali que conhecia.

Estavam sentados um de frente para o outro, iam colocando o papo em dia enquanto comiam. A curiosidade de saber como o outro estava era maior que a fome.

— Meu deus, quem diria, né? Eu não sabia que você trabalhava por aqui. Faz tanto tempo que a gente não se fala. Como estão as coisas? Onde que você tá trabalhando? – Diana fez essas e mais outras cinco perguntas para um Guilherme meio zonzo.

— Está indo tudo bem. Trabalho em uma clínica a umas três

quadras de distância daqui, não é o lugar dos meus sonhos, mas está bom para um psiquiatra em começo de carreira – decidiu responder apenas as duas primeiras perguntas. Ele sabia que ela faria mais, de qualquer forma.

Diana o continuou olhando com um sorriso animado no rosto, enquanto comia o macarrão. Ela esperava que ele desse continuidade para a conversa.

— E você? – perguntou Guilherme, agora se lembrando como era a colega de faculdade.

Ela sorriu o tanto que podia estando com a boca cheia de comida, engoliu, respirou e deu início ao relato.

Foram, para ele, vários minutos de uma história que se iniciou após o fim da residência dos dois. Passaram pelo retorno dela para casa por alguns meses antes que achasse algum emprego, o retorno dela para Curitiba para trabalhar em um hospital e a recente mudança de emprego para uma clínica também na região central onde ela ganharia um pouco menos, mas que sentia que lá teria alguma chance de evoluir na carreira. Tudo isso recheado de detalhes triviais que ele não sabia se, de fato, faziam alguma diferença para a narrativa. Principalmente a parte final onde ela relatava que havia entrado naquele restaurante por acaso porque a primeira opção estava riscada da lista por algum tempo.

— Por quê? – ele arriscou.

— É que ontem eu saí com um cara e ele tava lá, almoçando – Diana deixou um sorriso amarelo depois de dar um gole no suco de laranja.

— Não foi dos melhores encontros, pelo jeito.

— Deus me livre, não! Era todo certinho. Ficava puxando umas conversas chatas sobre cinema iraniano e filósofos russos. Isso sem contar que beijava muito mal, não sabia o que fazer com as mãos – no meio do relato, ela parou e olhou para Guilherme. Gente, será que eu saí com você e não percebi?

Ele engasgou com a folha de alface e ela começou a gargalhar.

— Como... como você sabe que eu beijo mal? – falou, ainda tossindo.

— Não sei. Quer dizer, agora que você admitiu eu sei – e, antes que ele respondesse, emendou. Essa parte pode até não ser verdade, mas todo o resto é, né? Você ainda gosta dessas coisas de metido a intelectual?

— Não tanto quanto antes – ele negou, com uma careta. Até que gostaria, mas hoje em dia eu foco muito mais na leitura de teses de doutorado.

— Se preparando para sua própria?

— Não tenha certeza ainda, talvez sim – ele deu de ombros.

— Mas isso é uma novidade! Você, em dúvida? Sempre achei que tivesse tudo planejado. Agora eu fiquei surpresa.

Guilherme riu com sinceridade. Ela conseguia deixar ele desconfortável de vez em quando, mas sempre ria com o senso de humor dela. Ele não tinha isso e admirava essa qualidade em Diana.

— Pois é. Ao que parece não estou mais tão certo da minha grandeza quanto na época da faculdade, não é mesmo? A vida real se encarrega de destruir isso aos poucos.

— Nossa, que sombrio. Mas é meio verdade, sim. A gente vai se perdendo na rotina, né? Os dias vão passando e a gente nem se toca. Aí, quando vai ver, já somos outras pessoas.

— Menos você – Guilherme apontou com o garfo para ela.

— Como assim?

— Do que estou vendo agora, você continua bem igual a quando nos vimos da última vez.

— Vai ficar me analisando durante o almoço agora? Eu não vou te pagar, hein? – Diana falou em tom risonho.

— Não, não. É só opinião pessoal, mesmo – ele respondeu sacudindo a cabeça, com um leve sorriso. A sua atitude pra mim continua igualzinha.

Diana rolou os olhos e bufou, impaciente.

— É o que todo mundo fala quando eu volto pra visitar o pessoal lá em União da Vitória. “Ainda fala que nem menina”, “Você já tá com 30 anos”, “Quando vai se acomodar?”. Não é a toa que eu não visito eles com tanta frequência.

“... o pessoal lá em União da Vitória.”

Lembranças vieram a cabeça de Guilherme. O tom alegre de conversa com uma amiga de faculdade deu lugar a uma pergunta apreensiva.

— E como é que está o ... “pessoal lá de União”?

Diana entendeu a pergunta.

— Não sei, faz tempo que não visito eles. Acho que só os vi umas duas vezes depois que fomos juntos pra lá – ela também mudou o tom da voz, era agora melancólico.

— E você chegou a visitar...

— Não – ela interrompeu a pergunta. Não consegui, não tem como.

— Entendo...

O silêncio tomou conta da mesa. As memórias daquela viagem e dos motivos que a causaram invadiram a mesa. A distância entre os dois até aquele momento era, em grande parte, por causa daquilo tudo que acontecera.

— Olha, Diana, sobre o que eu te contei quando a gente tava no ônibus daquela vez...

Ela deu um sorriso educado e abanou com a mão.

— Esquece, tá? Já faz um tempo agora e não adianta ficar revirando o passado. Além do mais, pensando agora, achei muito legal de você confiar em mim a ponto de me contar.

Um clique se fez na cabeça de Guilherme.

— E se a gente voltasse a dividir coisas?

— O quê? O que você fez agora?

— Não, calma, não fiz nada. Mas é que você me lembrou de algo que eu tava comentando com um colega lá da clínica.

Diana permaneceu quieta, esperando um desenvolvimento para a história.

— Ele falou que estava com vontade de achar um grupo de estudos entre psiquiatras. Para dividir alguns casos dele e ouvir sobre casos de outros profissionais também. Ele queria encontrar uma roda de discussão, vamos dizer assim.

— Tá. E daí?

— Vamos criar a nossa própria. Se você entrar, seremos três já.

Diana encostou-se na cadeira e avaliou a proposta. Não era má ideia. Estudar casos de terceiros de certa forma seria mais agradável do que ler relatórios e livros. Sem contar que, às vezes, uma eventual opinião externa sobre seus casos poderia ser vantajoso. E ela sabia que Guilherme realmente achava uma boa ideia. Ele nunca proporia um encontro entre pessoas se não visse vantagem nisso.

— Quer saber? Gostei! – respondeu, abrindo uma vez mais o sorriso.

Ele sorriu de volta, aliviado por algum motivo.

— Eu tenho um conhecido que talvez ele e a esposa queiram participar também. São mais experientes já, farão uma boa adição a esse grupo.

— Perfeito! Então está decidido. Vamos criar um grupo de estudos para dividirmos casos e opiniões.

Guilherme estufou o peito, satisfeito.

— Agora preciso voltar, meus horários hoje estão todos bagunçados.

Guilherme entregou um cartão de visitas com as informações de contato para Diana e pediu para que ela avisasse o quanto antes sobre o casal de conhecidos. Se despediu com um abraço que, pra ele, podia ter durado menos e se retirou. Quando estava saindo do restaurante, pisou novamente na poça e molhou o outro pé. Dessa vez, no entanto, não reclamou tanto. Estava, de uma forma bem estranha, satisfeito com aquele encontro.

Estava sendo, de fato, um dia bem atípico.

Capítulo 3

Noite fria

por Thiago Daher

O frio de Curitiba sempre faz Diana repensar sua agenda noturna. Quinta é o dia do grupo de estudos, mas hoje ela queria que fosse uma noite de filmes e cobertores. Ela aperta o interfone sem muita convicção. O vento cortante do final de junho a faz pensar sobre a última década, quando começaram a se encontrar na pequena sala com chão de porcelanato na Padre Anchieta. O imóvel que a clínica de Guilherme agora ocupa deixou obsoleta a discussão sobre onde os encontros ocorreriam dali em diante. O zunido da abertura da porta a traz de volta à realidade.

Ao chegar no lobby interno, a secretária apenas faz sinal para ela entrar. Ela caminha por um corredor largo, com uma iluminação suave que faria qualquer um sentir-se melhor depois de três passos. Chegando ao fim, entra na sala à sua direita, ainda vazia. São cinco poltronas confortáveis dispostas em círculo. Num balcão ao fundo, duas garrafas térmicas, chá e café, como sempre. Guilherme chega. Logo depois Arthur, Vera e Cristóvão. Todos começam a tirar os casacos e cachecóis. Pelo menos um pouco o frio parece incomodar a todos.

“Eu sei que você sempre pede pra deixarem tudo arrumado, Gui, mas hoje você podia ter pedido pra encherem uma dessas garrafas com quentão”, diz Vera. Todos riem.

“Se você trouxe a garrafa de conhaque que você ganhou ano passado, a gente pode batizar a garrafa do café”, responde Guilherme.

Depois de todos acomodados e as amenidades sobre as últimas semanas fora do caminho, a conversa para qual todos vieram pode começar. O grupo de estudos sobre os casos de psiquiatria. Começaram a se encontrar logo depois de terminarem as residências e especializações. As regras ficaram claras logo nos primeiros encontros. Depois de algumas poucas e rápidas mudanças de integrantes, o grupo funciona bem há um bom tempo. Todos já se beneficiaram ao trocarem ideias sobre casos mais complexos. A única coisa que nunca fica mais fácil é quando perdem um paciente. Não é tão raro como as pessoas de fora imaginam.

Guilherme parecia inquieto, Diana percebe.

“Guilherme, você quer começar hoje?”, pergunta Diana.

“Sim, tenho um paciente novo e é um caso que nunca lidei antes. Ele tem um irmão gêmeo idêntico, e logo de cara percebi que a comparação constante e os problemas de identidade, de individualização, vão ser coisas que eu vou precisar abordar de uma maneira que ainda não sei como fazer”.

“Quantos anos ele tem?”, pergunta Cristóvão, um pouco mais velho que os outros, dono de um olhar tranquilo que sempre é porto-seguro para os amigos.

“Vinte e poucos”, responde Guilherme.

“Ele tem ideiação suicida?”, pergunta Vera.

“Acho que sim, mas não chegamos nesse ponto ainda. Tivemos apenas duas sessões”.

“Vocês lembram de uma paciente minha de uns dois anos atrás? Que tinha uma irmã bem mais nova e estava prestes a se mudar de cidade?”.

Alguns acenam que sim, outros permanecem em silêncio. Vera continua.

“Eu recebi uma ligação do meu amigo de Florianópolis. Ela tinha parado de consultar já faz uns bons seis meses. Ele tentou reestabelecer contato porque achava que o caso dela merecia um pouco mais de atenção. A família parecia meio incomodada e, quando trocaram o número de celular, ele ficou sem ter como proceder. Ela se suicidou um mês atrás. Ele também não soube de imediato”.

“Que triste, Vera, sinto muito”, é a oferta de consolo de Arthur, aparentemente o mais novo do grupo, mas isso não parece importar muito para o entrosamento.

Após a fala de Arthur, Cristóvão levanta, apoia a mão no ombro de Vera de um jeito carinhoso e se dirige à mesa do café.

“A sensação de impotência é grande, mas eu acredito que fiz o que pude. Uma pena não ter sido o suficiente”.

Vera tenta retirar o ar pesado da notícia que acaba de dar e tenta voltar ao paciente de Guilherme.

“Desculpa trazer essa informação assim, de repente, mas quis falar isso porque no caso dela, e agora eu realmente não sei se vocês lembram, mas ela tinha um problema muito grande em relação à irmã mais nova. Foi um caso raro onde a irmã mais velha começou a perder sua identidade e querer imitar o que a irmã mais nova fazia, mas a lacuna entre as gerações era muito grande. Pensando nessa questão da relação entre irmãs, imagino mesmo o quão complexo deve ser entre dois gêmeos adultos”.

“Muito”. Guilherme interjeita. “Uma das coisas que realmente o incomoda é que eles são idênticos mesmo. As pessoas não conseguem diferenciá-los se elas não os conhecem muito bem. Pra ele o fato de que se vestem de jeitos diferentes, que têm o corte de cabelo diferente, deveria ser suficiente pra não ser confundido. Ele diz que quaisquer pessoas com quem eles não convivem com frequência sempre confundem os dois. Pra piorar, eles ainda trabalham juntos, e, como fundaram um negócio há pouco tempo, as habilidades e conhecimentos dos dois se complementam. Ele fica inseguro por achar que não conseguiria fazer algo sem a ajuda do irmão, e também sente culpa por achar que não pode sair da situação atual e buscar outra coisa, porque aí deixaria o irmão na mão”.

Diana sorri. “Desculpa, mas irmão na mão”.

Guilherme pensa em retrucar, mas percebe que no fundo a frase é um pouco engraçada.

“Deixar a mão na mão realmente não é a melhor saída”, Arthur tenta fechar a piada. Todos esboçam um sorriso leve, e um silêncio momentâneo se instaura.

“Me parece que a questão principal vai ser essa com o irmão”, aponta Diana.

“Com certeza”, responde Guilherme.

Diana resolve continuar. “É um caso fascinante. Eu imagino que deva existir uma comparação constante, além da semelhança física, caso contrário talvez isso não fosse incomodar tanto, não?”.

“Tem, muita. Parece um caso de irmãos onde um é considerado o gênio e o outro é o incapaz. O curioso é que sinto estar tratando do gênio. É claro que pode parecer cedo pra emitir uma opinião como essa, mas é que esse caso e esse paciente não saem da minha cabeça. Eu sinto que ele sofre muito no dia a dia, e estar na presença do irmão parece ser uma fonte inesgotável de incômodo pra ele. O que ainda não consegui identificar é se ele culpa o irmão por isso, e também como o irmão vê ele. Ele até agora não falou sobre como o irmão vê ele, só sobre como ele vê o irmão e sobre como ele sente. Eu sinto que posso estar falhando como médico ao tentar saber mais sobre o outro irmão ao invés de prestar atenção no que o meu paciente tem me falado”.

A última frase de Guilherme faz com que todos tentem encorajá-lo. Acreditam que ele é um bom médico. No mínimo, a sala onde estão sentados mostra que algo ele está fazendo certo.

A conversa continua e se estende por muitas horas. Guilherme para de falar e cede a vez. Todo mundo contribui com suas análises, alguns outros casos menos interessantes são discutidos de forma superficial, mas o foco sempre volta ao caso dos gêmeos, já que as tentativas de tentar traçar paralelos são infrutíferas.

Diana olha para o relógio na parede – 23h14 – e resolve interromper.

“Desculpa, gente, mas eu preciso ir. Agora ficamos só pra depois do dia 15, né?”

“Sim”, responde Cristóvão. “Todo mundo confirmado?”

Todos acenam positivamente. Guilherme levanta e começa a distribuir os casacos que estavam em cima de uma pequena mesa. Todos se vestem e se preparam para enfrentar o frio.

“Sugiro que a gente faça o próximo encontro no meu quarto, aí

eu já fico embaixo das cobertas”, reclama Vera em tom jocoso.

No estacionamento, todos se despedem. Guilherme e Diana ficam por último.

“Te acompanho até o carro”, oferta Guilherme. Diana aceita.

“Você sabe se o irmão dele também está se tratando?”, pergunta Diana.

“Não sei”.

“E psicólogo, ele tinha ido?”

“Sim, foi o Roberto que me indicou. Lembra dele?”

“Era o que treinava contigo?”, indaga Diana.

“Aham. Fazia um tempo que a gente não se falava”, responde Guilherme. “O que me incomoda é que eu não consigo dimensionar o que ele fala. Às vezes parece que o sofrimento dele é enorme, às vezes parece que ele tá projetando um sofrimento que ele acredita ter, e às vezes parece que ele tá projetando algo que ele imagina que o irmão dele acha que é o que ele está sentindo? Faz sentido? Dá pra entender?”

“Não muito”, sorri Diana.

Guilherme percebe que já não está mas fazendo sentido. “Vamos embora, né? Depois a gente continua. Obrigado por hoje”.

“Imagina”.

Eles se despedem. Diana entra no seu carro, liga o ar quente e os faróis. Mesmo com o carro ligado, ela não se desloca. Guilherme fica olhando e faz um sinal com as mãos de “E aí?”, ela responde esfregando as mãos acima do volante como se dissesse que só se mexe a hora que esquentar um pouco. Guilherme balança a cabeça de um lado para o outro, sorri e vai embora.

Ao caminhar para o seu carro, ouve o carro de Diana partir e uma buzina leve. Acena. Depois levanta a gola do seu casaco para combater o frio. Entra em seu carro e repete as ações de Diana. Liga, ar quente, faróis, espera, esfrega as mãos. Ri pra si mesmo. A noite continua fria. Engata a marcha e sai.

Capítulo 4

Laços

por Ana Maria H. de Carvalho

Na biblioteca da universidade, o silêncio imperava. Afinal, término de semestre é uma fase desesperadora na vida de qualquer universitário. Naquele espaço amplo, cheio de poeira e alunos nervosos, sentados na mesa central, perto dos livros de anatomia onde a luz artificial fornecia uma melhor iluminação, a bagunça no grupo de estudos dos estudantes de medicina já era corriqueira. Guilherme, com a sua habitual carranca, encarava impaciente as anotações à mão, feitas na sala de aula.

— Porra, parece que vou me afogar em tanto papel – disse, apontando a pilha de papel no centro da mesa.

Diana o encarou com passividade. Ela já estava acostumada com essas explosões de mau humor do colega depois de três semestres.

— Eita, parece que alguém acordou de mau humor hoje – disse Pedro com o bom humor habitual.

— Acordar, Pedro? Isso significaria que eu dormi? Sono? Não sei mais o que é isso.

— Eita, que mau humor. Olha o lado bom, um dia tudo acaba. De preferência em uma cerveja bem gelada.

— Eita, eita, eita. Às vezes esqueço que você é da roça.

— Falou o menino fresco da cidade grande.

— Chico Bento da União.

— Viado cosmopolita.

Diana revirou os olhos enquanto os amigos continuavam com

a discussão inútil. Era assim toda vez que eles se reuniam para estudar... Conversar. Comer. Beber. Assistir TV. Sempre que ela se encontrava para sair com os dois era essa picuinha. Um provocava e o outro ia na onda. Por que os homens são criaturas tão infantis? Pedro nunca se comportava assim quando estavam os dois a sós.

— É por esse tipo de coisas que você tem essa fama de cuzão na uni, sabia? – Pedro apontou não tão delicadamente ao amigo.

— Pe! Olha os modos... – Diana já estava de saco cheio do comportamento dos dois. Foi assim que a tia te educou?!

— Isso mesmo, escute a mamãe, Pe.

— Você podia ser menos babaca, né, Guilherme? Não vê que nós todos estamos estressados com essa prova? Descontar nos outros não vai adiantar nada – Diana conseguia ser assustadora quando se estressava. Você também não está ajudando em nada, Pedro.

— Desculpe, Diana.

— Desculpa, maninha.

Acho que se eu fosse um país seria a Suíça, neutra nas brigas alheias, pensou Diana, revirando os olhos mentalmente.

— Vocês, homens, que falam entre si, sabem o porquê do mau humor do professor nesse semestre? Não lembrava dele sendo tão rígido.

Pedro e Guilherme se encararam com uma cara de culpados.

— O que vocês andaram aprontando?

— Ah... – começou Pedro. Acho melhor o menino da cidade grande explicar.

— Obrigado por me jogar na fogueira, aqui.

— Não fui eu quem deu em cima da namorada do nosso professor de anatomia.

— Então quer dizer que eu estou queimada com o professor por causa dos bonitos? Acho que aquele ditado melhor sozinha que mal acompanhada nunca fez tanto sentido – disse dando um suspiro dramático que fez os amigos rirem.

— E AÍ, GALERA! O QUE VOCÊS CONTAM DIBOM? – disse uma figura cabeluda de supetão, assustando os amigos e recebendo um olhar feio dos estudantes à beira de um ataque de nervos nos

arredores da mesa.

— Fala baixo, Renato! Estamos na biblioteca – repreendeu Diana, com aquele tom superior que só as mulheres sabem usar.

— Nossa, quanto bom humor, minha deusa.

Não era segredo para ninguém que Diana era o sonho de consumo de 11 entre cada 10 estudantes.

— Não começa. O que você quer, Renato? Estamos meio ocupados aqui.

— Eu sei que você também me ama. Só não descobriu ainda.

Diana revirou os olhos novamente. Pedro e Guilherme sempre se surpreendiam com a capacidade de ilusão e autoconfiança de Renato.

— Mas, enfim, esse domingo é meu aniversário. Vai rolar um churras lá em casa, se quiserem ir é só aparecer... E levar as brejas.

— Tenho que estudar, semana que vem é a semana do cão. Semana de prova.

— Odeio concordar com a Diana e perder uma festa, mas também estou atolado – Guilherme tinha seus defeitos, mas sempre foi um aluno aplicado.

— Pessoal, vamos, vai ser divertido – insistiu Renato. A universidade vai estar aí amanhã. E depois, e depois e no próximo semestre, e na próxima década, século. Eu, por outro lado, só faço aniversário uma vez por ano.

— Aham... Você diz isso porque nunca precisou ler um livro na vida – retrucou Guilherme. Duvido que cursando artes plásticas você já tenha posto os pés na biblioteca antes.

— Ai, assim vocês magoam meu coração. Os três amigos duvidavam que alguma coisa pudesse ferir o coração festeiro e gentil do baiano Renato. Afinal, não era qualquer pessoa de conseguia quebrar o gelo com pessoas tão metódicas quantos os futuros médicos daquela mesa.

— A verdade machuca, já disse o filósofo.

— Oxe, e você, Pedrão, vai seguir com a gangue e se afogar no... – disse dando a volta na mesa e espiando o livro de Diana – ... sistema endócrino central?

— Eu vou. Tô nem aí. Meu pai me ensinou a jamais recusar um rango grátis.

— Assim que se fala, bicho.

Diana suspirou.

— Quero ver quando pegar DP nessa matéria e vir pra casa chorando.

— E ter que ver o Bruno todo dia por mais um semestre – complementou Guilherme.

— Caras, vocês são uns estraga-prazeres, sabiam? – disse Pedro fazendo um muxoxo com os lábios.

Diana, apesar da fama de brava, odiava ver o melhor amigo triste. Como os dois não tinham irmãos, ele era como um irmão mais novo e pé no saco dela. Pedro com seu jeito simpático e menino de ser sempre despertava esse lado maternal nela e um lado mais suave do sempre duro Guilherme. Ele sempre foi capaz de despertar esse lado nas pessoas ao seu redor, desde pequeno. Alguns chamam de charme, outros de carisma natural. Mas ele sempre foi a cola que conectava as pessoas que gravitavam ao seu redor. Na infância, Diana não era uma criança fácil de se lidar. Todos na cidade sabiam disso. Se não fosse por Pedro, ela não sabia se seria a pessoa que é hoje, afinal, ele foi o seu primeiro amigo, e por muito tempo o único. Se não fosse por ele, ela jamais desabrocharia na Diana de hoje em dia. Sempre doía no coração dela ver Pedro cabisbaixo, esse semblante não combinava com a figura alegre dele. Talvez seja o instinto maternal, como diz minha mãe. Pensou Diana, lembrando-se das expressões da mãe.

— Quer saber. Renato, você está certo – disse Diana surpreendendo a todos. Ela sempre foi a chata do passeio. Todos sabiam disso.

— Estou?!

— Sim, só se vive uma vez. Vamos aproveitar um pouco!

— Meu Deus, quem é você e o que fez com a Diana?

— Ué, não é você que vive dizendo para eu aproveitar mais a vida, Pe? Resolvi seguir seu conselho.

Renato não sabia o que estava acontecendo, mas resolveu ficar

sabidamente de boca fechada, afinal um milagre não acontece todo o dia. Em time que está ganhando não se mexe.

Diferente de Pedro, que devido aos muitos anos de intimidade não tinha o mínimo de consciência com relação a sua “irmãzinha”.

— Ebaaaaaaaaaa! Dianinhaaaaaa minha vida, minha flor, meu chuchuzinho, meu chazinho de capim-limão. Vamos aproveitar a festa para remexer o esqueleto um pouco! Ah, saudades dos nossos 15 anos, dançando quadrilha nas festas juninas, você parecia um balãozinho de São João, toda rodada com aquele vestido. Ah, que saudades dos velhos tempos! – disse o alegre Pedro a uma Diana supervermelha.

— Então até domingo, gente, tchau! – Renato, como não tinha um desejo de morte, resolveu sair de fininho; afinal, não era todo dia que Diana aceitava fazer qualquer coisa a 500 metros dele. Estou bem atrasado para a aula!

— Eu. Vou. Te. Matar – disse Diana entre os dentes.

— Mas o que eu fiz? – perguntou inocentemente.

— E ele ainda pergunta. O. Que. Fez! Revelando nossa intimidade assim na frente de desconhecidos!

Guilherme desconfiava que o amigo não era um dos seres mais brilhantes da Terra. Mas agora tinha a prova concreta da falta de tato do amigo. Diana era uma pessoa tão reservada quanto ele. Odiava aquele tipo de exposição. Mas aquele não era problema dele, nem sabia porque estava se metendo na briga do casal.

— Então, né, terceira aula... Vamos indo – disse, tentando colocar panos quentes na situação que o amigo causou. Já é quase a hora da aula do Marcos.

— Opa, estou quase estourando de faltas com ele. Vou correndo, vejo vocês lá! – contornando a mesa e beijando a bochecha da amiga. Já disse que eu te amo, né, Di? Já né!

Com a biblioteca inteira aplaudindo silenciosamente a saída das duas figuras escandalosas do ambiente, Diana tentava se acalmar respirando profundamente.

— Não se estresse com o Pedro, ele vai crescer.

— Eu não sei como ele não se toca que faz essas coisas comigo.

Ele já tem 20 anos, pelo amor de Deus!

— Você não acha que vai sentir falta?

— Do quê?

— Dessa jovialidade. Você realmente precisa viver mais, Diana – disse num tom sério, característico de Guilherme. Você está muito estressada com a universidade. E sou eu. Eu. Guilherme. Que estou te dizendo isso.

— Estou cansada. Muito cansada, Guilherme, e não consigo conversar com ninguém sobre essa pressão interna – disse, desabafando. Eu quero ser a melhor, não umas das melhores. A melhor. Isso significa o mundo para mim, o Pedro simplesmente não entende.

— Eu sei que pode não parecer, mas eu também tenho um ombro amigo, se quiser desabafar. Nós somos muito parecidos, Diana, eu também busco a excelência.

Diana ficou bem surpresa com a atitude de Guilherme, afinal, ele sempre foi uma pessoa fechada e reservada. Guilherme reparou na surpresa de Diana.

— O quê? Eu sou um cara legal.

— Quer saber? Talvez você não seja tão babaca quanto eu pensei.

Diana e Guilherme se entreolharam e sorriram.

— Mas vamos parar de drama, porque estamos atrasados para a aula do Marcos.

— Esse final de semestre vai ser um inferno.

Cinco anos depois

A televisão transmitia o Atletiba de domingo, o jogo mais importante do futebol paranaense, onde rubro-negros e coxas-brancas se digladiavam pela vitória. Sentado com a camisa do seu time do coração, Guilherme observava tão atentamente a tela que não reparou no toque do telefone.

TRIM TRIM TRIM

— Toca a bola, porra!

TRIM TRIM TRIM

— QUEM É? – As emoções corriam a flor da pele, com a descarga de adrenalina correndo pelo seu corpo.

— Guilherme – sussurrou Diana.

— Aconteceu alguma coisa, Diana? – Estava sobressaltado, pelo tom da amiga.

— O Pedro – novamente o sussurro, preocupando Guilherme ainda mais.

— O que tem ele?

— O Pedro. Ele... ele... ele... ele....

— O QUE ACONTECEU COM ELE? – disse, meio grosseiro, com a adrenalina a milhão pelo combo telefonema e jogo.

— Ele se matou.

Capítulo 5

Limite

por Michele Capote

6h30 – O despertador toca, Diana o desliga, salta da cama, toma uma ducha rápida, se veste, engole uma xícara de café requentado e, já na saída do apartamento em que divide com o amigo Pedro, o vê sentado no sofá, apático, ainda com a roupa do dia anterior. Diana puxa assunto, faz brincadeira, mas não consegue arrancar um sorriso do amigo, então lhe deseja um bom dia e se despede, ele responde ao desejo de bom dia feito, mas não se despede. Diana fica pensativa com o comportamento do amigo que conhece há anos, porém, ela precisa sair e tem pressa para chegar ao hospital, por isso, sai de casa apreensiva.

No caminho, ela se desliga e enxerga pelo vidro do carro muitas pessoas que andam feitos zumbis nas ruas da capital fria do Paraná, pessoas que correm atrás do tempo, atrás do dinheiro e dos sonhos. Sem perceber, envolvida nas preocupações, Diana se vê diante da porta do consultório onde atende, olha no relógio, vê um paciente que sempre chega atrasado às consultas e hoje é ela quem pede desculpas a ele pela demora, ele é um homem bastante depressivo e com transtorno de personalidade dependente, que, depois de perder a esposa e filha em um acidente de carro, deixou o diploma de licenciatura em física preso à parede, abandonou as salas de aula onde lecionava e foi a morar nas ruas. Ele é um dos pacientes que ela atende por compaixão, pois ele já não possui recursos para pagar pelo tratamento.

Ela o cumprimenta e pergunta como ele tem passado, ele res-

ponde estar bem, porém, a mão suada e o olhar acuado daquele homem o desmentem. Ela pediu que ele aguardasse por alguns instantes enquanto apanha os registros médicos do paciente. Nesse instante Diana se lembra novamente de Pedro, que nas últimas conversas entre eles se mostrou estar muito confuso e Diana planeja conversar hoje novamente com ele para convencê-lo a buscar terapia, e dizer pra ele mais uma vez que não deve guardar sentimento ruins só para si.

Então Diana, como sempre faz, liga uma seleção de músicas de Chopin como som ambiente para as consultas, essas são sempre regadas a músicas clássicas. Em seguida, chama o seu primeiro paciente do dia, que se senta em uma cadeira para a consulta. O homem fica em silêncio olhando para a biblioteca que Diana cuidadosamente selecionou para expor no consultório.

Diana inicia as perguntas ao paciente, que lhe diz estar se sentindo muito solitário e que, mesmo com a medicação que ela o receitara, pensamentos suicidas rondam a imaginação dele a todo o momento, comenta também que ele tem tido frequente insônia, repete o fato de não existir mais solução para a vida dele, que prefere morrer e que ela, Dra. Diana é a única pessoa com quem ele pode contar. Ela o atende e receita a medicação apropriada. Ao fim da consulta, Diana muito apreensiva e de certa forma envolvida com a história do paciente que acabara de atender, liga para o apartamento em que mora com Pedro, o telefone toca insistentemente, dando a acreditar que o colega tenha deixado de lado a apatia e se dirigido ao seu trabalho, porém quando iria parar de chamar, o amigo finalmente atende.

A médica se surpreende, pois Pedro nunca faltou ao trabalho e há essa hora era lá que ele deveria estar, mas como a aparência dele pela manhã era de uma pessoa que não tinha descansado por nenhum segundo sequer durante a noite, ela decide ligar e então conversar:

— Pedro?

— Oi, Diana.

— Não vai trabalhar hoje, Pedroca?

— Então, hoje não, eu estou com muita dor de cabeça e acho que estou ficando doente. Desmarquei a consulta que faria hoje. Penso que não sou uma pessoa boa, quero dizer, HOJE, para sugerir melhoria nas vidas de pacientes com problemas mentais, (risos) vou ficar aqui lendo, falando nisso me empresta aquele livro que está na sua cabeceira?

— Claro! Pode pegar, não precisa nem pedir! Ah, e você precisa de algum remédio? Me avise que eu levo.

— Obrigado, mas creio que já tenho tudo aqui.

— Tudo bem. Melhoras, beijo e tchau.

— Obrigado, beijo tchau.

...

Diana ficou mais calma depois de falar com o amigo e continuou os atendimentos daquele dia, à tarde foi fazer um lanche no refeitório do hospital onde faz residência, lá encontra Guilherme, e por terem um amigo em comum acabam por fazer o lanche juntos. Os dois falam sobre a profissão, comentam alguns casos e ambições e sobre o amigo Pedro. Diana revela a preocupação com o amigo e comenta que Pedro está muito confuso e desanimado em casa, diz não entender o motivo, e se realmente há algum.

Guilherme aparentemente aturdido e muito preocupado com o fato de Pedro não ter ido trabalhar, mas por um certo momento mesmo sem justificar para Diana, parece entender o motivo pelo qual o amigo está tão triste e passa a dar respostas mais curtas e até ser arrogante com ela, de forma que ela não entende o porquê daquela reação e decide encerrar o assunto para não haver a hipótese de uma possível discussão. Assim se despede de Guilherme e volta a trabalhar.

Diana repassa a sua agenda e verifica ter só mais dois pacientes naquela tarde. Então atende os dois e encerra aquele dia de trabalho. No caminho de casa, passa em uma confeitaria para levar a torta preferida de Pedro para casa, na intenção de que o amigo fique mais animado. Chega na confeitaria, compra a torta e vai em direção ao apartamento onde os dois moram.

A médica chega ao prédio e nota que o elevador está parado por

falta de energia elétrica, ela então, ao confirmar o acontecimento com o porteiro, aguarda por 20 minutos na portaria pela volta do funcionamento do elevador devido a residir no décimo quinto andar, até que desiste de esperar e mesmo muito cansada resolve subir pelas escadas.

Quando se aproxima do andar onde mora, escuta uma música em um volume muito alto vindo de algum apartamento próximo. A música era bem conhecida por ela que já a cantou algumas vezes nas festas de faculdade com Pedro. Ao chegar à porta do apartamento onde mora percebeu que o som vinha de lá, e se animou, pois há tempos seu amigo não se mostrava tão contente ao ponto de estar ouvindo música alta.

Abriu a porta do apartamento com sorriso no rosto, segurando a torta comprada para o amigo, foi até o quarto dele, a porta estava fechada, percebeu que a música vinha de lá, abriu porta do quarto de Pedro pronta para lhe fazer uma surpresa.

Porém, nessa hora viu seu amigo caído no chão do quarto, deixou a torta que levava cair ao se assustar com a cena, se aproximou, o rosto dele estava virado para o chão, ela rapidamente o abraçou e o virou para cima para conferir a real situação do amigo, ele estava consciente, mas muito fraco. Ela desconfiou que o pior pudesse ter acontecido e se desesperou.

Os olhos dele estavam abertos, as pupilas dilatadas, a respiração ofegante, os lábios roxos e ela então perguntou:

— Pedro, o que você fez?

Ele apontou para várias caixas de remédios em cima da cama dele, elas estavam próximas ao livro que ele pediu emprestado para ela mais cedo.

— Vou chamar ajuda aqui, você precisa de uma lavagem estomacal urgente!

Ele, com a boca já espumando, disse com dificuldade: — Não Diana! Me deixe ir, eu preciso morrer, eu quero morrer! prefiro morrer!

Diana, chorou muito e desesperada olhou no fundo dos olhos do amigo e perguntou novamente: — Não temos tempo, é isso mes-

mo que você quer?

Pedro, consentiu com gesto com a cabeça, suspirou bem forte e desfaleceu, com os olhos abertos fixos nos olhos de Diana.

...

Diana fechou os olhos do amigo, preferiu atender ao pedido dele, que há algumas semanas estava com muitos sinais de depressão, se autoflagelava e já tinha dito que estava desgostoso com a vida. Ela chorou muito, gritou de dor, apanhou o livro que emprestou a Pedro e ligou para Guilherme.

Guilherme, foi até o apartamento de Diana e lá, também presenciando o ocorrido, fica muito abalado com a morte do amigo, mesmo com a imagem de Pedro morto. Guilherme tenta tranquilizar Diana, que aparentemente estava em estado de choque, chama uma ambulância e a polícia. Às 20h30, os médicos socorristas constatam a morte de Pedro. A polícia não vai em frente com a investigação, pois se trata de um evidente suicídio.

Além do mais, tanto Diana quanto Guilherme sabem que no Brasil existe uma convenção que determina que suicídios não devem ser divulgados pela mídia, uma vez que essa exposição pode levar aqueles que têm predisposição ao ato, se sintam impulsioneados para tal e decidam então pôr fim à própria vida.

A partir de então, os dois amigos, muito abalados, passam a conviver com a grande falta que Pedro faz.

Capítulo 6

O encontro no jardim

por Ana Clésia Santiago

Depois de uma semana fria em Curitiba com geada, neblina e chuva, o dia amanheceu com o céu limpo sem nuvens. O sol brilhando forte na capital paranaense. Um típico dia de parque, perfeito para realizar uma visita ou fazer um piquenique no Jardim Botânico, no parque São Lourenço, Passeio Público ou no Tanguá.

Levantou feliz, o corpo pedia um passeio no Jardim Botânico, tomou um banho demorado, escolheu uma roupa leve, colocou o tênis e tomou uma xícara de café. Logo estava no Jardim aproveitando o dia ensolarado.

Chegando ao Jardim Botânico olhou a paisagem linda, o jardim, as flores, o labirinto e a estufa sempre encanta os visitantes do espaço independente de quantas vezes já o tenha visitado, um lugar para quem busca tranquilidade. Mas ninguém imaginava o que estava prestes a acontecer.

De longe observa uma jovem sentada na grama chorando, angustiada, com olhar de desespero. Parou e quis conversar com ela. Pensou que podia ajudar.

— Oi, posso te ajudar, guria?

— Oi, acho que ninguém pode me ajudar. Respondeu a jovem com a voz rouca.

— Como se chama?

— Meu nome é Alda

— Alda, sou psiquiatra, talvez se me explicar o que está acontecendo posso ajudá-la de alguma maneira.

A jovem estranhou, pois normalmente as pessoas não se preocupam tanto com as outras. Mas achou que o interesse era devido à profissão.

— Posso sentar aqui na grama com você?

— Tudo bem, pode sentar.

— Agradeço sua confiança, minha profissão não escolhe lugar ou hora. Saber ouvir e estar disponível para escutar quem precisa é crucial para proteger uma vida, compreende, Alda?

— Sim, mas não sou de me abrir com pessoas que acabo de conhecer.

— Mas lembra que sou psiquiatra? Desabafar ajuda.

— Minha vida está um caos, acredito que ninguém pode me ajudar.

— Sempre é possível encontrar uma saída.

— Não no meu caso – respondeu a Alda revoltada com as injustiças.

— Tudo bem, se não quer conversar agora pode ir no meu consultório. O que você acha?

— Vou contar o que está acontecendo. Desde o ano de 2012 vivo um drama, minha vida de lá para cá virou um caos. Meu sonho era ser antropóloga me inscrevi no curso e até passei no vestibular, sabe foram meses pagando o cursinho do preparatório, estudei muito, fiquei noites sem dormir, sem vida social no final fui aprovada. Mas sabe o que aconteceu depois?

— Nem imagino, pode contar?

— Descobri uma doença.

— É grave?

— Infelizmente é. Faço acompanhamento psicológico, meu psicólogo falou que preciso de medicação, inclusive me passou um encaminhamento para o psiquiatra.

— Você já está fazendo o tratamento com a medicação?

— Não. Não sou louca. Já foi difícil a minha família me convencer a ir no psicólogo, imagina só se vou ficar dependente de remédios, não quero isso.

— Veja bem, Alda, pela minha experiência com tratamentos

o medicamento é provisório dependendo do grau da sua doença. Quanto antes você iniciar um acompanhamento, melhor será para se recuperar logo desse quadro depressivo para lidar melhor com a sua doença.

— Como posso acreditar nisso? Os índices de suicídio só crescem no mundo. As pessoas riem do sofrimento emocional alheio, tratam como frescura.

— Eu compreendo o que você está dizendo, Alda, mas não pode deixar que esses pensamentos impeçam você de buscar ajuda, entende?

— Sabe, todo mundo pensa que psiquiatra é coisa de louco. É um estigma pesado, dizem que a depressão é falta de força de vontade, falta de Deus. Escuto muitas coisas assim, ir ao psiquiatra e me submeter a um tratamento com medicação é o mesmo que assinar o atestado de loucura.

— Alda, cuidar da sua saúde emocional é um ato de amor próprio, vou deixar meu cartão com você. Se você precisar em qualquer momento é só me ligar, pois posso fazer um tratamento com medicação natural.

— Obrigada! – respondeu Alda.

Um olhar penetrante impactou Alda, a ânsia de acabar com a dor da jovem despertou alguns sentimentos e desejos. Como ajudar essa garota?

Chegando em casa encontrou um diário com seus antigos pacientes, na sua televisão passava o relato de um suicídio. Aí veio o gancho sobre as formas de suicídio e como os médicos podem ou não serem responsabilizados sobre esse tipo de tragédia. Se uma pessoa está sofrendo, tudo o que ela deseja é acabar com a dor gigantesca que invade o peito.

Um flashback da morte de Pedro surgiu.

Os tempos da faculdade, com inúmeros livros para fazer fichamento, resenhas, entregar trabalhos com prazos curtos de diversas disciplinas diferentes. Várias disciplinas cursadas na pressa que só depois da faculdade é possível reler os textos com mais calma e compreender de fato alguma coisa.

A residência médica realizada no Hospital de Clínicas com uma demanda altíssima de pacientes e a imensa saudade do amigo Pedro faziam uma enorme confusão dentro de si. Pedro viveu todo o processo de construção da carreira dos amigos da faculdade, sempre presente nas vidas de Guilherme e Maria. Lembrou dos momentos que tomavam o café na cantina do hospital, das situações delicadas que enfrentavam no hospital.

Refletiu sobre a quantidade de erros médicos que acontecem em outras áreas da saúde que podem levar ao óbito na hora, como por exemplo a aplicação de uma dosagem errada de um medicamento. Ou ainda uma receita de um medicamento que possa causar algum choque ou alergia como efeito colateral em algumas pessoas que não possuem na hora da consulta o diagnóstico de doenças alérgicas quando tomam algumas medicações.

Como ajudar Alda sem gerar desconfiança? Como acabar com a angústia dela sem sofrimento? Como fazer tudo isso sem perder o CRM?

Será que podia ter evitado que Pedro morresse ou amenizado seu sofrimento?

Muitos questionamentos invadem o coração, ao mesmo tempo que acredita que pode influenciar no suicídio voluntário de seus pacientes para acabar com o sofrimento das internações, dos surtos, dos efeitos colaterais dos anos de medicação, do vazio existencial. Precisava medir as consequências para não perder seu trabalho.

Nesse meio tempo de reflexão o celular tocou.

Trim...trim...trim

Para o espanto era a Alda querendo agendar uma consulta.

— Alô?

— Oi, tudo bem?

— Tudo. Aqui é a Alda, lembra de mim lá do Jardim Botânico?

— Claro! Que bom que ligou, Alda, quer vir no meu consultório no centro? Sem compromisso, podemos conversar um pouco e se você se sentir à vontade podemos iniciar o seu tratamento, o que você acha?

— Me sinto segura, você é uma pessoa que se preocupou co-

migo de uma maneira especial. Vou agenda para sexta-feira pela manhã, você tem horário disponível?

— Calma, vou verificar aqui na agenda. Só um minuto.

— Tudo bem.

— Olha tenho o horário das 9h, tudo bem para você?

— Pode agendar, até sexta.

— Até, abraço.

— Abraço.

Agora mil e uma ideias surgiram para a solução de acabar com a dor da Alda. Pensava consigo: “Preciso acabar com a dor dela, posso fazer isso de várias formas, mas não posso me colocar em situação de risco diante de acusações sobre crimes de erro médicos”.

Posso induzir. Afinal ela já está fragilizada, o que eu disser ela tomará como verdade, pois está vulnerável. Se temos dentro de uma perspectiva natural um índice entre 10 até 30% de possibilidade de um paciente que possui um transtorno mental cometer um suicídio, isso dificilmente recairá sobre o médico, pois é um risco eminente na profissão de qualquer psiquiatra.

Foram dias pensando sobre como fazer o assassinato virar um suicídio. Decidiu que iria trabalhar com a manipulação emocional de Alda. O dia da consulta chegou, passando pelo consultório Alda viu que não tinha secretária, achou estranho, porém não deu tanta importância para esse detalhe, então ligou direto no celular e disse:

— Estou aqui.

— Entre, o consultório fica na primeira sala a esquerda do corredor. É só seguir até o final de onde você está.

— Certo

— Como você está abatida, Alda, o que aconteceu?

— Liguei para você no domingo para agendar essa consulta, pois havia tomado alguns medicamentos para morrer na sexta-feira. Precisei fazer lavagem estomacal, fiquei roxa, minha família ficou desesperada. Quase morri.

— Alda, o que sentiu no momento que você fez isso consigo mesma?

— Desespero, dor, angústia. Não via solução para tudo que ve-

nho enfrentando nos últimos anos.

— Compreendo. O que você costumava fazer antes de descobrir esse diagnóstico que hoje não lhe dá mais nenhum prazer?

— Amava viajar e estudar.

— Qual foi a última viagem que realizou?

— Fui visitar minhas primas lá em São Francisco em Santa Catarina em 2011.

— Então quer dizer que você gosta de praia, não é?

— Sim, amo. A Praia do Forte é linda.

— Ainda não tive o privilégio de conhecer pessoalmente. Mas já me falaram que realmente as praias catarinenses são lindas.

— Você lembra qual é a linha de avaliação que o seu psicólogo atua?

— Sim, ele é do campo comportamental.

— Skinner é um dos teóricos que no campo da psicologia abordou o behaviorismo que faz a divisão entre os nossos comportamentos respondentes e os comportamentos operantes. Nessa linha da psicologia os comportamentos destrutivos que nos levam a doenças psíquicas podem ser alterados pela mudança das condições e respostas do ambiente em que vivemos.

— Sim, a minha terapia era focada na força da mudança de hábitos e pensamentos. Mas acho que meu quadro é crônico.

— Alda, quando não é possível realizar um tratamento apenas com o psicólogo, podemos fazer um trabalho conjunto entre a terapia e a medicação. Pois pode ter alguma desregulação neuroquímica que influencia no seu estado de ânimo, podendo trazer tristeza, crise de ansiedade ou mesmo síndrome do pânico.

— Entendi, espero que nunca mais sinta a dor que tive para desejar acabar com a minha própria vida.

— Vou solicitar alguns exames para verificar como está sua saúde. Dependendo do resultado veremos o melhor medicamento, tudo bem?

— Agradeço sua atenção.

— É o meu trabalho, faço isso com muito amor.

Quando Alda saiu da sala – o olhar penetrante voltou.

Viu que era possível acabar com a dor dela de uma forma que não causasse tanto sofrimento, pois a mesma já tinha um quadro de tentativa de suicídio recente. Agora era só juntar todas as peças para que todos acreditassem que o que estava planejando fosse interpretado por todos como suicídio e não assassinato.

Desta maneira a jovem realizaria o seu desejo, assim também a angústia e o desejo de matar cessaria. Separou alguns medicamentos e planejou colocar na bolsa da Alda na próxima consulta sem que a jovem percebesse.

Assim que ela estivesse em uma situação de surto ou pressão já teria a válvula de escape da dor que está sentindo nas próprias mãos. Foi no consultório, pegou três receitas médicas com nomes diferentes, porém com o mesmo medicamento, o Assert (cloridrato de sertralina), um remédio indicado para recaptação de serotonina, indicado para depressão e ansiedade.

Contratou motoboys para buscar as medicações nas farmácias em horários diferentes. Assim não levantava suspeita. Na segunda consulta iniciou o processo de manipulação dizendo:

— Alda, me conta um pouco do seu histórico familiar, tem alguém com problemas psiquiátricos?

— Sim, tenho uma prima que surtou e até hoje por conta da internação dela não temos contato. Ela cresceu longe da nossa família, mas é que ela tirava a roupa no meio da rua, gritava, não nos escutava. Tudo isso aconteceu quando ela sofreu um trauma. Estava dormindo e teve muita chuva no bairro onde ela morava. Acordou com o corpo quente e colocou os pés na água fria. Tinha água em todo o quarto. Na época a família da minha prima perdeu tudo o que tinha. E ela perdeu completamente a sanidade pelo trauma. Mas hoje está melhor, segundo minha família. Mas vive sob a medicação do Diazepam para se manter calma.

— Compreendo, mas vejo na sua fala uma raiva a respeito de medicação. Vi que diante dos resultados dos seus exames terá que tomar o Assert para equilibrar a serotonina do seu cérebro. Assim você terá mais qualidade de vida. Entenda que é um tratamento, todo tratamento tem início, meio e fim. Cada caso sempre será

abordado conforme a necessidade. Mas nesse momento não posso fingir que você não precisa da medicação.

— Mas não quero tomar remédio.

— Alda, é a sua vida que está em risco. Como psiquiatra não posso me omitir, pois isso pode trazer graves consequências. Posso inclusive passar por punições devido ao que será caracterizado como negligência médica.

— Entendo. Já que não tenho outra opção, fazer o quê?

— Você não precisa abandonar seu psicólogo, vamos trabalhar em conjunto para sua recuperação, Alda.

Do nada, a jovem começa a chorar desesperada. Os olhos ficam vermelhos, porque ela começa a esfregar forte. Passou a mão entre os cabelos cacheados.

— Não chore, Alda.

— Imagine, todos vão me chamar de louca.

— Alda a única preocupação que deve ter no seu coração é se afastar de todas essas pessoas tóxicas que fazem você acreditar que cuidar da sua saúde mental é um ato de fraqueza. Sendo que esse é um ato de amor próprio.

Alda nem percebeu que enquanto conversava a sua bolsa já tinha duas caixas do medicamento Assert. Sendo que ela comprou mais uma caixa da receita que recebeu no consultório. Foi quando o tratamento da Alda iniciou de fato.

A dimensão do poder para matar alguém é tão grande que chega a assustar. Não é possível que ninguém ainda não tenha notado como um médico possui um poder incrível de matar caso o mesmo não tenha ética.

Refletindo sobre a possibilidade de a jovem morrer, analisou que não iria atingir de fato o seu objetivo de cuidar das pessoas. Afinal foi feito um juramento – outro flashback.

Todos os amigos reunidos na formatura fazendo o juramento.

— Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Higeia, Panaceia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo o meu poder e minha razão, a promessa que se segue: estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou

essa arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre, e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém só a estes. Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar danos ou mal a alguém.

Aqui todo o interesse de fazer com que Alda se matasse é revisito – Não posso fazer isso com aquela garota, não é hora. Agendou a terceira consulta da Alda.

— Olá, Alda?

— Oi, como está com a medicação?

— Bem, meu humor melhorou bastante. Comecei a fazer exercício e estou cuidando melhor da minha alimentação.

Enquanto a jovem descrevia os benefícios que o remédio, juntamente com o trabalho disciplinar em conjunto com o psicólogo e o nutricionista, estava apresentando. Perguntou se não tinha nada de errado com os remédios?

— Ah... sim. Acredito que por engano veio caixas a mais. Por este motivo trouxe aqui.

— Que bom! Vi que estava faltando mesmo. Alda, preciso te indicar para uma amiga que também é psiquiatra e pode te ajudar melhor do que eu. Pois vou viajar para fazer em especialização e não posso deixar você sem atendimento, tudo bem?

— Quando retornar da viagem? Quero muito continuar realizando o tratamento com você.

— Sem problema, assim que retornar podemos retomar seu tratamento. Não deixe de seguir com a medicação, a terapia, cuide bem da sua alimentação e faça sempre algum hobby.

— Pode deixar, vou seguir suas orientações.

A dimensão do poder que os médicos possuem para determinar o fim da vida de alguém é imenso, daí a importância de uma avaliação muito maior em relação ao caráter, valores e humanização na

formação médica. Não seria difícil induzir essa garota ao suicídio, principalmente no quadro crônico que ela já vem sofrendo.

Esse poder é incrível, mas preciso aprender a controlar tudo isso de forma racional – refletiu.

Capítulo 7

Diferentes formas de dizer adeus

por Guilherme Alves

Diana acordou de um sonho em que estava se afogando. Quando abriu os olhos, não sabia onde estava. O livro continuava em seu colo. Em meio à escuridão, ela se agarrou à primeira coisa que conseguiu encontrar: a mão de Guilherme. As luzes dos veículos que entravam pela janela ao seu lado e logo a fizeram se lembrar de onde eles estavam e para onde eles estavam indo.

Guilherme sentiu Diana segurar sua mão com força e correspondeu ao aperto tentando transmitir um pouco de segurança para a amiga. Com uma mão, ele pressionou o botão pause de seu *dis-cman* e tirou os fones de ouvido.

— Tudo bem? – ele disse baixinho. O aperto continuava em sua mão direita.

Diana assentiu, sem muita convicção.

— Quer água?

Ela assentiu de novo. Guilherme levantou e se dirigiu ao fundo do ônibus. Diana abriu a cortina. Do lado de fora, as plantações cobriam o horizonte e o céu escuro era salpicado de pontos brilhantes.

Em Curitiba, não dá para ver tantas estrelas, pensou Diana. Deve ser por causa da poluição.

A noite estava clara, mas ela não conseguiu encontrar a lua no céu. A luz pálida atravessava a janela e ela pôde observar o livro que estava em seu colo. A capa dura era escura e tinha uma palavra escrita em dourado centralizada: *Frankenstein*.

Guilherme se sentou e entregou um copo para Diana. Ela sor-

riu, mas percebeu que a escuridão o impedia de ver.

— Obrigada.

— Como está se sentindo?

— Do mesmo jeito, a mesma merda – ele riu, sem graça. E você?

— Ainda processando, tentando aceitar.

Diana achava que ia levar muito tempo para aceitar tudo o que tinha acontecido. Ver Pedro daquela forma, tão vulnerável, tão pequeno, tão não ele a fez refletir sobre muitas coisas. Ela tentou lembrar a última coisa que tinha falado com Pedro em vida, mas não conseguia lembrar e esse pensamento a deixou aflita.

Quando olhou para o lado, Diana percebeu que o amigo já havia colocado os fones de volta e ouvia sua música de olhos fechados. Essa era uma das primeiras vezes que ela e Guilherme faziam algo juntos, além de esperar Pedro chegar em casa ou em alguma festa. Como das outras vezes, eles estavam juntos por causa de Pedro, mas dessa vez, o motivo era bem diferente.

Diana voltou a olhar para fora e tentou absorver o máximo que podia da noite. Agora, as plantações haviam dado lugar a árvores de diversos tamanhos, que vistas do ônibus em alta velocidade, se tornavam um borrão escuro. Ela avistou uma placa que informava as cidades próximas:

São Mateus do Sul 20 km

União da Vitória 100 km

Nova Confraria 200 km

Eles tinham, pelo menos, mais duas horas de estrada pela frente. Diana não conseguia lembrar a última vez que tinha ido para União da Vitória sem Pedro. Seria estranho voltar para lá sem ele. A vida seria estranha sem ele.

Guilherme não conseguiu pregar os olhos o caminho todo. Desde o momento em que Diana havia ligado para ele, ele permanecia em uma espécie de estado de alerta. Era um sentimento que migrava entre angústia, impotência e dor. Perder o seu melhor ami-

go tinha sido um golpe violento. Perder o seu melhor amigo para ele mesmo, havia sido algo ainda pior.

Diana conseguiu dormir por breves momentos, mas os sonhos eram sempre conturbados, ao menos foi o que ele pensou, ao ver como ela se agitava. Ele não tinha ideia de como havia sido para ela ter encontrado Pedro e ter que lidar com tudo sozinha até ele chegar. Honestamente, Guilherme também não fazia a menor ideia do que fazer quando ela ligou para ele.

Ao chegar no prédio dos amigos, ele havia pensado em um plano de três partes: a) informar os pais de Pedro, b) avisar alguma autoridade responsável para realizar a remoção do corpo e c) se preparar para a viagem de Curitiba à União da Vitória.

Quando chegou ao andar, Guilherme notou que a porta do apartamento estava entre-aberta. Antes que ele pudesse tocar a campainha, Diana veio ao seu encontro, com um olhar triste, parecendo uma criança que havia se perdido da mãe no supermercado. Ela parecia perdida. Ele a abraçou.

— Ele está na sala — ela disse depois de alguns segundos, quando o abraço começou a se afrouxar.

Ele entrou no apartamento e foi como se o tempo desacelerasse, de uma forma nauseante. Pedro estava no chão. Caído em uma posição estranha e desconfortável. Guilherme notou a roupa, a ausência de cor na pele do amigo e o sangue espalhado, que parecia roubar toda a vida do ambiente. Ver seu melhor amigo ali no chão era chocante, duro e aterrorizante. A forma como ele parecia desamparado, frágil e machucado era demais. Era uma dor grande demais. Tudo ali era demais.

Guilherme se ajoelhou e abriu sua mochila. Ele puxou um lençol, por um segundo, parecia que o tecido nunca mais pararia de sair. Tudo parecia durar tempo demais ali dentro. Ele conseguiu estender o lençol suavemente sobre o corpo de seu melhor amigo. O tecido aos poucos foi ganhando a forma de Pedro, ganhando um tom róseo e angustiante, onde entrava em contato com o sangue. Por mais triste que fosse aquele momento, Guilherme sentiu que o lençol havia diminuído, ao menos momentaneamente, o peso da

morte.

Guilherme explicou o plano para Diana, ela disse que ligaria para os pais de Pedro. No fundo, ele ficou grato por ela fazer esse sacrifício. Afinal, ela conhecia Pedro desde sempre e eles dividiam apartamento havia mais de seis anos. Guilherme, apesar de ser melhor amigo de Pedro, era um novato naquela parte da vida do falecido amigo.

Ainda era noite quando o ônibus entrou na rodoviária. Os pais de Diana esperavam atrás de uma porta de vidro, ambos encolhidos dentro de seus casacos compridos e marrons, como um casal de passarinhos em meio a um vendaval. Diana sorriu ao vê-los ali. O motorista ajudou com as malas e em poucos segundos o ônibus estava de volta à rodovia. Ela e Guilherme foram os únicos passageiros a desembarcarem ali. Estavam, enfim, em União da Vitória.

O vento frio esvoaçou os cabelos de Diana. Os pais dela atravessaram as portas de vidro da pequena rodoviária e a abraçaram ao mesmo tempo. Diana continuava segurando o livro em sua mão. Guilherme reparou que ela não havia aberto o livro em nenhum momento da viagem, até porque seria praticamente impossível ler dentro do ônibus. Guilherme olhou para o céu estrelado e um pássaro, que ele não conseguiu identificar qual era, rasgou a noite alcançando voo.

Quando Pedro vai chegar?, pensou Guilherme, com lágrimas subindo aos olhos.

— Bem-vindo – cumprimentou o pai de Diana, estendendo uma mão enluvada, que Guilherme prontamente apertou. Me chamo Sérgio e sinto muito que você tenha vindo pra cá nessas circunstância.

Guilherme reparou na ausência de plural no final da frase e sorriu, cordialmente.

— Me chamo Guilherme, sou amigo da Diana e do Pedro.

— Então também é nosso amigo! – disse a mãe de Diana abrin-

do os braços e o envolvendo. Me chamo Lígia e você vai ficar na nossa casa.

Lígia tinha cheiro de uma mistura de folhas: erva-doce, camomila e hortelã, como se tivesse feito um chá segundos antes de o abraçar. Era um cheiro fresco e acolhedor. Parecia o cheiro certo para uma mãe.

Diana revirou os olhos e sorriu para o amigo. Ele retribuiu o sorriso.

O trajeto da rodoviária até a casa dos pais de Diana foi cheia de conversas e saudade. Em alguns momentos, Guilherme sentiu vontade de colocar os fones de ouvido. A viagem de carro foi curta, as casas pelas quais passaram tinham um aspecto sonolento e distante. Como se elas dormissem junto com os moradores. As construções eram semelhantes em alguns aspectos, todas tinham portões ou muros baixos e eram pintadas de cores claras. A casa dos pais de Diana ficava próxima à praça da cidade. A igreja onde seria o velório ficava apenas a cinco minutos de caminhada. Sérgio dirigia devagar e respeitava os sinais de trânsito, mesmo que não tivesse ninguém vindo na direção contrária. Guilherme já estava impaciente.

Para Diana, estar de volta era como dar play em um filme que ela já havia visto mais de dez vezes. Não havia nada de novo, nada que atraísse o olhar, nada que fosse bom ou grande o suficiente para obliterar a ausência que ela sentia. A ausência de Pedro era uma presença quase física. Era um incômodo imenso. Como montar um quebra-cabeças de mil peças e só no final descobrir que uma peça do centro da figura estava faltando. Ela precisaria aprender a lidar com aquela falta enorme e constante de alguma forma.

Estar naquele carro antigo a fez se lembrar do dia em que os seus pais a levaram até a rodoviária para viajar de vez para Curitiba. O misto de emoções, o medo e a euforia de finalmente ir para uma cidade com mais de 50 mil habitantes eram sentimentos que quase a sufocavam. Mas estava tudo bem, ela não estaria sozinha. Quando seu pai estacionou, Pedro veio correndo em direção ao carro. O dia estava ensolarado e ele usava óculos de sol com armação amarela. Eram horríveis. Ficavam irados nele.

— Bom dia, doutora Diana – ele disse abrindo a porta e fazendo uma reverência. O seu veículo já está preparado – ele disse fazendo um gesto majestoso para o ônibus. Diana gargalhou. A vida estava seguindo o rumo que eles sempre sonharam. Quais as chances dos dois terem passado no vestibular no mesmo ano? O que poderia dar errado?

— Chegamo! – disse Sérgio, entrando na garagem da casa. Guilherme reparou que eles haviam deixado o portão aberto. Diana dispersou das lembranças numa velocidade que a deixou quase enjoada. Eles desceram do carro e Diana respirou fundo. Tão fundo que o ar frio da noite fez seu nariz arder. Ela estava de volta, mas aquela casa não era mais seu lar há muito tempo.

Na manhã seguinte, Diana acordou no quarto em que havia dormido durante toda a sua infância. O quarto tinha três paredes rosa e uma com um arco-íris vertical preenchendo toda a parede onde a cabeceira da cama ficava apoiada. Ela parecia grande demais para aquele quarto. Ela se sentia deslocada demais naquele quarto tão infantil.

Guilherme acordou quando Lígia abriu as cortinas da sala. Ele se sentou no colchão, assustado. Levou alguns segundos para lembrar onde estava.

— Bom dia, querido.

— Bom dia – ele disse, esfregando os olhos, por causa da luz do sol.

— O café já está na mesa, mas a Diana ainda não saiu da cama.

— Ah... – ele não conseguiu articular nenhuma frase para responder.

— Ah – lembrou Lígia –, a Rita ligou.

Guilherme não sabia quem era Rita.

— O corpo do Pedro já chegou, querido.

Ele olhou para o relógio, eram 10h42.

Guilherme encontrou Diana enquanto saía do banheiro.

— Oi! – ela disse.

— Dormiu bem?

— Na medida do possível, sim.

— Que bom... – ele fez uma pausa. Sua mãe disse que o cor... que o Pedro já chegou.

Ela parecia surpresa, como se por um segundo tivesse se esquecido do motivo de estarem ali.

— Eu vou – ela apontou para o banheiro e Guilherme saiu do caminho.

Ela fechou a porta e trancou. Se apoiou na pia e fechou os olhos. Respirou fundo uma vez. Soltou a respiração. Respirou fundo uma segunda vez, mas vacilou entre uma respiração e outra. As lágrimas vieram todas de uma vez, pegando-a desprevenida. Junto delas, um gemido triste escapou dela. Ela recuou alguns passos e entrou no box. Se sentou no chão, chorando. O som parecia ecoar nas paredes com azulejos amarelados e estampados com flores murchas. Ela fechou a porta do box com o pé e abriu o chuveiro. A água era fria, mas abafava o soluço. Poucos segundos depois, a água fria esquentou e seu pijama estava encharcado. Diana lembrou de quando era criança, de como aquele box parecia enorme. Agora, sentada no chão, tudo parecia pequeno, velho e torto. Ela não queria mais estar ali.

Sérgio estacionou no pátio atrás da igreja. Ele e Lígia usavam os mesmos casacos escuros da noite anterior. Diana e Guilherme caminhavam lado a lado sobre o chão coberto de pedras britas.

— Ah, não, Diana! – Lígia saiu do lado de Sérgio e tomou o livro que Diana segurava. Por que você trouxe esse livro para o velório?

— Mãe! – Diana parecia ofendida, invadida e exasperada. Me devolve.

— Filha, você não po...

— Agora.

Diana estendeu a mão. Lígia colocou o livro de capa dura sobre a mão da filha e voltou para o lado de Sérgio. Guilherme observou

a tudo, se sentindo extremamente deslocado, como um palhaço no meio de um convento.

O livro de capa verde escura contrastava de forma elegante com o vestido escuro que Diana usava naquela manhã. Guilherme havia trazido uma camisa social na mochila e até que ela não estava muito amassada. Ambos estavam elegantes, mas sobretudo tristes de estarem ali.

— DIANA!!!

Os quatro se viraram ao mesmo tempo para encontrar a origem daquele grito, em uma manhã onde tudo tinha o dever de ser silencioso e melancólico.

Uma mulher corria na direção deles, empurrando um carrinho de bebê.

— Ai, meu Deus! – ela exclamou, com uma voz estridente.

— É a Abigail, Diana! – disse Lígia, quase tão animada quanto Abigail.

— Eu sei, mãe – disse Diana, entredentes.

Guilherme observava tudo, como se estivesse em um espetáculo. As atrações apenas surgiam, ele não precisava sair do lugar.

— Oi, prima! – disse a moça loira com o carrinho.

— Oi, Abigail! – disse Diana.

— Eu tenho uma novidade!

— Mais uma? – disse Diana, apontando para o carrinho.

— Sim! – disse Abigail e tirou o carrinho da frente dela; sua barriga estava grande, como se tivesse um melão escondido ali. Mais um, dessa vez!

— Parabéns! – disse Diana, abraçando a prima.

O tom dela não parecia de congratulações.

— E você – perguntou, apontando para Guilherme – tirou a barriga da miséria?

Diana soltou o ar dos pulmões e fechou os olhos por um segundo. Aquela estava sendo uma manhã difícil.

— O que você quer dizer com isso?

— Está namorando? Noiva? Fez alguma coisa interessante na cidade grande?

— Acho que só me formei em medicina, mesmo.
— Ah... – Abigail parecia decepcionada.
— E você, fez alguma coisa interessante... – Diana fez uma pausa – além de filhos?

Abigail levou alguns segundos para entender o tom de Diana. E depois mais alguns segundos para se ofender. Lígia estava horrorizada. Guilherme se segurava para não rir.

— Então, acho melhor a gente entrar, né? – disse Sergio, depois de alguns segundos de silêncio constrangedor.

Lígia e Sergio entraram na capela. Abigail fez a volta com o carrinho e foi encontrar o marido no carro. Diana e Guilherme ficaram sozinhos no pátio.

— Ent... – começou Guilherme.

— Eu não... – interrompeu Diana.

Os dois se calaram, ele fez um gesto, dando a palavra para ela.

— Vamos entrar? – Guilherme percebeu que não era o que ela realmente queria dizer, mas assentiu.

A igreja não tinha uma capela mortuária, então o velório estava acontecendo na nave. O clima lá dentro era muito mais frio. Os bancos da igreja haviam sido afastados, um caminho largo havia sido aberto no meio da congregação e próximo ao altar estava o caixão escuro com dobradiças prateadas.

Diana e Guilherme caminharam juntos. Um passo de cada vez. Alguns grupos de parentes de Pedro ou moradores da cidade cochichavam nos cantos. Guilherme notou que Diana estava sendo uma espécie de ímã de olhares tristes. Todos se compadeciam dela, ele notou algumas senhoras se controlando para não irem abraçar a pobre garota que havia presenciado a morte do amigo de infância. Diana não queria aquele tipo de atenção.

Guilherme parou e deixou ela ter um momento a sós com Pedro. Ela se inclinou sobre o caixão por alguns segundos, como se contasse um segredo para o amigo. Os olhos de Guilherme se encheram d'água. Ele se lembrou da primeira vez em que visitou o apartamento deles e a forma como os dois eram complementares um ao outro ali naquele lugar que acabou se tornando a casa dele

também.

Diana abriu o livro e por um momento Guilherme achou que ela fosse começar a ler. Ela folheou o antigo exemplar de Mary Shelley e abriu na última página. Com cuidado, ela arrancou a folha e posicionou sobre o peito do amigo.

Um casal se aproximou de Diana e os três se abraçaram. Guilherme se aproximou e percebeu que aqueles eram os pais de Pedro. Ambos tinham traços do rosto marcante do amigo. Guilherme deu a volta no caixão e pôde ver o amigo uma última vez. Ele lembrou do começo da faculdade, da primeira vez que ele visitou o apartamento dos amigos. Guilherme relembrou o primeiro plantão que eles fizeram juntos. E o último.

As tão temidas lágrimas vieram. Ele segurou na mão do amigo. Percebeu que nunca havia segurado na mão do amigo enquanto ele estava vivo.

— Gui? – Ele levantou os olhos em direção a Diana.

— A gente pode sair daqui, por favor?

Ele assentiu.

Eles seguiram pelo pátio e saíram pelo portão do estacionamento. Andaram pela calçada em silêncio. Diana segurava o livro. Guilherme não sabia o que fazer com as mãos.

— Qual é a do livro?

— Foi ele quem me deu esse livro.

— Ah...

— Eu estava demorando muito para ler, por causa das avaliações e tudo mais... Aí um dia, ele pegou o livro, abriu na última página e disse que se eu não terminasse de ler naquela semana, ele ia me contar o final da história.

Ela riu, triste.

— E você terminou?

— Não.

— E ele te contou o final?

— Não também.

Ambos sorriram.

— Achei que seria justo ele ficar com o final da história.

— Parece certo.

Eles se olharam sob a luz do sol daquele dia de inverno.

— Quero te mostrar um lugar.

— Tá bom.

Eles seguiram rua abaixo, Diana entrou em um portão pequeno, na mesma quadra. Guilherme não havia reparado nele ali, escondido entre as folhagens do jardim da igreja.

Diana foi na frente, por uma calçada estreita, com o jardim de um lado e a igreja de pedra do outro. Trepadeiras escalavam as paredes e espinheiros cercavam a igreja por toda parte, Guilherme não achou aquela imagem muito convidativa. Diana andava por ali como se fizesse isso desde que nasceu. Ela parou diante de uma porta, Guilherme novamente não teria notado aquela entrada se estivesse ali sozinho. A porta abriu na primeira tentativa.

— Por aqui, monsieur – ela indicou o caminho com o livro que tinha em mãos.

Guilherme entrou na escuridão. Ali havia uma escada em caracol. Ele começou a subir. Diana foi atrás. No final da escada, havia o sino da igreja.

— Uau – exclamou ele.

O sino não era muito grande, do tamanho de um botijão de gás de cozinha. Ele tinha cor de cobre e uma corda pendia um metro abaixo dele. Ele ficava localizado bem no meio da torre, que tinha janelas nas quatro paredes, para o som ecoar pela praça que estava localizada em frente à igreja. No momento, ela oferecia uma vista panorâmica da cidade.

— É lindo!

Diana sentou no chão e cruzou as pernas. Guilherme desviou o olhar, enquanto ela ajeitava o vestido.

— Eu falava para minha mãe que eu ia no banheiro durante a missa e vinha para cá – Diana riu, lembrando. Costumava ser meu esconderijo.

— Obrigado por me trazer aqui – Guilherme disse, se sentando.

Ela sorriu, recostou a cabeça na parede e fechou os olhos. Guilherme a imitou. Mesmo com a luz do sol, a torre era fria e o contato com a pedra gelada só intensificava essa sensação. Eles ficaram ali por um tempo, absorvendo a serenidade daquele momento.

— O Pedro conhecia esse lugar?

— Claro! O maior sonho dele era tocar o sino no meio da missa. Guilherme riu.

— Parece com algo que ele faria.

Diana e Guilherme se olharam e sorriram.

Capítulo 8

O pássaro

por Daniela Valquiria

Passando pelo corredor de casa vejo de relance um retrato nosso, antigo, estávamos felizes, tirada um ano antes da nossa formatura, Pedro parecia muito alegre, havia tempos não o via assim, se formar e poder ajudar pessoas era seu sonho. Passava horas conversando sobre como ele poderia melhorar e ajudar aqueles a sua volta, se importando com o próximo, uma pessoa de bom coração. Tendo este flashback, percebo como ele mudou ao longo dos anos.

Recordar de algo assim, era como navegar em um mar de diferentes sensações. Mais do que isto, ela queria navegar exatamente naquela que foi a que mais a marcou. Suas palavras, mesmo que enevoadas, eram como sussurros audíveis, e estes não deixariam de ecoar em pequenos devaneios em sua mente.

1980, os sonhos adolescentes vinham à tona de diferentes formas e jeitos. É de se esperar que uma pessoa tenha todas as sequências cronológicas de uma vida maçante e entediante para se tornar um adulto chato, mas não, este não era o assunto.

Pedro me chamara pra dar uma volta logo após uma tormenta, o que me fazia revisar com exatidão cada detalhe, as folhas no chão mortas pelo excesso de água, o cheiro da terra molhada, o murmurinho da lama nos meus pés, e a forma como a natureza muda após um pouco de caos. Diferente do que eu esperava, a caminhada foi de poucas palavras, de alguma forma, a natureza ao nosso redor parecia dizer mais do que eu e ele juntos em algumas horas de conversa, e não teria como quebrar o gelo sem parecer que eu fantasiava

coisas que não seriam possíveis.

Por fim, após andarmos por uma trilha, chegamos ao cume de um pequeno monte, onde dava para ver a grande maioria dos arredores. Então o silêncio foi quebrado com Pedro apontando para algo entre a relva que resfolegava perto de uma nodoso pinheiro-do-paraná.

— Foi imaginação minha ou alguma das folhas estão se mexendo? – disse Pedro.

Mesmo que para um comentário sem sentido, dava para perceber sua curiosidade no tom de voz.

— Juro que há pouco eu vi algum movimento entre as folhas.

Olho de relance, porém sem muito interesse, observo-o se aproximar do emaranhado de folhas e com um pouco de atenção, eu consigo distinguir um pequeno pássaro marrom, dentre a densa camada de folhas mortas. Então, cautelosamente, vou observando cada detalhe em sua plumagem, suas penas marrons estão arrepiadas e algumas espalhadas no chão, sua asa esquerda está visivelmente quebrada, enquanto seu pescoço se encontra em um ângulo muito estranho, onde cada respiração parecia ser um desafio para o animalzinho.

Noto que Pedro aperta com um pouco mais de intensidade o pequeno e frágil corpo de nossa estranha descoberta e meio que como se não fosse eu quem estivesse dizendo, as palavras saem de minha boca:

— O que vamos fazer com ele? – tremo um pouco com a ideia que de talvez seja tarde demais para poder salvar a vida desse animal, mas ainda tinha um pingão de esperança de que poderíamos reverter a situação.

Pedro então meio que refletindo mais para si mesmo do que me respondendo, deixa escapar:

— Acho que seria melhor acabar com o sofrimento dele – mesmo sem olhar para mim, ele deve ter percebido que sua fala me chocou, logo após se virar para mim, ele percebeu que estava deveras chateada e impressionada, ele tentou reverter a situação. Desculpe dizer algo assim de forma tão brusca, porém, a meu ver, esta é uma

situação sem remediação, sua asa quebrada nem é o pior dos problemas – diz ele com um certo vazio no olhar. O meu real pesar é perceber que acabaria gerando ainda mais sofrimento para este pobre animal tentando arrumar seu pescoço.

Antes mesmo que eu pudesse argumentar, com um movimento rápido, ele torce o pescoço do pássaro, que agora já não tenta mais fugir do aperto. Deixei escapar um gemido de espanto, embora seja triste o que acabo de presenciar, sei que foi o certo a se fazer. Pedro então me olha de relance e percebo que a minha reação o deixou meio sem jeito.

— Diana... Me desculpe...

— Não me olhe assim por favor – digo colando os braços junto ao corpo, meio que tentando fugir do assunto.

Ando alguns passos, mas sei que ele vem logo atrás.

— Sabe porque eu fiz o que fiz? – ele me pergunta, olhando para o meio de minhas costas, pois me recuso a me virar. Eu fiz, não porque achei bonito ou prazeroso, pois eu acho que tentar reverter o natural seria pior, não somente para o pássaro, mas também para nós, criando uma falsa ilusão de que seria diferente – percebo em seu tom de voz que existe um peso em cada palavra que ele pronuncia. Então ele continuou:

— A vida é algo frágil em minha opinião. Mesmo que esteja fadada às linhas do tempo, nossas escolhas refletem um resultado final, escolher prolongar seu sofrimento é aceitar em suas mãos a escolha inevitável de ser o portador de uma insegurança e tragédia, a morte neste caso se torna a melhor das saídas, pois assim por diante eu sinto que poupei um sofrimento e arrependimento maior comigo mesmo.

Suas palavras me atingem de um modo que eu não esperava. Pedro então acrescentou:

— As escolhas que tomam são baseadas no princípio que não se pode salvar a todos. É chocante e triste afirmar isso, porém eu não vou deixar de deitar minha cabeça a noite, sabendo que eu evitei mais sofrimento a uma alma que já não possuía salvação.

E só...

Do mesmo jeito que a sensação veio, ela foi embora, rápida como um conjunto de folhas girando em um redemoinho. A chaleira apita, me fazendo acordar de meu devaneio, voltando à vida real, onde as lembranças não são nada além de meras imagens soltas em meus pensamentos.

Sem outro motivo para prender minha atenção, me pego repetindo as palavras que Pedro me disse: “As escolhas que tomam são baseadas no princípio de que não se pode salvar a todos...” Será que ele incluía a si mesmo enquanto pronunciava tais palavras?

Era como se no fundo, eu já soubesse, porém nunca estivera preparada para aceitar a realidade, nunca estamos prontos e íntegros para perceber que o “doutor” também se torna paciente, a nossa relação muda completamente quando quem está do outro lado da mesa somos nós, como se nossos problemas estivessem sendo vistos aos olhos de todos, menos aos nossos próprios.

Pedro deixara claro que nunca haveria razões para continuar a deixar alguém sofrer se houvesse uma forma de conseguir ajudar, porém, ou seu lado “paciente” se manteve escondido muito bem, ou nós que não notamos que ele precisava de ajuda. Distraídos na inércia da rotina e sempre pensando que não temos motivos para nos preocuparmos com as pessoas próximas a nós, acabamos não reparando nas mudanças de comportamento, até um amigo tirar sua própria vida, e só então você vê que o problema sempre esteve lá.

A sensação de culpa preenchia sua garganta... Mesmo que assim soubesse, poderia ela fazer algo para reverter o que Pedro planejava?

Seria ele o seu pássaro na árvore, esperando uma mão amiga para apaziguar sua dor? Seria ela a pessoa que poderia ter feito a diferença? Sem mais propósito, o horizonte tornou-se seu objetivo, onde seus olhos se frisaram. Foram tantas conversas, dentre as quais o sonho dividido com seus outros dois colegas era sempre o ponto alto, mas nunca como eles se sentiam, nunca o porquê de estarem fazendo o que fazem.

As dúvidas e o sentimento de perda só abriam mais e mais sua

mente de pensamentos, e assim, no meio do turbilhão, vem sempre a dor... Dor é complicada de se explicar, fácil de se sentir e difícil de parar.

Meu olhar vai direto para o livro em cima da mesa de centro, manter ele ao alcance dos olhos meio que me transmite uma sensação de paz. Essa concha de retalhos em forma de livro me faz companhia, embora suas palavras desconexas não tenham muito sentido. A capa, apesar de estar um pouco desgastada, mantém legível a escrita de um dos autores que nós três tivemos que ler quando passamos na faculdade, as folhas amassadas e irregulares me faziam perceber uma ou outra palavra solta, porém mais lembravam recortes de jornais do que verdadeiramente um livro.

Os anos tiravam um pouco o vigor de sua boa visão, se abastecendo de uma boa xícara de café e se aprumando confortável e elegante em sua cadeira, ela começa a ler um artigo sobre psicologia e permite esquecer todo o vislumbre de um passado longínquo. Tanto tempo passou, porém ainda não encontrou nada que a ajudasse a se manter mais centrada em seu trabalho do que sempre se manter atualizada sobre os assuntos que podem vir a ajudar cada vez mais seus pacientes.

As pesquisas e os estudos constantes distraíam sua mente, Diana encontrava em seus estudos respostas para prosseguir em seu caminho, para preencher as lacunas, e assim se manter firme em seu propósito. Dedicou sua vida a uma busca desenfreada por conhecimento, para se tornar uma ótima profissional acima de tudo, com a sua vida voltada a ajudar todos ao máximo que seus anos restantes de profissão lhe permitirem. Enquanto novos avanços continuavam a ser descobertos, o número de pessoas com transtornos psíquicos adquiridos crescia cada vez mais, era como uma corrida contra o tempo.

As pessoas cada vez mais agiam como se a vida fosse um corrida desenfreada, passam por cima umas das outras sem se importar com os danos causados, sempre arrumando desculpas e motivos para tentar justificar seus atos violentos, para afastar, denegrir e machucar, oprimindo os que sofrem para não ter de ouvir os apelos,

sempre se recusando a olhar para algo além do seu próprio umbigo.

Nesse trabalho se deparava com tantas almas machucadas, tantos pássaros feridos e ficava imensamente feliz por todos aqueles que tinha curado, por todos aqueles que tinha conseguido ajudar a reencontrar a felicidade. Era como se cada um fosse um pedaço de Pedro, que ela trazia de volta a vida quando reencontravam a esperança e a ânsia por viver, ela fazia por seus pacientes o que queria ter feito pelo amigo.

Ela agora entendia o que Pedro tentou dizer naquele dia, ele mais que ninguém conhecia a dor de seus pacientes, ela o usava como exemplo, jamais deixaria um de seus pacientes chegar no nível de angústia e desespero, nunca veria um deles definhando e serem corroídos por esse mal. Ela jurou ajudar a todos.

Ela termina de passar um café e de preparar um lanche, em seguida pega seu notebook e, entre uma mordida e outra, refletia sobre o progresso dos pacientes, analisando cada um com a devida atenção pra pensar em outras estratégias e tratamentos para aumentar a taxa de sucesso do grupo e então desliga o aparelho e deixa o corpo cair no sofá macio, suspirando profundamente.

Tudo podia ser tão diferente. A calma para mim não é algo constante, como psicóloga tenho que analisar cada detalhe, o tom de voz do paciente, a postura, o olhar, coisas que transmitem muito dizendo pouco.

Lembrando da letra de Ain't got no/ I got life da Nina percebo como as coisas fúteis da vida afetam nossa mente, como as pessoas procuram se preencher com outras pessoas sem perceber que no fundo só basta elas mesmas se completarem. Por incrível que pareça é mais fácil falar do que fazer, a pressão para passar em vestibular, construir uma família e ter um bom emprego acabam gerando um script pré-definido para o futuro de cada um, essa pressão é muito pra se lidar, a rapidez da informação e ao mesmo tempo a falta dela, o tempo passa e nós não vemos, não percebemos, não vivemos, nós apenas sobrevivemos, no fundo me identifico um pouco com meus pacientes.

Lá fora o tempo tinha mudado, começava a cair uma chuva for-

te e esfriara muito desde a manhã, mas isso era normal em Curitiba. O barulho da chuva nas janelas aumenta, Diana leva as mãos ao rosto, com o cérebro maquinando novamente as lembranças daquele dia, das palavras dele, da expressão em seu rosto. Levanta-se balanceando a cabeça como se pudesse desanuviar os pensamentos. Coloca pra tocar um disco da Nina Simone enquanto vai até o quarto para buscar uma coberta. Vai até a cozinha pegar outra xícara de café e volta para a sala, se enrola na coberta, fechando os olhos para se concentrar na música e relaxar, ia ter muito trabalho nas próximas semanas e ia aproveitar o máximo de calmaria que dispusesse.

Se levantando e aumentando o volume da música o silêncio já não parece tão presente assim, contagiada com a letra segue cantando:

— Birds flying high you know how I feel; Sun in the sky you know how I feel; Breeze driftin' on by you know how I feel; It's a new dawn; It's a new day; It's a new life; For me; And I'm feeling good; Fish in the sea you know how I feel; River running free you know how I feel; Blossom on the tree you know how I feel [...]

Depois de cantar e rir sozinha a música passa, e o ritmo diminui, o que toca agora é *Ain't got no/ I got life*, outra de suas músicas favoritas, mas não tão contagiante assim.

Seguindo o embalo da música Diana se pega cantando trechos em que a fazia relembrar os velhos tempos da faculdade, mas ela percebe que isso não vai acrescentar positivamente em seu descanso, então decide se distrair, abaixa o volume e seus olhos passam pelas prateleiras até se deparar com uma capa que lhe chama atenção, pega um livro que há tempos estava esquecido na prateleira, até sorri, quem diria que ela, estudante de psicologia, gostava tanto de contos infantis, *Nárnia* é aquele tipo de livro que a faz relembrar de fazes boas do passado, mas o tipo de história que ela sabe muito bem que não acontece na vida real mas que mesmo assim pode transmitir muito, segue direto para a parte preferida em *As Crônicas de Nárnia*, ela sempre achou muito interessante a última batalha, a perda da fé dos narnianos e a compaixão daquele que ama e sente o que seus filhos precisam no tempo certo, Aslan vê e

sente empatia daqueles que ama. Mas para salvá-los era necessários sacrifícios. Uma batalha épica, daquelas em que a gente não para de ler, que prende o leitor e o deixa envolvido.

Olhando para o relógio, percebe que já esta tarde e que amanhã o dia será longo, com vários planos preparados para os seus pacientes, então ela decide arrumar tudo, coloca sua xícara na lava-louças, joga o restante de seu sanduíche, pega suas coisas, guarda os livros, checa as portas e segue para o seu quarto, onde se enrola nas cobertas e pega no sono.

Capítulo 9

Passagem para o Taj Mahal

por Ale Dossena

Eram 19h e Nayana ainda estava no tuk-tuk, aquele restaurante indiano da Rua Camões em que, desde que retornou da primeira viagem à Índia, ela adotou como seu preferido. E não era pela comida, era pelo nome mesmo. O tuk-tuk é um veículo de três rodas criado na Tailândia, que serve para levar duas pessoas a passear. Na Índia é utilizado como transporte urbano e Nayara sentiu-se em um dos seus raros momentos felizes quando andou em um.

Tinha deixado o trabalho mais cedo naquela quarta-feira, aproveitando que o dia só estava gelado, mas não chuvoso como o anterior, para ir até a Polícia Federal pegar seu novo passaporte.

Seu passaporte para a Índia e para a liberdade!

Seu nome indiano não negava sua origem e foi exatamente em Querala, um dos estados do extremo sudoeste da Índia, que ela decidiu recomeçar sua vida. Lá o consumo e vendas de bebidas alcoólicas é totalmente proibido.

Estava farta de pesadelos, fracassos e sessões de terapia. Seu psicólogo arrotava competência ao detalhar seu progresso no tratamento, mas no fundo ela sabia que o mérito se devia a ela mesma e a sua força. Mas deixava ele levar os créditos e inflar seu ego profissional.

Nayana nunca acreditou em tratamentos médicos, fitoterápicos ou psiquiátricos. Desde que sua mãe morreu, ela se achou a adolescente mais esperta do mundo por aprender que remédios não curavam ninguém, que a indústria farmacêutica era uma farsa

e que médicos realmente preocupados com a vida do ser humano eram raros. Ninguém nunca conseguiu a convencer do contrário e ela cresceu sem esperanças de que o mundo fosse bacana.

Até começar a beber.

Tudo começou na brincadeira, em seus espetaculares 18 anos, quando brilhava pelos bares esbanjando sedução e tentando esquecer seus traumas. Aí sim, com exceção das horinhas de ressaca no dia seguinte, sua vida ficou legal.

Mas aos poucos o negócio ficou sério e Nayana se reconheceu uma alcoólatra com tendências a depressão. Tentou parar por várias vezes, mas tão logo se sentia recuperada perdia a batalha por um simples copo de cerveja.

Agora, já passando dos 30, só queria um recomeço para a sua vida. Já que nos últimos cinco anos conseguiu encontrar forças para levantar do bueiro em que foi encontrada quase semimorta e despedir-se do alcoolismo. Não foi fácil. No início a abstinência, até uma pequena internação para desintoxicar-se, depois mudança de rotina, troca de emprego e por fim as sessões de terapia, das quais ela faz pouco caso, mas no fundo sabe que tem parte na sua recuperação e boas condições financeiras, por finalmente se manter em um emprego.

Ironicamente ela percebeu durante o primeiro ano de tratamento que, ao contrário dos médicos indiferentes que não salvaram sua mãe, seu psicólogo dedicava-se muito em sua melhora. Era irritante o modo como a tratava, como uma criança que precisa desmamar. Mas aos poucos ela acostumou-se e no final das contas a pena que sentia dele a fazia forte como precisava. Como se a criança desmamada quisesse mostrar que agora era adulta, e dona do seu nariz!

Terminou de comer seu arroz basmati com o clássico Palak Paneer, um molho de espinafre e especiarias com cubos de ricota que ela adorava, chamou o Uber e pediu para levá-la em casa, pois o percurso não era curto e precisava chegar até às 22h.

Ao sentar no carro, deixou-se entregue às lembranças que a levaram a tomar a decisão de viajar. Nascida em Curitiba, ela não tinha muita experiência no assunto. Conhecia no máximo a histó-

rica Lapa e os cafezais de Ibaiti, no Norte do Paraná. Com exceção das viagens à Índia, que foram corriqueiras na infância devido às visitas dos pais à família, e os retornos nos últimos anos quando tentava recuperar-se da depressão, fora isso nunca tinha saído dos limites do estado.

Nayana tinha um pesadelo recorrente, onde se via em uma construção gigantesca, que parecia um castelo, com escadas, colunas e grandes salões. Depois tudo ficava escuro e ela se encontrava em uma rua caótica, conversando assustada com mendigos e trombando com galinhas, cabras e vacas. Até que encontrava uma mulher que chorava compulsivamente e a olhava com compaixão. E então tudo ficava escuro novamente e ela se via escondida nas escadas de um hospital. Corria para o saguão e encontrava um segurança, que a levava até a porta, dizendo que estava muito afastada do lugar onde deveria estar. Então ela abria a porta e avistava uma estrada de chão muito longa, que a levava novamente para aquelas ruas caóticas e, por fim, a uma casa humilde, feita de madeira e com a pintura descascada. Uma mulher vinha ao seu encontro. Era a mesma mulher que encontrou na rua. Dizia a ela que não sofreria mais.

Foi então que ao atravessar uma rua no seu primeiro retorno à Índia, há pelo menos dois anos, Nayana interpretou seu sonho como sendo um aviso de que lá estaria sua felicidade. Não entre paredes de um consultório de psiquiatria, muito menos na tal Cidade Sorriso ou Capital Ecológica. Seu psicólogo disse que não deveria dar ênfase a isso, que sonhos nada mais eram que uma experiência imaginária do inconsciente durante o sono. Ela discordou muito, acho que por umas quatro sessões, mas ele apenas a apoiou na decisão de morar na Índia, sem nunca aceitar que o sonho foi a causa dela.

Mas tudo se confirmou naquela tarde, quando acidentalmente encontrou a mulher do seu sonho, sua agora nova amiga, a confirmação do seu recomeço. Engraçado como essa nova amiga entendeu-a mais em um pedaço de tarde do que seu psicólogo em anos.

Algumas horas antes, estava sentada no salão do Departamen-

to de Polícia Federal, ou DPF, aguardando ser chamada para pegar seu passaporte. Seu psicólogo a motivou nas últimas consultas que já era hora de seguir seu caminho, livre do álcool e da depressão. Ela não tinha amigos, estava afastada da família, não era apegada a nada, então o que poderia ser melhor do que viver na terra de seus antepassados, em uma cidade sem chances de encontrar o motivo da sua derrocada?

Passagens já estavam compradas, sua família, ainda que a contragosto, foi avisada, e seu teto na Índia estava garantido. Só faltava despedir-se do seu psicólogo no dia seguinte. Tirou da bolsa o livro emprestado, com o post-it colado na contracapa para não esquecer: “Devolver ao Doutor”. A leitura foi legal, mas era um peso que certamente ela não levaria com frequência em sua bolsa, de longe preferia as leituras digitais.

Sua senha chegou e com ela o alívio por ter o passaporte em mãos. Para comemorar decidiu despedir-se do transporte coletivo de Curitiba, que era horrível, mas sua opção muitas vezes por não gostar de dirigir na cidade, e comer pela última vez em seu restaurante preferido.

A mulher desconhecida cronometrou o tempo até o próximo ponto de ônibus e entrou.

Era muita sorte um lugar vago ao lado de Nayana, a conversa seria mais longa e aumentavam suas chances de sucesso.

— Com licença – disse olhando cabisbaixa para Nayana, que ao retribuir o olhar, quase caiu de costas. Era a mulher do seu sonho!

As duas olharam-se rapidamente, Nayana silenciou sem jeito e sem saber o que fazer.

— Hoje o trânsito está pior que de costume, você não acha? – a mulher insistia em conversar e Nayana, impressionada, não conseguiu se conter.

— Eu não uso o transporte coletivo todos os dias – respondeu. Mas concordo que hoje as ruas estão agitadas, devem ser as passea-

tas e manifestações que se tornaram frequentes por aqui.

A mulher olhou firme nos olhos de Nayara e soltou, assim, do nada:

— Ainda bem que logo estarei morando entre vacas e tuk-tuks!

— Você vai para a Índia? – perguntou Nayara impulsivamente.

— Sempre foi meu sonho, sabia? Conhecer o Taj Mahal, meditar todos os dias e começar no trabalho às 10h da manhã. Não é o máximo?

Ela já sabia que Nayana não estava interessada nas rotinas indianas. Dessas ela entendia muito bem, não eram o motivo que a levava para lá. Mas também sabia que ela estava embasbacada com a coincidência em encontrá-la, tão parecida com a mulher que lhe aparecia em sonhos.

— Estou mesmo assustada com a coincidência, porque acabei de pegar meu novo passaporte. Parto para a Índia em definitivo na próxima semana – disse Nayana para justificar sua cara de espanto.

E, após a arregalada de olhos da mulher desconhecida, as duas se entreolharam como sócias em uma negociação, e contaram uma a outra as suas histórias. De maneira impressionante, a vida das duas foi bem parecida, com momentos e sentimentos quase idênticos. Nayana foi quem mais falou, pois, passado o susto inicial, ela se deu conta que todo seu planejamento era obra do destino e que finalmente ela encontraria graça nesse mundo absurdo e sem noção.

O trajeto do ônibus era grande, e coincidentemente, a mulher também acompanhou. Do bairro Hugo Lange até o Portão, onde morava Nayana, deu tempo de sobra para que toda sua história fosse revelada. Contou sobre o trauma da morte da mãe, sobre a revolta na adolescência, os problemas com o álcool e as sessões de terapia, até chegar na vontade de recomeçar.

A mulher ouvia atenta a cada palavra, embora às vezes se distraíndo um pouco com o movimento das ruas. Ao final da história, Nayana já tão envolvida com a mulher, comentou:

— Logo você vai descer e eu falei tanto. Gostaria de ouvir mais detalhes sobre sua história e conhecê-la melhor. Que tal passar lá em casa depois que fizer suas compras?

— Eu aceito! – respondeu a mulher sem pestanejar. Com certeza não foi por acaso que você entrou na minha vida, ou melhor, no ônibus.

As duas riram juntas e combinaram que às 22h a mulher bateria em sua porta. Essa desceu no Shopping Palladium e Nayana um pouco depois. Ainda estava impressionada com o encontro, ao mesmo tempo feliz e aflita. Por um momento, temeu pela sua segurança, pois sabia o quanto a cidade andava violenta e ela sequer perguntou o nome da mulher. Mas ela pareceu tão compreensível que seu coração não poderia estar enganado. Tinha certeza que era um sinal do universo para que ela deixasse para trás os medos e os fracassos e decididamente começasse a viver.

Logo mais, no horário combinado, as batidas da porta tiraram Nayana do seu cochilo.

— Boa noite! Que bom que veio!

— Não faltaria com a promessa – respondeu a mulher. Não é todo dia que somos privilegiadas com encontros cósmicos!

Ao entrar, a mulher deu uma rápida olhada pela casa, uma moradia de classe média alta, mobiliada elegantemente. Também conhecia algumas particularidades da casa, mesmo sem nunca ter estado lá. Mas tinha pressa, não poderia dispor da noite toda. Ainda que Nayana fosse uma pessoa sem amigos, tinha vizinhos e a movimentação poderia soar estranho. Após o convite da anfitriã para sentar-se no sofá de veludo, prontamente pediu algo para beber. Nayana ofereceu-se para fazer Lassi, bebida indiana à base de iogurte. Era sua deixa.

Pegou da sua bolsa o frasquinho com o veneno de cobra. Em 2012 descobriu que em Nova Délhi traficantes de animais estavam sendo presos por venderem ilegalmente veneno de cobras como entorpecente em raves da cidade. As neurotoxinas do veneno, que alteram a função do sistema nervoso, concorrem com substâncias como morfina, heroína e cocaína. E, nesse caso, qualquer dose elevada pode levar à morte. Era uma bizarrice, mas para indianos que comem cérebro de macaco no almoço dá para entender.

Não foi difícil para a mulher desconhecida conseguir o veneno

com seus contatos na Índia, o que para ela foi um achado muito útil, pois ninguém questionaria que foi obra de terceiros, quando alguém tão íntimo dos costumes indianos encontra um paliativo para a falta de um bom copo de uísque. Esperou Nayana abrir o armário da despensa para pegar alguns petiscos e jogou o conteúdo do frasco rapidamente no seu copo.

Já passava da oh e Nayana agora dava espaço para a mulher falar, estava empolgada com a conversa, saboreando a bebida refrescante que lhe agradava. Nem nos seus tempos de juventude, quando enchia a cara no boteco, a vida não lhe parecia tão amável. Achou melhor nem comentar o gosto diferente do iogurte, pois na empolgação do momento esqueceu de olhar seu vencimento. A mulher era tão gentil que pareceu nem notar.

Pedi licença para ir ao banheiro e, ao chegar lá, olhou-se no espelho. Era real, não estava sonhando. Mas então por que sentia a visão embaçada e as pernas preguiçosas? Talvez fosse o cansaço, o dia rendeu muitos vai e voltas e situações inesperadas. Sentia náuseas, o iogurte deveria estar mesmo estragado. Voltaria para a sala e tentaria não ser deselegante ao pedir para descansar.

Mas quando virou o corredor, tombou pesado no chão. A mulher ouviu o barulho e correu para ajudar. Nayana era uma mulher pequena, levantou-a com cuidado e deitou-a no sofá.

— O que aconteceu? Consegue me ouvir?

A voz da mulher tinha um tom diferente. Parecia que já não era a mesma pessoa. Nayana percebeu que não estava nada bem e respondeu:

— Devo estar exausta depois das correrias do dia. Ou quem sabe o iogurte na bebida não caiu bem. Me desculpe, vou me deitar e falamos amanhã.

Nem bem terminou a pergunta, tentou levantar e quase tombou novamente, não fosse a mulher segurá-la a tempo. Agora perdeu os sentidos em definitivo.

Quando Nayana foi ao banheiro, a mulher notou que ela não andava com firmeza, imaginou que a gigantesca dose já estava causando o efeito desejado. Era bem possível que até a matasse, mas não tinha certeza que fosse e ela não poderia errar. Precisava fazer o trabalho direito, ajudar mais uma pessoa a livrar-se de sua dor.

Depois que Nayana apagou, tudo ficou mais fácil. Ela não precisava mais fingir, só agir. Levou-a ao banheiro, tirou toda sua roupa e colocou no cesto de vime que ficava ao lado da pia. Precisava fazer parecer que ela estava tomando seu banho rotineiro.

Colocou Nayana deitada na banheira, molhou seu cabelo e a ensaboou um pouco, depois colocou o secador de cabelos em sua mão. Ficou admirando sua nova vítima, pensando em como a livraria de futuros sofrimentos.

Com esse pensamento de que era uma heroína, ligou a tomada e foi para a cozinha. Voltaria depois de alguns minutos para verificar se tudo correu bem, afinal morrer eletrocutado não é uma das formas mais agradáveis de suicídio.

Quando voltou e confirmou seu trabalho terminado, foi à procura de mais uma página para seu Frankie. Perambulou pelos quartos, porque não tinha notado nem uma estante de livros na sala. Começou a ficar irritada ao não encontrar nenhum, quando lembrou que Nayana só lia no Kindle.

— Não acredito que meu Frankie terá um capítulo pulado.

Já estava de volta na sala para sair, quando percebeu parte de algo que parecia um livro saindo da bolsa de Nayana, jogada aberta na mesinha ao lado da porta. Pegou rapidamente, sem notar o post-it na contracapa, arrancou uma folha e guardou o livro novamente.

Fechou a porta, olhou atentamente para confirmar que não estava sendo observada e saiu caminhando pela rua, pensando em mais uma pessoa que ela ajudou a parar de sofrer. Aquela ali poderia morar em um mosteiro beneditino, mas certamente depois de um tempo arranjaria um gole para fugir da vida que aprendeu a odiar. Fez isso tantas vezes, não seria agora que ela iria parar. Às favas que

não vendiam bebidas lá, no desespero, ir a uma cidade vizinha para buscá-las é o mais prazeroso dos passeios.

Foi tão fácil colocar uma peruca para parecer aquela mulher dos sonhos e levar Nayana na conversa. O pior foi ter que aguentar uma viagem inteira de ônibus, ouvindo uma história triste que ela já conhecia. Nunca foi à casa dela, mas tinha conhecimento de que havia uma banheira lá, porque soube que Nayana quase se afogou em uma das bebedeiras que fez. Também tinha certeza da existência do secador de cabelos, porque lhe confessaram as madeixas lisas e bem arrumadas diariamente.

Ela pensou como era muito fácil enganar pessoas vulneráveis, qualquer gesto que proporcione identificação e a confiança está garantida, sem nenhum limite. Pessoas assim vivem uma dor profunda que não tem cura. A cada execução ela sentia uma satisfação maior em ajudá-las.

Capítulo 10

Os últimos raios do sol poente

por Gregory Polo

A garota loira agora se levantava do sofá, a consulta com o psiquiatra havia sido a nona, talvez décima, e ela seguia aumentando seu apreço pelo médico. Ao longo dos encontros, inicialmente mensais e posteriormente a cada 45 dias, Karen havia melhorado em muito seus hábitos, tornando-se uma pessoa quase sempre mais tranquila do que o normal, geralmente ignorando os impulsos auto-destrutivos e se adaptando cada vez mais ao cotidiano que sempre, desde criança, lhe parecera um mundo alienígena, pouco explorado e nada convidativo à exploração. Ao longo dos meses, era como se uma flor estivesse desabrochando, ela se tornava cada vez mais radiante, cada vez mais “normal”, como ela mesma se descreveria. Essa mudança de hábito e de comportamento se dava basicamente por dois motivos, que se interligavam.

O primeiro era que o seu comportamento destrutivo havia conectado suas noções de diversão diretamente com o uso de álcool e outras substâncias, inicialmente de maneira tímida, mas com o tempo esse relacionamento acabou se estreitando e ela acabou largando as aulas de psicologia por motivos bastante embaraçosos. As consultas com o dr. Guilherme acabaram por iniciar a resolução deste conflito, e ela começou a confrontar seus desejos e rever suas amizades. Ela constantemente lembrava de uma colega que conheceu na faculdade e se tornou sua melhor amiga, Melissa, a garota que conseguia a melhor maconha do campus. Mas o medo, ou melhor, o pavor de decepcionar o médico que caminhava sentido a

porta do consultório era maior que a vontade de rever Mel, e sendo assim, elas estavam sem nenhum contato há quase um ano.

O segundo se dava por uma razão ligada ao coração. Guilherme, o psiquiatra, era um homem médio, de boa aparência, mas de beleza pouco surpreendente. Era educado, e isso poderia cativar algumas pessoas, mulheres em específico. Mas a afeição que Karen desenvolvia por aquele que a tratava também se dava principalmente pelo ar de mistério envolto na figura do médico. Ela pouco sabia sobre ele, e tinha a impressão que era um homem sozinho e de poucos amigos, e essa impressão estava bastante correta. Os contatos que ele tinha com outros seres humanos se davam quase que somente por motivos profissionais, e era essa a ideia que inspirava a paixão nos sonhos da garota. Um homem capaz de abrir mão de qualquer socialização justamente para tratar os outros e resolver problemas alheios era praticamente um herói. Mal ela sabia que a solidão de Guilherme se dava por motivos um pouco mais intensos. Exceto alguns encontros perdidos aqui e ali, quase nenhum relacionamento dele de amor ou amizade havia durado o suficiente. Diana não era bem uma amiga, mas era talvez a pessoa viva mais próxima de conhecer verdadeiramente o colega, Pedro era seu grande amigo, ou melhor, havia sido, pois Pedro estava morto havia tantos anos, e o Guilherme que ele conhecera já era outro, bem mais amargo que aquele da época da faculdade.

Karen caminhou em direção à porta e aos poucos decidiu que aquele momento era talvez a única chance que ela teria de colocar seus planos em prática. O coração acelerou, e ela sentiu uma gota de suor escorrer pelas costas. Agora ou nunca. Agora. Nunca. Agora! A garota se projetou para frente e mirou seus lábios nos lábios do médico, que após um instante pareceu entender onde aquilo iria terminar e desviou. Karen ficou em choque por outro breve instante enquanto seu cérebro decidia qual seria o próximo movimento e sentiu a face corar. Guilherme, igualmente envergonhado, nada pôde fazer para conter a expressão de dó sobre toda aquela situação embaraçosa e pouco funcional que havia acabado de acontecer. A paciente, ao interpretar os sinais no rosto do médico, chateou-se

ainda mais, e ainda mais envergonhada saiu rapidamente, ignorando os chamados do médico.

Melissa estava de certa forma chocada, aquela era a última chamada que ela esperaria. Karen ressurgia das cinzas com a voz chorosa em um tom irritadiço. Melissa ainda repetia o diálogo em sua cabeça “Oi amiga, tá ocupada? to precisando chapar” foi o que a garota havia muito desaparecida disse, e ela, num impulso, respondeu “vem aqui em casa”. O motivo disso talvez fosse pânico – mas ela não tinha certeza –, e ficou remoendo tudo isso, hora arrependida de ter atendido ao telefone, hora tentando se demonstrar empolgada por reencontrar Karen após tantos anos, até que o interfone tocou e nesse ponto tudo já era tarde demais.

Karen estava com os olhos vermelhos e inchados, mas a expressão desesperada era a mesma de tempos atrás quando elas costumavam se encontrar naquele mesmo local para fumar maconha e beber. A visitante inusitada abraçou a anfitriã e, neste momento, Melissa apreciou o que estava acontecendo.

Elas se jogaram no sofá, a dona da casa acendeu o baseado, e este foi alternando entre as mãos enquanto Karen vomitava seu fracasso romântico recente, ocultando de propósito e por quanto tempo conseguisse controlar a língua, que o cara por quem havia se apaixonado era o próprio psiquiatra que a estava tratando, e, claro, com os conhecimentos adquiridos na faculdade de psicologia, ambas sabiam que isso era um processo totalmente normal, daí a sua vergonha em admitir. Melissa não estava tão confortável com a situação, mas fez perguntas pontuais e teceu comentários que não exigiam muito raciocínio, mas que escondiam a falta de interesse no assunto.

As duas já estavam conversando e fumando há pouquíssimo tempo quando o telefone de Melissa tocou novamente e, por outros motivos, ela recebeu atender, mas algo como uma intuição a fez deslizar a mão na tela e, com o telefone encostado na orelha, ela

respondeu “Alô?” enquanto mantinha a outra mão aberta num sinal de “espere” voltado para Karen.

A conversa foi breve. Enquanto durou, mesmo Karen, já um pouco alta, pôde perceber que o assunto era sério, principalmente pela expressão de Melissa, que consistia num semblante incrédulo. Ao final da chamada, ela só respondeu “Estou indo praí”.

Talvez fosse efeito da maconha, talvez fossem só as conexões estranhas que nossos cérebros humanos fazem quase sempre – mesmo em situações bizarras ou trágicas – mas muito além daquele dia Melissa descreveria que a expressão da amiga era similar à de um ratinho assustado e curioso, pois essa foi a primeira frase que brotou em seu cérebro quando desligou o telefone e contemplou a face da amiga e então ela respondeu.

— Guria! Meu irmão... morreu.

Como é natural, o ambiente na casa onde a família havia encontrado o corpo não estava nada fácil. Melissa chegou quase que na mesma hora em que o Instituto Médico Legal levava o cadáver para os procedimentos legais, e algumas horas se passaram sem que o sossego pudesse estar presente na mesma casa. Todos se olhavam de um jeito meio tímido e mudo. A mãe de Melissa ainda não tinha sucumbido ao choro, como aconteceu nas horas seguintes, mas os familiares restantes pareciam ainda não ter entendido tudo o que aconteceu. Cada um procurava alguma coisa útil para fazer que pudesse atuar como distração: Marta, a mais velha dos filhos, se ocupou de contatar a funerária e apressar os processos burocráticos; seu tio, também presente, tomou conta de avisar os familiares e amigos, por mais que ainda não tivessem as informações todas definidas; Melissa irritava-se principalmente por nem mesmo nessas situações ser tratada como adulta. Ela tinha 23 anos e agora mais do que nunca estava apta a ajudar, mas pensou que possivelmente seria para sempre a irmã caçula a ser poupada de todo o esforço e trabalho.

Isso tornava o ambiente familiar, principalmente naquela situação de luto, muito mais opressor e claustrofóbico, e ela sentia que todos estavam prestes a oferecer qualquer apoio para ela, quando ela ainda não havia entendido por completo tudo o que acontecia, e tudo o que aconteceria na sequência. Era visível que sua mãe precisava de muito mais consolo do que ela própria, mas obviamente a dona Joana mantinha-se sempre firme como uma rocha, ainda que já tivesse começado a se render ao pranto.

Melissa, então, decidida a encontrar uma maneira de fazer algo útil, decidiu procurar por alguma coisa no quarto do irmão. Ali provavelmente foi o primeiro baque. O lugar era o principal ambiente onde o garoto passava seu tempo. Rodeado de livros e cadernos, um exímio estudante, sempre com um semblante melancólico e fascinado por coisas tomadas pelos outros como mórbidas. Ela folheou alguns livros e bateu o olho em diversas anotações. Uma em especial chamou a sua atenção. O irmão havia mantido um diário de anotações sobre suas impressões literárias. Ali havia diversas resenhas de vários livros, clássicos, pérolas do underground, biografias, ficção, horror e um pouco mais. O último livro a ser descrito ainda não tinha sido terminado, mas estavam lá as principais percepções. Ela percebeu que, ao contrário dos outros, esse livro não estava tão acessível, e sem saber o motivo, começou a procurar. Revirou as pilhas, a estante, até o criado-mudo, mas nada. Decidiu que talvez pudesse estar em outro cômodo da casa. Estranhamente o encontrou caído perto da porta de entrada. Delicadamente pegou o livro e um profundo pesar pensou que aquele havia sido um dos últimos objetos a ser tocado pelo falecido irmão. Segurou firme e conseguiu conter uma lágrima que tentou escorrer pela pálida face. Ela sabia que poderia e até que deveria chorar, mas ali na casa só serviria para que todos parassem seus afazeres – agora Marta e a mãe estavam decidindo a roupa com a qual o rapaz seria enterrado, e constantemente pedindo a opinião de Melissa – e ela não queria ser consolada, queria enfrentar sozinha, pelo menos enquanto fosse possível, aquele processo de luto.

Já sem nenhuma presença familiar próxima, ela abriu o livro e

folheou rapidamente, como que procurando por algo, e justamente na contracapa ela viu de relance. Voltou algumas páginas até poder ler com clareza a inscrição manuscrita feita com caneta azul “Dr. Thomas Fonseca”. O psiquiatra. Talvez aquela fosse uma deixa importante para poder se libertar daquela pressão no ambiente familiar. Pensou e repensou e decidiu que iria entregar o livro no consultório do médico. Mesmo que aquilo não fosse algo tão urgente, nela havia o sentido de urgência em estar sozinha, para poder chorar, ou pensar, ou até mesmo terminar aquele baseado sobrado de mais cedo. Sabia que nenhuma dessas três coisas seriam possíveis enquanto estivesse ali na presença da família.

O carro seguia quase silencioso. O motorista mantinha uma música ambiente, mas evitou puxar qualquer assunto quando a garota não fez o mesmo. No caminho, que pareceu levar uma eternidade, ela pôde refletir sobre tudo aquilo. Como ela nunca havia percebido que o irmão estava prestes a acabar com a própria vida? Por outro lado, ela ainda não estava totalmente certa disso, mas que outra opção seria possível? Haveria alguma razão para alguém entrar na casa, na calada da noite e simular o suicídio dele? Essa era a pior das opções, sem dúvida, pois era totalmente inconclusiva. O luto não é feito só de tristeza e saudade, pelo menos não sempre; muitas vezes, lá no fundo, esperando pela chance de borbulhar e tomar o espaço dos sentimentos mais passivos, existe a raiva. Melissa sentia o gosto dessa raiva quase na garganta, mas naquele momento a raiva não tinha força suficiente pra subir. Ela procurava alguém pra culpar, e a pessoa mais próxima disso era ela mesma. Nenhum dos familiares também percebeu nada, nenhum indício de que aquilo estava prestes a acontecer, mas ela não achava justo culpar os outros, sendo que talvez ela fosse a mais capaz de ter percebido alguma coisa. Ela e o dr. Thomas, o psiquiatra. Remoeu um pouco esse sentimento, e foi inevitável que isso se misturasse a sentimentos do passado em que ela apreciara discordar do médico,

numa atitude obviamente insolente, pois ela sequer tinha bagagem para tanto, e sabia disso.

No entanto, talvez ela ficasse espantada futuramente quando olhasse para esse episódio no carro, talvez até ela esquecesse devido ao turbilhão de sentimentos que borbulhavam em sua cabecinha jovial, mas ela sabia que não podia direcionar sua raiva para o médico. O irmão havia apresentado severas mudanças de comportamento, muito mais seguro, sociável e amistoso. Em certo momento, tentou lutar contra um pensamento, daqueles absolutamente indesejáveis, que surgiu no cantinho da cabeça, e quanto mais ela tentava censurar, mais ele parecia elevar o tom “seria melhor que ele tivesse sido morto por outra pessoa” e envergonhou-se do pensamento, mesmo que não tivesse o controle total daquilo. Como poderia ela pensar, com ideais totalmente egoístas de que seria mais fácil de aceitar se fosse um assassinato? Seria muito melhor que ele ainda estivesse vivo, sem suicídio e sem assassinato.

Decidiu folhear o livro novamente em busca de distração, aquela reflexão não estava trazendo nada de positivo, e passou as páginas, lendo de maneira preguiçosa e espaçada, sem fazer questão de entender qualquer coisa, enquanto o pensamento ainda latejava lá no fundo. Eis que de repente o pensamento sumiu, e ela percebeu que uma página do livro estava solta. Começou a folhear intensamente, mas não encontrou outra folha solta. Aquilo não fazia sentido, procurou novamente, dessa vez de maneira minuciosa, na lombada do livro a página que fazia par e percebeu que não estava lá. Será que a página estava largada e esquecida no quarto? Ou será que o irmão quando emprestou o livro nem sabia da falta? Qual seria uma razão para arrancar uma página de um livro? Melissa não conseguiu encontrar uma resposta, mas de certa forma aquilo parecia tão importante e tão sem valor ao mesmo tempo. O que era uma página arrancada de um livro emprestado quando seu querido irmão já estava, provavelmente, sendo encaminhado para o cemitério? “Foda-se esse livro” pensou, e por um breve instante quase decidiu abandonar os planos e correr para qualquer lugar onde pudesse encontrar consolo.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo motorista, que avisou que a viagem havia chegado ao fim, Melissa agradeceu e desceu do carro. A clínica estava aberta, e, ao entrar, conversou brevemente com a recepcionista que a informou que a última consulta do dr. Thomas acabaria em menos de 10 minutos. O tempo que passou foi o pano de fundo de um conflito, mais um, que se desenrolava nos pensamentos de Melissa; ao passo que ela gostaria de deixar o livro ali, ela também sabia que alguém da família deveria informar ao médico sobre o falecimento de Maurício. Ela estava quase decidida. Já havia pensado e repensado em como avisar a recepcionista e deixar o livro, enquanto desejava com todas as forças ser dragada para fora daquela sala, mas, antes que pudesse agir, o médico abriu a porta e se despediu de uma mulher de meia idade, bonita e com ar sereno. Em seguida, ela foi anunciada pela recepcionista, e o médico caminhou até ela, estendendo a mão de maneira cordial.

— Você é a Melissa, irmã do Maurício, certo? Como vai?

— Eu... estou bem. Eu vim para devolver esse livro – respondeu a garota de maneira ansiosa.

— Claro, claro, e o seu irmão, tudo bem? Isso é um pouco inusitado – disse o velho médico quase que prevendo que algo não estava certo.

— Ele morreu – respondeu ela enquanto Thomas expressava surpresa, com os olhos arregalados.

Três psiquiatras postaram-se sentados à mesa, Diana, Guilherme e Simone. Um quarto, Thomas, se aproximava pedindo desculpas pelo atraso, alegando eventos que surgiram de última hora mas que ficaram sem definição exata aos médicos que aguardavam.

A reunião ocorreu de forma casual, e, como sempre acontecia, cada um apresentava os casos mais turbulentos de suas carteiras de clientes, todos teciam argumentos, sugerindo procedimentos e abordagens. Guilherme percebeu que Thomas estava pouco participativo e com olhar ausente e decidiu que após o encontro do grupo

ele tentaria colher alguma informação, se isso pudesse trazer algum benefício ao comportamento do colega.

Guilherme, por sua vez, apresentou um caso pouco convencional, mas decidiu ignorar os eventos recentes em seu consultório. De certa forma, era normal que houvesse a transferência afetiva entre paciente e terapeuta, mas ele não queria abordar o assunto justamente por temer uma resposta específica. Ele sabia que aquilo estava se encaminhando, não foi falta de atenção, ou de percepção. Ele percebeu os sentimentos aflorando em Karen, mas não tinha certeza se havia de, alguma forma, encorajado a tentativa da garota. Obviamente, sendo uma garota jovem e bonita, ele admitia, apenas internamente, que sentia alguma atração, e era exatamente aí que residia o sentimento de culpa. Ele podia imaginar, mas não podia prever com certeza absoluta quais seriam os resultados dali em diante. Karen havia demonstrado fortes mudanças comportamentais – ele temia uma recaída e que, por vergonha de encará-lo novamente, ela procurasse outro profissional.

Mais internamente, e isso o deprimia em níveis absolutos, ele sempre sentiu um pouco de ciúme de seus pacientes, não de fato um ciúme romantizado, mesmo no caso de Karen, mas Guilherme estava acostumado a ser um homem solitário. Seus contatos interpessoais estavam estritamente construídos nas relações com colegas de trabalho, principalmente com os colegas do grupo de discussão – com Diana em um grau, de certa forma, diferenciado, devido ao passado que partilhavam. Mas com o tempo ele acabou desenvolvendo uma relação mais pessoal com seus pacientes, principalmente os que frequentavam seu consultório por tempo suficiente para apresentar mudanças palpáveis. Era mais ou menos esse o caso de Karen, e ainda somava-se o fato da garota ter uma tendência manipulável, fato este que se tornava mais um motivo a construir os sentimentos de vergonha que ele sentia. Diversas vezes naquele dia ele se perguntou se a havia manipulado para desenvolver uma atração. Ele sabia que não, sabia que pacientes se apaixonam por aqueles que os tratam o tempo todo, e que existe uma certa normalidade, visto que a maioria dos pacientes surge em condições de fragilidade,

procurando um porto-seguro. Sabia também que não era correto fazer uso dessa “oportunidade” e constantemente criticava os colegas que se aproveitavam dessas condições, pois um relacionamento pautado nessas condições deixaria os pacientes em situações por vezes piores que as em que eles chegavam aos consultórios pela primeira vez.

Guilherme se afundou em suas próprias reflexões e pensamentos e não percebeu quando o encontro chegou ao fim. Só voltou a si quando a dra. Simone se despediu de todos e saiu da sala. Ele esperava que Diana também saísse, para poder abordar Thomas, mas ocorreu o oposto, Thomas foi quem precisou se ausentar para atender ao celular e Diana, ainda sentada à mesa com ele, tocou seu braço e falou baixo:

— O que será que deu no Thomas hoje?

— Também fiquei preocupado. Ele nunca age assim, aéreo...

— Não deve ser nada, só algum probleminha... – finalizou Diana ainda mais baixo conforme Thomas se despedia e voltava à sala.

Guilherme se levantou e caminhou até o velho psiquiatra. Diana o seguiu e posicionou-se ao seu lado.

— Thomas...

— Sim?

— Notamos que você está um pouco incomodado com alguma coisa... – iniciou Guilherme.

— Talvez preocupado demais, aconteceu alguma coisa? – continuou Diana.

— Não... Ah, sim! – respondeu Thomas – um... um paciente meu morreu, suicídio, sabem como é, né?

— Puta merda – Guilherme deixou escapar – que merda, cara!

— Putz, sabemos como é – continuou Diana – sempre complicado lidar com isso.

— Sim... o pior... – Thomas fez uma pausa e pigarreou – é que ele não dava nenhum sinal de tendência suicida...

— Quando foi? Hoje? – indagou Guilherme tentando ser prestativo e interessado.

— Sim, acabei de saber, um familiar me visitou no consultó-

rio... Enfim, complicado, mas agora não há nada que possa ser feito...

— Às vezes alguma coisa escapa, ou não está lá para ser vista a tempo, sabe? – disse Diana, e Guilherme pensou em como ela lidava melhor com toda essa situação. Praticamente não havia surpresa em sua expressão, apenas a calma, e uma voz mansa e acalentadora.

— Sim, claro – concordou Guilherme de um modo meio bobo.

— Eu sei, mas não deixa de ser triste né, toda vez que perdemos um... Eu só não... – Thomas parou – deixa pra lá...

— Não, pode falar – respondeu Guilherme por impulso.

— Além de não demonstrar nenhuma tendência... suicida – Thomas estava visivelmente alterado agora – eu havia emprestado um livro para ele...

— Sim, e aí? – encorajou Guilherme.

— Ele arrancou uma página antes de se matar... Nem a família, nem eu conseguimos entender... Mas... deixa pra lá.

Thomas deu a entender com seu comportamento que o assunto estava encerrado e se despediu. Embora Guilherme acreditasse que Diana esperaria para comentar alguma coisa sobre a última parte revelada pelo velho médico, ela também se apressou a sair e só disse algo como “nos falamos mais tarde” enquanto apertava breve e levemente as costas da mão de Guilherme.

Capítulo 11

Um flash de luz numa noite sem fim

por Gregory Polo

Aquele dia havia sido uma explosão de sentimentos. As horas haviam sido escorridas em minutos e tudo passou num piscar de olhos, algo incrivelmente incomum para um dia cinzento como aquele, e agora, numa sala espaçosa onde o único móvel presente é a poltrona sobre a qual Guilherme se recosta, os sons da rua, e as luzes artificiais da cidade, são as únicas pontes entre o psiquiatra e o mundo real.

Mesmo o scotch que o traz à vida após cada gole, parece ter mais conexão com o universo de sensações que ele experimentou num dia extremamente turbulento, do que com os grãos, o carvalho e o tempo. Todo o conteúdo da garrafa, já meio vazia, que segue para o copo, inunda o organismo, e lentamente é transformado em anestesia.

Aos poucos o médico esquece a própria identidade, esquece dos problemas e dos obstáculos que rotineiramente se posicionam em seus caminhos. Aos poucos, o homem, em desespero, buscando livrar-se da solidão que o assola procura aquela, a única que o abraça e o conforta. A própria solidão.

Mais um gole, o líquido etílico é saboreado e desce pela garganta de Guilherme. Cada vez mais lentamente o corpo se entorpece, mas a mente encontra-se em agitação. Cada vez mais os pensamentos caminham pra longe daquela sala escura, voam pela janela e fluem na cidade noturna, nas luzes amarelas das ruas, nos faróis dos carros que deslizam pelas vias cinquenta metros abaixo do aparta-

mento. A essência do homem deixa aquela sala vazia e busca liberdade. No caminho inverso, o vento frio de outono preenche todas as lacunas deixadas pela falta de mobília.

Duas horas antes, Guilherme entrou agitado, trancou a porta, desligou o celular e colocou o aparelho sobre a bancada da cozinha, quase tão vazia quanto a sala. Buscou a garrafa de whisky e um bom copo. E desde então, permaneceu recostado, sozinho, no escuro e em paz. Aquele era seu refúgio. Ninguém sabia que ele poderia ser encontrado lá. Não topava com nenhum vizinho, não recebia visitas, sequer havia mobiliado o apartamento. Não. Aquele lugar era perfeito assim, destacado do mundo real.

Suas estadias no apartamento no Batel nunca eram longas, e muitas vezes não chegavam a ter 12 horas de duração, o que ele achava uma pena, pois ali era o lugar onde realmente se sentia em casa. Mais em casa que a própria casa onde realmente habitava.

Naquelas noites em que ia para o apartamento, buscando conforto no álcool e no vazio escuro, nada seguia roteiro e cada uma se desenrolava diferente da outra, muito embora aqui ou acolá existisse alguma rotina padrão. As regras principais, não oficiais, mas até aquele momento, cumpridas à risca, era a ausência de comunicação. Não havia telefone, televisão, rádio ou qualquer aparelho que pudesse conectar o interior do apartamento com o exterior urbano. O celular era sempre desligado e depositado na mesinha que ficava ao lado da porta de entrada, e lá permanecia até que o médico estivesse pronto para deixar o refúgio e enfrentar o mundo externo. Mas naquela noite, essa regra foi quebrada. Tomado de assalto por uma sensação de carência, desta vez não suprida pelo uso do whisky, Guilherme, após cambalear até a porta em seu estado embriagado, ligou o aparelho.

Sentou-se novamente com o celular em mãos e esperou o que pareceu levar horas, mas foram menos que 10 segundos, e discou, o nome Diana apareceu acima do número. Novamente o momento de dúvida pareceu durar mais do que a realidade permitia, e ele apertou para chamar. E chamou. O coração acelerou, eram duas horas e quarenta minutos de uma madrugada que se estenderia lon-

ga pela frente. E a cabeça de Guilherme, ainda que entorpecida pela quantidade de álcool, se movia de maneira distorcida à velocidade desajeitada do corpo bêbado, e ele percebeu que era melhor não continuar com aquela ideia. Sentiu o coração acelerar ainda mais quando ouviu o primeiro toque, que nunca chegou a tocar do outro lado da linha, e desligou. Colocou o celular no bolso e percebeu o quão abalado estava. O choro veio fácil, inicialmente contido, porém logo cedeu aos soluços, e se desprende de qualquer ideia de moderação.

Cenas como esta não eram muito comuns, mas ele sabia, consciente ou por instinto, que não havia como lutar contra, e melhor que isso, sentia-se protegido naquela escuridão solitária. Ali poderia chorar, ali ele era o próprio doutor e paciente. Ali era permitido errar. Ali era permitido lembrar de todos aqueles que haviam sido depositados aos seus cuidados e que já não caminhavam mais entre os vivos, e mais que isso, dentro daquele apartamento somente os fantasmas do passado e os flashes de luz dos faróis dos carros, que se deslocavam pela cidade, se moviam com rapidez. Estavam todos sempre indo ou vindo. E diante dessa imagem o choro começou a encolher e logo cessou. O coração também havia acalmado, muito embora Guilherme não soubesse dizer quando foi que deixou de ficar ofegante.

A noite seguia seu fluxo de movimento e atingiu seu ponto de maior calma, e o apartamento submergiu na mais profunda escuridão e no mais profundo silêncio.

Guilherme não soube entender em que ponto aquilo havia acontecido. Despertado de seu transe emocional, lágrimas já não escorriam mais, e ele ouviu um ruído vindo da porta que levava ao corredor do apartamento, e por puro instinto virou a cabeça e contemplou. Foram necessários dois ou três segundos para que ele pudesse entender. Um homem estava parado encostado na porta e o observava com curiosidade. Sua face estava imersa na escuridão e, mesmo antes de abrir a boca e tornar audível sua voz, o psiquiatra já sabia quem era. Pedro.

— Quanto você acha que isso vai durar? – perguntou o amigo.

— Isso o quê? Como... – indagou Guilherme, ainda atônito.

A presença do amigo era algo inexplicável, algo que nem nas histórias fantásticas de sua juventude seria trazido à tona sem uma precisa explicação, pensou Guilherme, e enquanto Pedro se aproximava da cadeira sobre a qual ele estava sentado, pensou em como nesses longos anos nada havia mudado na face do amigo, o mesmo olhar jovial, o mesmo sorriso no canto da boca. Tudo. Ao que parecia, sequer um dia havia se passado desde o último encontro.

— Você sabe, essa sua mania de fugir de tudo, isso está visivelmente parando de funcionar – exclamou Pedro. Você sabe que tem dois caminhos.

O vislumbre do amigo contornou a cadeira e posicionou-se recostado na janela. Atrás dele a noite continuava seus rituais tradicionais, floreado de luzes coloridas, e ventos oportunos.

Guilherme tinha mil e uma respostas e nenhuma se atrevia a flamejar garganta afora, a boca seca renunciava qualquer direito ou desejo de se pronunciar, e os ouvidos pareciam ignorar qualquer outro ruído que não fosse a voz de Pedro. O semblante do amigo logo se tornava sério, olhar rígido e linhas endurecidas, e ele, nada acostumado a ser confrontado, afundava-se covardemente na poltrona; o braço procurava debilmente, e sem sucesso, a coragem, tateando cegamente o copo de whisky, anteriormente depositado no chão. Ignorando toda a covarde movimentação e a incredulidade de Guilherme, Pedro continuou.

— Você já não sente mais nenhum prazer nisso. Você sabe. Até quando você vai fingir? Até quando você vai fugir? – o amigo assumiu um tom que Guilherme jamais vira. Você pode sair por aquela porta – o fantasma de Pedro apontava para a porta, que dava para o corredor externo, Guilherme se virou e percebeu que agora a porta começava a se abrir – ou fugir pela janela.

O psiquiatra só teve tempo de ver as pernas do amigo desaparecerem na queda livre que o silenciou.

Abriu os olhos assustado e percebeu que a única coisa que passava pela janela eram fortes lufadas de vento frio, imediatamente sentiu o gosto quente do whisky parcialmente digerido subindo-lhe

pela garganta, mas conseguiu acalmar o estômago e os nervos. Que sonho estranho e louco, porém, serviu ao propósito de fazer Guilherme levantar da cadeira angustiado e caminhar cambaleante até o banheiro para jogar um pouco de água no rosto, e então despertar de verdade.

A bagunça na cabeça do psiquiatra ainda não estava nem perto de ser solucionada, mas agora, talvez, parecia que tudo estava sendo arrastado pros cantos, e no meio penetrava uma luz que lhe mostrava o caminho. No fim das contas, as ideias já se mostravam claras o suficiente pra que ele soubesse o que fazer, só precisava encontrar a coragem nos músculos e se mover.

Com o celular em mãos novamente, dessa vez ele concluiu a ligação; porém o destinatário era diferente do anterior, e ele sabia que, apesar da noite já ter se convertido em madrugada, se pretendia fazer alguma coisa antes de amanhecer, precisava agir rápido. Não muito longe dali, um celular tocou três vezes na madrugada, antes de uma voz sonolenta soltar um “alô?”.

— Ei, sou eu, Guilherme...

— Ah, oi Guilherme... aconteceu alguma coisa? – indagou o outro psiquiatra ainda surpreso com a chamada.

Guilherme também estava surpreso, raramente ele conseguia dormir quando algum de seus pacientes morria. Mesmo agora com 20 anos de experiência. E não era culpa, era apenas uma tristeza que pairava sobre o coração e que tirava o sono por noites.

— Ah, não... eu só queria saber se você sabe alguma coisa sobre o enterro do seu... ah, paciente – Guilherme ouviu um pigarro do outro lado e continuou – eu nunca fui quando morreu algum dos meus, mas, acho que...

— Claro, claro, eu entendo... – o homem do outro lado da linha estava muito mais interessado em voltar a dormir – É ali no Cemitério do Água Verde, o velório já está acontecendo e o enterro será perto do meio-dia, eu acho.

— Obrigado...

— Boa noite, Guilherme.

— Espera, mais uma coisa, você acha que foi mesmo suicídio?

– perguntou Guilherme, mas já não havia ninguém do outro lado para responder.

O vento passava cortando todos os pontos em que a pele mostrava-se desnuda, e ao sair do carro Guilherme puxou a gola do casaco na intenção de proteger o pescoço. Observou de longe a fraca presença e movimentação na capela.

Percebeu, mais uma vez, que quase ninguém mais passava as noites velando os cadáveres daqueles que já não caminham mais sobre a Terra, exceto nas mentes e sonhos dos ainda vivos. Lembrou-se do sonho esquisito e da presença de Pedro, e indignou-se ainda mais com o fato do atual comportamento humano basear-se em despedir-se da pessoa quando presente em seu funeral, quando, na realidade, existem primordialmente duas funções estipuladas aos amigos, familiares e conhecidos de um falecido. A primeira, certamente, é despedir-se e prestar as últimas homenagens, mas a segunda é prestar consolo e abrigo emocional aos que eram mais próximos daquele que se tornou ausente. No entanto, pelo que pode contabilizar de longe e sem ver todo o interior da capela mortuária, eram cinco ou seis pessoas.

O psiquiatra então iniciou a caminhada, alcançando logo o corredor que liga o interior daquele mundo de perda e luto com o exterior, nosso mundo real, onde nada para ou espera a dor passar. Chegou à entrada da capela e observou, todos os seis presentes – havia calculado certo – levantaram os olhos discretamente para tentar descobrir quem era o desconhecido que agora se aproximava do caixão. Um belo jovem, pálido como a névoa, jazia ali, seus cabelos negros estavam propositalmente penteados para trás, e em sua face havia um semblante de calma e tranquilidade. Enrolado às mãos, estava um terço esverdeado e brilhoso. Guilherme aproximou-se do caixão e deu uma breve olhada pela sala. Havia três homens e três mulheres. Um dos homens era um pouco idoso, e ele imaginou que talvez fosse um tio, talvez um pai, mas não havia nele, pelo menos

não aparentemente, o mesmo sentimento de perda que a mais velha das mulheres demonstrava, sendo provavelmente a mãe do jovem falecido. As duas moças eram parecidas, inclusive com o jovem, então, provavelmente irmãs, mais provavelmente ainda uma mais velha e outra mais nova. Os rapazes poderiam ser primos ou até mesmo namorados ou algo assim das garotas. Guilherme, observando os trajes e os comportamentos, de maneira discreta, constatou que, poucas vezes, nos últimos anos, havia percebido roupas adequadas nos velórios, e que atualmente as pessoas se vestiam de modo casual, abandonando trajes total ou majoritariamente pretos e sociais. Decidiu guardar esse pensamento para refletir sobre ele depois, torcia para não esquecer.

O psiquiatra tentou calcular um minuto estando próximo ao caixão, para passar uma imagem concreta de despedida, evitando levantar suspeitas sobre seu verdadeiro motivo para estar ali. Fechou os olhos por um breve período e então caminhou em direção à mulher que provavelmente era a mãe.

— Olá, não nos conhecemos, mas eu gostaria de lhe expressar meus sentimentos – disse Guilherme num tom grave, porém doce.

A mulher não conseguiu responder de imediato e apenas abraçou fortemente o desconhecido que lhe dirigia palavras educadas.

— Me chamo Evandro, e conheci o seu filho... – mentiu. A última coisa que queria naquele momento era se revelar.

— Obrigada, meu filho – disse a senhora num tom emocionado, que logo desencadeou uma nova onda de lágrimas.

Guilherme cumprimentou os outros presentes apenas com um aceno de cabeça, e percebeu que não havia planejado muito bem aqueles passos. Não havia um jeito sutil de questionar a família sobre qualquer coisa naquele momento. Tentou recompor-se e encontrou um dilema, podia tentar improvisar, mas aquela não seria uma hora propícia para questionamentos, principalmente um desconhecido que aparece no velório no meio da noite cheirando a whisky. Ou poderia desistir de toda aquela ideia e simplesmente sair dali o mais rápido o possível, assim que o pânico tomasse conta, que foi a opção involuntariamente tomada.

Lá fora ele quase se desesperou e percebeu que não poderia voltar, sua movimentação já havia sido notada, e ele decidiu esperar ali fora, enquanto tentava encontrar um modo de obter respostas.

Mas não precisou esperar muito, logo a mais nova das garotas saiu da capela com o celular na mão, Guilherme percebeu que ela pretendia chamar um carro. Ali se encontrava, talvez, oportunidade.

— Merda! – ela deixou escapar enquanto frustrava-se com o aparelho nas mãos.

— Com licença – ele se aproximou – posso lhe ajudar?

— Eu... não. Estou tentando chamar um carro, mas não estou conseguindo... – justificou ela de sobressalto.

— Bom, se você quiser, posso te levar... – Guilherme parecia tão inseguro quanto a moça.

— Não, obrigado, não precisa se incomodar – agradeceu ela em tom defensivo.

— Faça questão, inclusive, é uma maneira de compensar pelo sofrimento que a família está sofrendo com a... com o que aconteceu com o seu... irmão... – respondeu Guilherme retomando um tom seguro e cândido.

A moça se apresentou como Melissa e concordou. Os dois seguiram até o carro, ele um pouco a frente, e ela na sequência. Guilherme podia ter vários defeitos, muitas vezes solitário demais, acabava por afastar todos que alguma vez tentaram se aproximar, mas sem dúvida a melhor de suas qualidades era a educação e a polidez.

Durante o início do trajeto, que ia do Cemitério do Água Verde até algum ponto quase em São José dos Pinhais, os dois permaneceram em silêncio, mas Guilherme sabia que não teria outra chance de obter respostas, pelo menos não tão nítida como aquela, e começou a investir em assuntos mornos, mas que trouxessem alguma estabilidade àquela nova relação.

Em certo momento, como era inevitável, Melissa levou a conversa para perto dos recentes acontecimentos, e talvez somente naquele momento, completamente indefesa emocionalmente, na companhia de um completo estranho, é que ela percebeu. Ali é que

a ficha dela caiu. Nunca mais veria o irmão, e isso trouxe um choro torrencial, e Guilherme precisou parar o carro para prestar um maior auxílio àquela que se encontrava em completo desalento.

Guilherme, que atuava sob o papel de Evandro, não conseguiu se conter e atendeu aos seus apelos mais íntimos de prestar um bom apoio emocional, e ambos passaram um certo tempo abraçados, enquanto ela balbuciava palavras ininteligíveis sobre o irmão, e sobre como a vida era injusta. Melissa, já consolada e um pouco mais calma, embora ainda visivelmente abalada, foi deixada em casa pouco tempo depois e na despedida Guilherme disse:

— Fique bem, isso tudo vai passar – e enquanto rabiscava seu número de telefone num papel e estendia para ela, continuou – estou aqui para o que você precisar.

Melissa agradeceu e se foi. O psiquiatra deduziu que não havia mais nada a se fazer naquela noite, quase sem fim, e decidiu que era hora de ir pra casa tentar encontrar um banho e algum descanso.

Oito dias depois daquela noite estranha e quase atemporal, Guilherme deparou-se com uma ligação desconhecida, logo após o último paciente do dia, sequer pensou e retornou.

— Alô? – disse ele ansioso.

— Alô, Evandro? – ouvir a voz de Melissa era ao mesmo tempo reconfortante e motivo de pânico. Tudo aquilo parecia ter acontecido em outro tempo, com outra pessoa, e embora ele ainda pensasse em tudo o que aconteceu desde que tomou conhecimento da página arrancada, às vezes custava acreditar que ele tinha se enfiado nessa história.

— Ah... sim – respondeu o psiquiatra meio vacilante.

— Oi, aqui é a Melissa... Não sei se você lembra de mim... – a moça parecia tão insegura quanto ele.

— Sim, claro, como você está? Melhor, eu espero...

— Sim, um pouco, é tudo tão recente, mas não foi por isso que eu te liguei... – ela também parecia não ter certeza do que estava fa-

zendo, e pela primeira vez ele sentiu-se até meio arrependido – Eu gostaria de agradecer por tudo o que você fez por mim – continuou ela – e se você quiser, podemos tomar um café, qualquer dia desses...

— Claro...

Nos dois dias que se seguiram até o encontro, Guilherme trabalhou, ou tentou trabalhar, em sua nova identidade. Precisava dar certa consistência para Evandro, mas estava decidido a pisar no freio se visse que as coisas pudessem de alguma forma trazer algum sofrimento para aquela garota que fora arrastada para o meio daquele caos.

O assunto fluiu pouco do momento em que ele passou na casa dela, até o momento em que chegaram ao bar, ambos pareciam perdidos e bastante inseguros sobre o que poderia acontecer, mas Guilherme estava decidido a ao menos tentar, por mais óbvias que pudessem ser as respostas. No entanto, após o primeiro drink, ele acabou encontrando o caminho, e começou a estabelecer uma conversa agradável para ambos.

A principal ideia de Melissa, segundo ele pudera perceber, era que ela estava buscando alguma forma nova de lidar com o luto, alguém que pudesse fazê-la esquecer do triste destino que seu irmão havia tomado. Guilherme, sem dúvida, jamais seria confundido com essa pessoa, mas Evandro podia muito mais do que ser confundido, Evandro era esse alguém.

Mais uma bebida adentro, e Melissa contou que era estudante de psicologia, o que fornecia um assunto de certa forma tranquilo para o psiquiatra pisar e investir, mas ao longo do desabafo da garota, ele encontrou um conflito entre as ideias dela e as ideias do psiquiatra que havia tratado o seu irmão. Evandro, que não era psiquiatra, decidiu que era melhor praticar o papel de ouvinte, e deixou que a companhia guiasse o assunto, fazendo apenas questionamentos pontuais – provavelmente uma herança do comporta-

mento de psiquiatra.

A leitura corporal que Guilherme praticava lhe dava indícios de que havia algum interesse romântico ou sexual partindo de Melissa, e ele não sabia se deveria encorajar esse comportamento, ou esquivar-se dele. Obviamente, a curiosidade, somada ao apelo sexual que a jovem garota exercia sobre ele, acabou minando a segunda possibilidade, e eles já se encontravam tocando as mãos um do outro, enquanto a conversa seguia seu rumo.

Horas mais tarde, apesar de inicialmente surpresa com a ausência de mobília no apartamento, Melissa parecia confortável o suficiente para passar os braços envolta do pescoço de Evandro, e juntar os lábios num beijo caloroso com gosto de whisky. Guilherme não conseguiu, ou nem tentou, controlar os impulsos, muito embora lá no canto de sua mente houvesse uma preocupação em como aquilo iria acabar, e após reunir forças para perguntar se a garota estava certa daquilo que iria acontecer, deixou se levar pelo desejo, quando ela respondeu com um beijo ainda mais caloroso que os anteriores. E naquele quarto, onde o único móvel era uma cama, e que as paredes nunca haviam visto outra pessoa que não ele, habitavam, agora, Melissa e um homem dividido entre ser Guilherme e Evandro.

Apesar de serem praticamente desconhecidos, ambos pareciam saciados com o rumo que aquele contato tomou no final, e logo após o êxtase, Melissa foi tomada por uma onda de tristeza. Não uma tristeza desesperada, mas uma tristeza pacífica e compreensiva. A tristeza comum daqueles que não sentem raiva, mas sim saudade. De qualquer forma, Guilherme pode concluir que o sexo havia trazido benefícios na superação do luto da garota, e secretamente em sua mente não conseguiu decidir se aquilo deveria se repetir ou não.

Melissa também tirou as suas conclusões de tudo o que ocorresse, e além de sentir-se melhor, decidiu que Evandro parecia confiável o suficiente para que ela declarasse sentimentos que precisavam ser aliviados.

— Posso te dizer uma coisa? – perguntou ela meio tímida.

— Claro – respondeu ele enquanto acariciava os cabelos da garota.

— Não quero que pense que é papo de uma menina apaixonada... – ambos coraram – mas, isso foi bom pra mim...

— Eu...

— Não precisa responder, não estou cobrando nada, só queria que você soubesse...

— Também foi bom pra mim, e eu fico feliz em ter te... ajudado.

No caminho de volta, enquanto eles ainda trocavam carícias, Melissa, consideravelmente mais segura e controlada do que na primeira vez que ambos fizeram aquele trajeto, desabafou sobre o irmão e que ainda não havia se acostumado com toda aquela história.

Guilherme sobressaindo-se da personalidade de Evandro, então perguntou:

— Posso perguntar uma coisa? – e continuou quando a garota assentiu – sei que você não quer pensar nisso, mas de alguma forma esse suicídio não lhe parece meio estranho?

— Como assim? Você acha que alguém matou meu irmão? – perguntou ela curiosa e assustada.

— Não, não! É só que... bom, eu não o conhecia... muito, e você melhor do que ninguém como irmã e futura psicóloga teria percebido... – e então ele ouviu o que estava dizendo e tentou consertar – desculpe, não estou querendo dizer que você não percebeu, é só que, isso deve ser um pouco estranho para você...

— Sim – ela suspirou, e aparentemente conseguiu compreender, embora tenha ficado um pouco ofendida – Eu não imaginei nem por um segundo que ele pudesse se matar...

— Desculpe – disse Evandro novamente – eu sou um idiota... Não vamos falar disso.

E então chegando à casa dela, eles se despediram carinhosamente e prometeram sair novamente, e Guilherme sentiu novamente uma pontada de preocupação no canto da cabeça, pois não seria viável sustentar a mentira por muito tempo, e embora ele quisesse contar a verdade, temia que resultado isso teria, mas não gostaria de abandonar Melissa no momento em que ela não precisa-

va de mais uma desilusão. Mas isso era algo para se pensar depois, pois agora, ele havia ouvido de duas pessoas diferentes que nunca acreditaram que aquele jovem pudesse se matar, e agora, nem que tentasse, esqueceria aquela página que faltava no livro...

Capítulo 12

Medidas extremas

por Guilherme Alves

Diana e Guilherme estavam de volta ao ônibus de viagem, dessa vez fazendo o caminho reverso. Curitiba era o destino final. Guilherme uma vez ouvira alguém dizendo que o caminho de volta é sempre mais curto. Ele esperava que fosse mesmo.

O enterro de Pedro havia acontecido sem nenhuma surpresa. Algumas pessoas ainda comentavam sobre o sino que havia sido tocado no meio do velório. Alguns ficaram ofendidos, outros apreciaram a homenagem.

Guilherme tentou puxar assunto algumas vezes, mas não conseguiu mais do que respostas monossilábicas da amiga. Apesar da aproximação que tiveram durante o velório, Diana estava em silêncio. Nesse momento, ele se arrependeu de ter deixado seu discman na mala.

Diana estava cansada. Dizer adeus tinha consumido suas forças. Voltar para União da Vitória tinha consumido suas forças. Rever as expectativas que os pais dela tinham havia esgotado as forças dela. Ela só queria ficar em silêncio.

O sol ainda estava alto do lado de fora do ônibus. Guilherme estava sentado na poltrona ao lado da janela, com a cabeça encostada no vidro, observando os campos que cresciam e diminuía, indo do verde para o marrom, conforme a velocidade do ônibus. Ele notou as montanhas como figuras cinzentas no horizonte. Todas parecendo muito distantes, muito frias, muito caladas. Como se observassem a tudo de longe.

O silêncio fazia Diana pensar em Pedro. Pensar nos motivos que o levaram a tirar a sua vida.

Que beco sem saída foi esse que ele se enfiou?

Os pensamentos giravam e giravam, sem chegar a lugar nenhum. Mas ela queria entender. Queria encontrar a razão. O xis do problema.

Guilherme tinha dentro de si uma história que ele queria contar. Ela o assombrava desde a ligação de Diana. Ele tinha um segredo. Um segredo dele e de Pedro, que ninguém mais soubera. Ninguém mais saberia, caso ele não contasse. Estava em suas mãos.

De tempos em tempos, Diana soltava o ar dos pulmões, inflando as bochechas. Se estava irritada ou apenas cansada, Guilherme não sabia dizer.

Ele estava tentando puxar assunto com ela, para contar o segredo em algum momento, ou ao menos parte do segredo. Com o intuito de trazer algum conforto, alguma espécie de explicação para o suicídio de Pedro.

— Diana... – ele chamou, depois de tomar coragem. Ela se virou na direção dele. Ela usava óculos de sol, por causa da luz da janela ao lado de Guilherme.

— O que foi? – ela disse baixinho.

— Eu preciso te contar uma coisa. E... Bem, essa coisa é sobre o Pedro.

Ela o encarou, em silêncio.

— Eu sei o motivo que pode ter levado ele a...

— Se matar.

— Isso.

— Então me conte – ela disse, sem hesitar.

— Teve um dia em que ele me pediu para cobrir o plantão dele – Diana assentiu, como se pedisse para ele continuar. Eu quebrei esse galho pra ele.

A mente de Guilherme corria pela história, relembrando esse dia, recortando e editando uma versão mais amena, mais aceitável do ocorrido.

— Bom, lá na clínica tinha um paciente do Pedro que... Era

complicado. Ele tinha surtos psicóticos. Pedro me pediu para ter um cuidado extra com ele. Qualquer coisa que saísse da rotina, poderia ser um gatilho para um surto desse paciente.

Diana estava tensa. Ela queria saber, queria conhecer um outro lado da história. Um capítulo de um ponto de vista inédito. A peça que faltava no quebra-cabeça horrendo que era o suicídio de Pedro. Guilherme estava disposto a dar essa peça. Mas, agora que tinha a chance de saber o que tinha acontecido, Diana tinha medo de não gostar. Tinha medo de que, ao ganhar esses “porquês”, perdesse uma parte do falecido amigo.

— Esse paciente teve uma crise quando eu estava terminando as rondas.

— E aí? – ela perguntou, com medo da resposta.

— Ele estava bem agressivo. Você sabe como é o procedimento que o professor Abrahim ensinou nesses casos.

— “Emergências pedem medidas extremas”.

— “Emergências pedem medidas extremas” – eles disseram ao mesmo tempo.

— Eu entrei no quarto do paciente e ele estava tentando abrir a janela. Ele estava gritando e estava nu. E... havia feito uma sujeira no quarto. Por estar sozinho nas rondas, eu levei duas seringas com sedativos no bolso do meu jaleco, como a professora Marum ensinou.

— Sim, sim. Uma de prevenção, outra de reserva – Diana citou o lema da antiga professora.

— Exato – ele continua, após um pausa. Eu tentei conversar com ele, mas ele veio pra cima de mim. Imobilizei ele e apliquei a sedação. Mas... algo deve ter dado errado.

— Por quê?

— Ele apagou.

— É pra isso que a sedação serve.

— Ele está em coma e não responde a nenhum tipo de tratamento ou medicamento.

— Ah, não...

— Eu tive que contar para o Pedro. Ele... Ele se culpou por isso.

Diana fechou os olhos por alguns segundos.

— Eu acho que essa perda foi o que fez ele cair de vez.

O queixo de Diana tremia levemente. As lágrimas vieram sem aviso prévio. Elas rolaram por trás dos óculos escuros.

O quadro estava completo. Ela entendia a soma dos elementos que fizeram Pedro chegar àquele resultado devastador. Ela entendia, mas odiou o quadro que se formou quando acrescentou as novas peças. Ela entendia, mas não aceitava.

— Uma vez me disseram que a gente não tropeça em montanhas – ela disse, após alguns segundos de silêncio.

Guilherme assentiu, entendia perfeitamente o que ela queria dizer. Ele segurou a mão da amiga. Diana desvencilhou sua mão da dele, quase com nojo.

— Não – ela disse, se levantando; ninguém no ônibus reparou na movimentação de Diana. Eu... Você não t... Olha, eu só prec... – ela desistiu. Fez um gesto com a mão, como se apagasse aquela cena que tinha acontecido. Pegou sua mochila no bagageiro e se dirigiu para a frente do ônibus.

Ela não odiava Guilherme, mas não aguentaria ficar perto dele. A culpa era dele. Ao mesmo tempo que não era. A culpa era de Pedro. Mas a vítima nunca podia ser culpada. Ela era culpada por não ter visto os sinais. Por ter ignorado, não ter ajudado, não ter visto seu amigo chegar ao limite. Tudo poderia ter sido evitado. Ela poderia ter feito algo. Ela estava embaixo da porra do mesmo teto que ele o tempo todo! A impotência a fez se odiar. Fez odiar a situação em que Pedro chegou.

Quando a vítima é o assassino, quem leva a culpa pelo crime?

Diana se sentou em uma poltrona que estava vaga. Seu olhar se dirigiu para a janela, com as cortinas abertas. O campo tinha dado lugar a lojas e casas de várias cores, que juntas traziam uma sensação de chegar em casa. Ao mesmo tempo que ela não sentia mais que pertencesse àquele lugar.

A aquela nova parte da história era como um grão de areia dentro de uma ostra. Era incômodo, era ruim, mas ela ia ter que aprender a lidar. Ia ter que encontrar uma forma de transformar aquilo

em algo melhor.

Pedro continuava em sua mente. Mas era como se ele desvanesse aos poucos. Ele havia partido e tinha levado coisas com ele, como a última conversa que ela não se lembrava de como tinha sido. Não conseguia controlar. Ele havia sido arrancado da vida dela e a ausência era uma dor quase física.

Se ela pudesse evitar... Ao menos uma vez. Se tivesse uma chance. Não deixaria ninguém chegar onde seu amigo chegou. Não. Nunca mais.

Guilherme não esperava aquela reação de Diana. Ele achou que, ao contar para ela mais uma parte daquela história, traria algum tipo de alívio para ela. Mas ele estava enganado. Isso o fez compreender que ele e Diana não se conheciam tão bem quanto ele achou que se conhecessem. Ele não foi atrás dela e nem iria. Ele tinha feito a parte dele. Ela precisava de um tempo e Guilherme entendia isso.

O ônibus chegou à rodoviária de Curitiba. Quando Guilherme levantou, Diana já havia descido, ela estava esperando por ele do lado de fora do ônibus. Antes que pudesse pensar em algo para falar, ela o abraçou. Ele soltou a mochila que carregava e a abraçou de volta. Os dois ficaram ali por um momento. Eles foram afrouxando o abraço até estarem separados. Não havia mais nada para ser dito. Ambos seguiram seus caminhos. Agora, em direções opostas.

Capítulo 13

Noite adentro

por Jury A. Dall'Agnol

A luz pálida da lua cortou a vidraça abaulada e entrou pelo corredor frio do velho Adauto Botelho. Tateando o piso marmorizado e as paredes brancas, o fio prateado encontrou no final do caminho dois jovens de jalecos cândidos jogando cartas. Um silêncio sepulcral se apresenta em todo o recinto, como se os loucos naquele momento da madrugada profunda não quisessem quebrar a aura de catacumba abandonada que pairava no hospital.

— Sua vez – a voz de Guilherme saiu fraca para não virar eco nos corredores.

— Truco – Pedro bateu com os nós dos dedos sobre o balcão.

Guilherme olhou friamente para Pedro, tentando identificar uma possível inquietação, um tique que denunciase o golpe, mas Pedro detinha o olhar mais distante de todos que conhecia, muitas vezes seus olhos pareciam um poço escuro sem fundo e sem sentimentos.

— Eu sei que você não tem nada.

— Vai ou não vai?

Guilherme atirou as cartas sobre o balcão com raiva. Pedro nem ao menos sorriu, simplesmente pegou as cartas, uniu ao resto do baralho e começou a embaralhar com o olhar fixo em uma cruz de latão que havia na parede com um cristo cabisbaixo e moribundo.

— Passe a alegria... – Guilherme estendeu o braço na direção de Pedro.

O companheiro de turno largou o baralho, olhou para os lados desconfiado, enfiou a mão no bolso e tirou de lá um kit com dez miniaturas de Jack Daniels.

— Não sei se é certo o que estamos fazendo, mas esse lugar me dá arrepios à noite. Beber talvez seja o melhor remédio.

Abriu o pacote e passou para as mãos de Guilherme cinco das garrafinhas.

— Certo ou errado, o que sabemos é que nada acontece nessas madrugadas de plantão. Sempre o mesmo silêncio, no máximo um ronco mais profundo de um paciente qualquer, o que é quase sempre impossível devido à bomba de tranquilizantes que recebem junto com seus jantares. Vamos beber para não enlouquecer também.

Uma após a outra as garrafinhas de whisky sobem cheias até a boca dos rapazes e caem vazias, tilintando na pedra do balcão, como soldados baleados no front de batalha. Rapidamente a graduação alcoólica de 40% se mistura com o sangue e deixa-os mais leves, a animosidade do local já não os incomoda tanto e até esboços de sorrisos nascem vez ou outra em suas bocas.

— Devíamos ter no estoque mais dessas – largou sorrindo Guilherme.

Pedro fazendo uma careta após o último gole responde seco – Concordo!

Guilherme recolhe as garrafinhas vazias e as enfia nos bolsos, nada de deixar provas. Pedro puxa uma cadeira de rodas e senta. Estático, com olhos novamente perdidos no espaço, fita o fim do corredor que se estende e termina na penumbra total. De repente, se debate com a mente. No fim do corredor surge um vulto. Esfrega os olhos com força, briga com a primeira impressão, reluta com a imagem, mas no fim, após fitar com força no ponto que lhe chamou a atenção, exclama:

— Puta merda, Guilherme!

João se entretinha arremessando as cartas no pequeno lixeiro azul de plástico vazado. Lentamente direcionou a cabeça para Pedro e não quis acreditar.

- É o que eu penso ser?
- Se não for, é uma alma penada.
- Mas que diabo, cara.

Com passos curtos, arrastados, um homem de avental verde claro vinha em direção aos plantonistas. Amarrado só ao pescoço, o pano balançava de um lado para outro e denunciava a cada passo uma nudez esquelética assustadora. Um espetáculo deplorável, os vincos no rosto denunciavam uma já adiantada idade e uma vida de sofrimentos inimagináveis. Chorava como uma criança e murmurava para as paredes:

— Sou um desgraçado, sou um desgraçado, sou um desgraçado...

— É o paciente do quarto 13 – fulminou João.

— Sim, esquizofrenia refratária – completou Pedro.

Os dois se moveram rápido e ao mesmo tempo, também ao mesmo tempo sentiram os efeitos do álcool.

— O que vamos fazer? – soluçou Pedro.

João correu os olhos nos prontuários rapidamente e falou:

— “O paciente possui sintomas agudos como delírios e alucinações, alterações graves do comportamento, desordem mental acentuada e isolamento social e emocional. Reações violentas são comuns quando interpelado”.

O paciente estava a 15 passos dos dois plantonistas quando Pedro sutilmente disse:

— Senhor, estamos aqui, vamos lhe ajudar.

O homem fulminou os olhos nos dois. Dois grandes olhos injetados, com veias vermelhas que cobriam o branco do olho como um mapa hidrográfico de sangue. Um calafrio correu pela espinha dos jovens médicos. Incrivelmente célere, o cadavérico homem correu em direção a Pedro e Guilherme com a sanha de um cão hidrófobo. Espumando, se jogou contra Guilherme e os dois rolaram pelo chão.

— Pedro! Me ajuda!

Pedro, atônito, não sabia o que fazer. Tentou separar o homem de seu colega, mas tomou um coice que o fez recuar. Aquela magreza toda escondia uma força descomunal. João lutava, segurava

os braços do homem e tentava se manter a distância das vorazes mordidas que o homem desferia. Mais uma vez gritou:

— Pedro! Pedro! Faça algo!

Não distante dali uma seringa jazia em cima de uma bandeja. A ideia logo se fez na prática. Pedro correu em direção à seringa e falou:

— Segura ele! Vou sedá-lo!

Atrás do balcão estavam os medicamentos. Correu os olhos pelas ampolas, mas não conseguia pensar direito. O álcool, a adrenalina, o medo, a insegurança, tudo se misturou no corpo e na mente do jovem residente e a lógica não se fazia presente. Olhou fixamente para as ampolas, tentou lembrar de aulas, de livros, de dicas de professores, mas nada fazia sentido com os gritos de Guilherme e do paciente ecoando em sua cabeça. Num átimo de segundo, bateu o olho em um pequeno frasco de midazolam 50mg e decidiu que aquela seria a solução. Gritou para Guilherme:

— Já estou indo!

João tinha um porte físico avantajado. Pesava uns 30kg a mais que o ensandecido paciente e logo ele conseguiu tomar vantagem na disputa, subjugando o magro corpo do homem e o imobilizando.

— Rápido, Pedro, ele não cansa nunca!

As duas ampolas escolhidas encheram a seringa de 20ml. Pedro tremia. Só queria que o pesadelo acabasse.

— Estou indo! Estou indo!

Correu em direção aos dois combatentes. Guilherme estava em cima do homem com seu peso segurando o homem ao chão. Enroscado com os braços e pernas, não havia possibilidade de largar o paciente antes que o mesmo estivesse mais calmo. Pedro chegou com a seringa pingando midazolam. Por um segundo olhou para o corpo magro e ficou imaginando onde fincaria a agulha sem acertar um osso. João, vendo a incerteza do colega falou:

— Pedro! Aqui, na coxa. Estou imobilizando. Tenta achar uma veia.

Não era difícil. O que mais se via no homem eram veias roxas saltadas sob a pele curtida. Guilherme estava mais seguro agora,

consequira a duras penas imobilizar o homem e não ficaria difícil para Pedro buscar uma veia e aplicar a injeção. A intramuscular demoraria muito para fazer efeito, por isso a intravenosa.

— Ok!

Pedro encontrou uma veia pulsante na parte posterior da coxa e rapidamente aplicou a dose. Enquanto o líquido começava a entrar no seu corpo, o homem urrava para o mundo:

— Sou um desgraçado! Sou um desgraçado! Sou um desgraçado!

Largou a seringa e então ajudou Guilherme a segurar o homem que pouco a pouco foi acalmando e fechando os olhos. No fim de cinco minutos, o paciente já jazia estatelado no chão frio e imóvel como um animal abatido. Pedro e João sentaram recostados à parede, suavam por todos os poros e suas respirações ainda estavam ofegantes e difíceis de controlar. Não se olhavam, não queriam se olhar. Talvez envergonhados da forma como haviam levado a situação, talvez com raiva por terem escolhido a psiquiatria e não pediatria.

Guilherme levantou primeiro. Foi até o balcão e procurou pela garrafa de água. Tomou dois goles compridos e direto no gargalo, depois perguntou:

— O que você deu a ele?

Pedro estava de cabeça baixa, olhando as gotas de suor caírem no chão e se acumularem como uma pequena lagoa. Levantou e olhou fixo para o colega:

— Está aí em cima, midazolam.

— Ok, boa escolha. – Disse Guilherme confiante.

— Vamos levar ele para o quarto. Pegue a cadeira de rodas.

João posicionou a cadeira e os dois com certa facilidade acomodaram o homem nela, depois o colocaram em seu leito e fecharam a porta sem nem olhar para trás. Quando caminhavam de volta para o lugar de embate, encontraram uma enfermeira.

— Está tudo bem por aqui? Estava no outro bloco e pensei ter ouvido gritos.

Os dois se olharam. Guilherme respondeu:

— Tudo bem. Nada demais.

Dito isso, se escorou no balcão e jogou o braço por cima das ampolas de midazolam. Ampolas que mais tarde denunciariam a ele o grave erro cometido.

Quando preencheram o prontuário de atendimento o caso tomou outro rumo. Não houve luta, não houve desespero, não houve irresponsabilidade na superdosagem de midazolam. Uma das ampolas sumiu, e por isso mesmo quando detectado o coma do paciente ficou claro que o mesmo aconteceu porque haviam achado minigarrafas de whisky no seu quarto, o que em conjunto com a dose de midazolam o levou a um coma e depressão respiratória, seguida de parada respiratória e morte. A culpa principal recaiu sobre a família, especulada como os agentes que introduziram a bebida no quarto do paciente. No entanto, nada disso foi comprovado e, por fim, a morte do paciente do quarto 13 acabou sendo esquecida com o tempo, menos na cabeça de dois jovens residentes.

Capítulo 14

Viúva

por Tainan Zanferrari

Ano de 2017, tinha algo muito errado com aquela vítima de suicídio. Não havia negligência médica. Não havia culpa do colega e o paciente não aparentava perigo para si. Guilherme, ao investigar o consultório do psiquiatra, constatou que este colega de profissão não estava escondendo nada, a família também afirmou que o paciente não apresentava indícios de uma suposta morte por suicídio. Havia algo bem estranho, os fatos não faziam sentido, fatos esses em que os colegas relatavam nos seus encontros. E aquela página de livro citada no encontro, seria somente uma simples coincidência com uma lembrança do passado de Guilherme?

Talvez, até porque aquele livro que o paciente tinha emprestado de seu médico era muito velho, um livro um tanto antigo e tendo aquelas páginas amareladas poderiam muito bem cair durante uma leitura. Simplesmente para Guilherme não era o bastante a investigação somente deste suicídio. Seria interessante investigar alguma outra fonte similar dentre os pacientes dos colegas. Eram tantos casos, tantos pacientes problemáticos, tantos detalhes a serem pesquisados.

Esse suposto suicídio deixou um ponto sem ser resolvido, não era certo deixar apagar este caso como um caso qualquer. Era antiético, e se outros casos já passaram entre os colegas não foram do mesmo modo? E se alguém os estivesse induzindo a tal ato? Ou se alguém estivesse cometendo esses atos por suas próprias mãos? Assassinato!

É lembrado que houve mais dois suicídios no grupo de profissionais dentre os últimos oito ou dez anos. Porém Guilherme não se recordava quando e como tinham sido esses acontecimentos.

Durante um dos encontros com os colegas, Guilherme sutilmente resolveu comentar e colocar à tona novamente o caso da morte do paciente do livro costurado. Ele precisava transparecer uma falta de interesse no caso, mas por outro lado precisava de mais detalhes e algo que remetesse a conversa para uma suposta pergunta sobre outros suicídios ocorridos.

— Colega, você comentou sobre o livro que o senhor emprestou ao seu paciente, aquele livro costurado certo? Gostaria de saber se poderia me emprestar por alguns dias, pois gosto muito do autor.

Com isso, o colega concordou com o empréstimo e abriu assim uma brecha para comentar novamente sobre o ocorrido.

Guilherme fez uma lembrança ao caso juntamente com uma frase de consolo e afirmando que casos assim acontecem e afirmou dizendo:

— Nós sabemos como isso é comum em nossa profissão, não é mesmo, colegas?

E continuou:

— Até mesmo aqui, em nossas reuniões, já ocorreram esse tipo de caso, duas vezes.

Então com isso Guilherme consegue atingir o ponto de sua investigação e ao mesmo tempo ele relata o último fato como algo irrisório e que acaba podendo despreocupar um suposto assassino, podendo pensar que ninguém tenha ligado algum fato ou desconfiança dos atos e supostamente dando pouca importância a isso. Guilherme, após comentar sobre os dois antigos acontecimentos, tem a resposta de um dos colegas, dizendo que o seu paciente que cometeu suicídio no ano de 2015 demonstrou sintomas semelhantes, concordando com o que Guilherme tinha dito em relação a serem acontecimentos corriqueiros em suas profissões.

Guilherme identifica então o paciente do ano de 2015 e no término do encontro, discretamente e sem apresentar suspeitas, procura saber mais dados do paciente falecido. No dia seguinte se

encaminha até a residência do mesmo. Chegando lá, em uma casa simples, região próxima de Curitiba, chamada Piraquara, encontra um portão baixo de madeira. Ao bater palmas aparece na porta uma mulher de estatura baixa, morena, aparentemente entre 30 e 40 anos, com cabelos recém-lavados.

Ao Guilherme identificar-se como psiquiatra conhecido do paciente falecido, então é convidado a entrar. Guilherme conversa cerca de uma hora com a mulher, ela diz que é viúva do paciente e que o convívio era tranquilo entre eles em casa, porém o comportamento do marido começou a mudar depois do falecimento do irmão mais velho, decorrente de um câncer. Após esse ocorrido, o seu ex-marido começa a se sentir sem rumo, com uma leve depressão e com desgosto da vida.

— Meu marido era muito apegado ao irmão dele, ele via no irmão um pai a quem podia sempre recorrer quando as coisas ficavam difíceis, o irmão dele era um rapaz de família e tinha muita estabilidade financeira e até nos ajudou algumas vezes quando estivemos em uma situação ruim aqui em casa.

Guilherme perguntou ainda sobre o dia a dia da família antes do suposto suicídio. Descobriu que o paciente era uma pessoa que trabalhava muito, não tinha estudos, porém sustentava a família trabalhando como torneador em uma indústria próxima. Ao fazer uma análise sobre a vida do paciente, Guilherme não via uma possível hipótese de suicídio, como no caso do livro costurado. Ele não conseguia entender o que poderia ter causado o suicídio.

E se fosse um possível assassinato? E se alguém tivesse identificado o paciente como um possível suicida, ou alguém que não tivesse mais algum motivo para seguir adiante na vida e o assassino resolvera tirar o peso de suas costas matando-o? Como se não tivesse mais para onde recorrer, e que uma morte seria algo bom para todos envolvidos com a vítima. Que aquela pessoa estagnava outras e que se ela não estivesse dentro de uma sociedade poderia fazer um bem maior. Será?

Guilherme precisaria pensar em algo que pudesse ligar o caso atual do livro costurado (ano de 2017) ao caso de 2015 do rapaz tor-

neador. Algo que pudesse acender uma luz para novas investigações. Um pequeno detalhe, uma forma de morte, um instrumento, um livro.

Um livro! É claro, um livro, por mais que seja idiota a ideia que possa ter ligação ao caso do livro costurado, por que não ter ligação entre os dois casos de suicídio, não é? Mas, se por um acaso isso fizesse sentido, talvez ligasse essas mortes a Diana, aquela página que ela deixou para Pedro em seu velório.

Ela que sempre foi amiga de Guilherme, passaram anos juntos, anos de faculdade, anos de residência. Ele a conhecia há tanto tempo, não fazia menor sentido, durante todo esse tempo, ele teria notado algum item que remetesse Diana a ser uma assassina.

Talvez isso não tivesse sentido, mas ele precisava procurar por respostas e achar o verdadeiro culpado por todas essas mortes. Guilherme conversou mais um pouco com a viúva e, enquanto ele a indagava sobre vários itens da vida do paciente, vasculhava as coisas na casa do mesmo, procurando algo que pudesse ligar esse caso a outro, procurando um livro, um livro diferente ou faltando alguma parte. E sem sucesso, antes de ir embora resolve perguntar para a ex-mulher o horário em que o falecido trabalhava:

— Dona, qual era o horário que o seu ex-marido ficava em casa?

— Olha, ele sempre trabalhou muito, ele saía cedo por volta das 5h30 e voltava após as 18h. Chegava muito cansado e aos finais de semana descansava em casa, ficava com a família. Ele levava muito tempo de ônibus, não tínhamos dinheiro para comprar uma moto para ele ir trabalhar, mesmo sendo relativamente próximo seu trabalho, o ônibus demorava muito e dava uma volta enorme até chegar ao trabalho, portanto perdia muito tempo de casa para o trabalho e do trabalho para casa.

Sem mais informações, Guilherme pegou o número do celular da viúva e se despediu. Foi embora com uma sensação de impotência, de se sentir inútil de não poder ajudar aquela pobre viúva e não poder ajudar também a família do caso do ano de 2017.

Sozinho no seu carro voltando para casa, Guilherme começa a indagar e resumir tudo: “Saber que eu estava prestes a descobrir

algo, eu tinha certeza que algo poderia ligar um caso ao outro, que poderia haver chance daquela folha de livro não estar faltando somente no livro daquele paciente nesse ano, que poderia haver a possibilidade da falta de páginas em outros casos”.

E nesse caso, não havia nem tempo para o coitado ler. Ler como? Que horário? Eram horas de trabalho durante o dia, o tempo que o rapaz ficava em casa tinha que dar atenção à família. Eram quase duas horas e trinta minutos dentro do ônibus para ir e vir do trabalho. Duas horas e trinta minutos dentro do ônibus, sem fazer nada, só restando uma música ou leitura de um livro. É claro! Um livro dentro do ônibus, como eu sou burro!

Guilherme estava dirigindo a cerca de oitenta quilômetros por hora, apesar de ser permitida somente a velocidade de sessenta quilômetros por hora. Guilherme, ao ficar remoendo essas ideias e supostos indícios de um assassino, acaba por não perceber o peso do seu pé no acelerador e em uma fração de segundos subitamente joga seu carro para o acostamento, puxa o freio de mão, e o carro acaba por derrapar cerca de dois metros até parar por completo.

Então, pega seu celular, com suas mãos um pouco trêmulas por imaginar inúmeras hipóteses, começa a discar o número daquela viúva.

— Olá, dona, acabamos de nos encontrar, sou o Doutor Guilherme – Guilherme tentando passar calma, ao falar com a mulher. A senhora comentou que seu ex-marido trabalhava em uma fábrica como torneador, saberia me dizer se ele usava uniformes e alguma mala ou mochila que levava para o trabalho?

A viúva confirmou que o marido usava uniforme e que levava ao trabalho uma mochila com alguns itens dentro, juntamente com um pequeno pote que carregava seu almoço todo dia. Guilherme voltou à casa da senhora e, ao analisar os objetos pessoais do falecido marido, notou dentro da mochila dele um compartimento para notebook e dentro deste bolso um livro. Sem transparecer muita importância, pediu para a mulher autorização para levar consigo o livro para uma possível análise e possibilidade de arquivamento do caso de seu ex-marido, e a viúva, sem dar muita importância,

assentiu o pedido do médico.

Guilherme, dirigindo em alta velocidade, não via a hora de chegar em casa para analisar aquele livro. Ao chegar, logo se sentou à mesa da cozinha, ainda bagunçada com utensílios da noite anterior, pegou os itens e os colocou todos de uma única vez dentro da pia liberando assim espaço para sua análise. Era um livro um tanto quanto novo. Não era costurado como o outro caso: capa, contracapa, índice, mais de 300 páginas, um livro de autoajuda, a princípio uma ligação com a morte do irmão mencionada pela viúva. Guilherme começou a folhear, página a página, capítulo a capítulo, estava lá! Cento e trinta e um, cento e trinta e dois, cento e trinta e cinco!

Capítulo 15

O quinto assassinato

por Renata S. Joppert

Como juntar informações de um paciente de outro psiquiatra? Arrombar seu consultório durante a noite? Fazer perguntas, fingindo comparar os casos ou parecer curiosidade e, talvez, acabar dando suspeita de algo?

Tudo tem que ser estrategicamente pensado e feito racionalmente, qualquer emoção envolvida pode fazer com que algo de errado.

Os itens necessários a se buscar da vítima: seu nome e endereço, histórico de consultas; se apresenta indícios de suicídio, se sim, quais e conhecer seus pontos mais fracos.

Nome e endereço são itens que não parecem tão difíceis superficialmente, mas, se analisar que os médicos tendem a não contar especificamente quem são os seus pacientes por questões éticas, já se torna um pouco mais complicado a descoberta.

“Oi, tudo bem? Outro dia me lembro de ter escutado sobre seu paciente que já frequenta as sessões faz uns sete anos e não tem apresentado muita melhora. Tenho um caso bem parecido, nós poderíamos nos ajudar, compartilhando dicas, o que acha?” O psiquiatra correspondente ao caso, Guilherme, já suspeitando de algo, estranha a pergunta. Apesar de todos se conhecerem a certo tempo, nenhum psiquiatra havia feito esse tipo de proposta.

“Pensarei a respeito e lhe aviso.” Guilherme apenas sorriu e foi embora. No fim, ele acabaria cedendo. Aliás, por mais que fosse um pouco chato, estava curioso para saber o porquê do interesse em seu

paciente.

Na noite seguinte, o plano de entrar em seu escritório entrou em ação. Esperar uma resposta estava um pouco inquietante e quanto mais as horas passavam mais a vítima sofria em sua casa.

O consultório ficava na região central de Curitiba, no bairro Rebouças. As casas vizinhas são lojas ou alguns prédios empresariais, ou seja, ninguém irá observar ou denunciar algum movimento inapropriado às 22h.

Apesar de não ter muita prática com fechaduras, esta não deu muito trabalho. Em cinco minutos a porta se abriu e os documentos dos pacientes já estavam sendo revirados.

Por sorte, Guilherme guardava não só de modo físico, como eletrônico também. O computador da secretária, sem senha e totalmente desprotegido, tinha todas as fichas dos pacientes ativos. Após passado tudo para um pen drive, o computador foi desligado e as gavetas fechadas, deixando tudo como estava.

Fechando a porta atrás de si, as informações foram levadas para casa a serem analisadas com mais calma.

Semanas após o “roubo” das fichas, foi finalmente descoberto, não só quem ele é, mas seus pontos fracos também. A vítima, ou paciente, como preferir ser chamado. É Afonso e mora no bairro Jardim Botânico, dez minutos de carro do consultório onde seria a reunião do dia escolhido.

Ele tem consulta semanalmente às quintas-feiras e começou a apresentar indícios de suicídio, mais graves, há mais ou menos quatro anos. O ponto mais fraco é a família.

Ironicamente, depois das descobertas obtidas, Guilherme resolveu aceitar a proposta. Foi marcado um encontro no dia 28 de março, uma quarta-feira, dia anterior à consulta, para compararem seus casos, mas o que ele não sabia é que, na verdade, não existe um caso parecido e sim uma desculpa.

“Então, tenho aconselhado meu paciente a escrever sobre aqui-

lo que o faz sofrer em um diário, para podermos analisar com calma e assim, poder ajudá-lo mais...” Tudo o que foi escutado depois foi um monte de nada. Um diário. Uma informação bem importante.

“Ele escreve desde começo?”

“Faz apenas alguns anos. Desde que ele disse pela primeira vez que gostaria de se matar.” Finalmente chega o assunto desejado.

“Há muitos indícios de suicídio?” É perguntado tentando não ser muito óbvio o real motivo.

“Bastante. Já foi citado a vontade de se afogar na banheira, ou morrer eletrocutado. Se enforcar no trinco da porta e até de cortar a própria garganta, nos piores dias”. Modos comuns a serem citados entre os pacientes e fáceis de serem reproduzidos. “E o seu paciente?”

Este tipo de pergunta, ironicamente, não era esperado. “Meu paciente?” Como inventar uma história em segundos? Nome, problemas, há quanto tempo frequenta... até que foi lembrado que não era preciso inventar e sim pegar um caso antigo. Uma vítima antiga. “Bom, faz cinco anos que ele tem comparecido as sessões. Muito tímido, não se abria no começo. Apresentou perigo a si nos últimos três anos. Tenho estado em alerta, pois ele já disse querer se matar de diversas formas.” Sem Guilherme ter notado, os detalhes de um assassinato ocorrido em 2013 estavam sendo revelados naquele momento.

Guilherme ficou espantado com o que estava ouvindo e lembrou-se de sua pesquisa e desconfiança que havia surgido há um ano.

Eles continuaram conversando por mais de uma hora e depois cada um foi para a sua casa. O que não foi reparado no final do dia é que quando Guilherme chegar a sua casa ele ligará os pontos e ficará cada vez mais perto de descobrir quem está por trás desses assassinatos.

Dia 2 de abril. Quatro dias após a última consulta de Afonso

com seu psiquiatra. Às 15h30 deste mesmo dia, quando ele saiu da casa, não reparou no carro parado do outro lado da rua.

Neste mesmo carro, segundos após a vítima ter saído, a pessoa atrás do volante foi em direção à janela da sala, que foi deixada aberta por esquecimento.

A partir do momento que entrou na casa, foi para o quarto, atrás do diário. Procurou nas gavetas do guarda-roupa, nas prateleiras repletas de livros e cadernos, no criado-mudo e nada. Parou em frente à cama e pensou: “Se eu fosse uma pessoa depressiva, onde guardaria meu diário psicótico?” Analisou os móveis pela segunda vez e resolveu olhar embaixo da cama e, por sorte, achou uma caixa de sapato onde havia diversos cadernos dentro.

Pegá-los ia levantar muita suspeita, então foi tirado apenas fotos, mas eram muitas páginas e não foi possível registrar todas, pois alguém havia chegado na casa. Organizado os cadernos de forma rápida, a janela foi pulada antes de chegarem até o quarto.

No carro, passou as fotos para o computador rapidamente para saber se alguma tinha sido útil. E de fato havia duas que tinham exatamente a informação necessária.

“Hoje fiquei dez minutos encarando a banheira cheia, pensando se conseguiria entrar. Fui até o quarto e peguei o aquecedor, o deixei ligado próximo à água e quase o joguei junto comigo. Será que eles realmente se importariam se me encontrassem morto? Sentiriam a minha falta ou apenas seria mais um garoto que se matou porque era fraco demais para aguentar a vida? O Dr. Guilherme diz que devo mudar meus pensamentos, mas ele é um homem muito sábio para saber que não é tão fácil assim [...]”.

Uma semana depois, era exatamente isto que iria lhe acontecer.

Dia 9 de abril. Exatamente nove horas da noite e trinta minutos. Segunda-feira.

Uma mulher interessante chega à porta da casa de um “desconhecido”. É convidada a entrar e se senta no sofá como a bela dama

que é.

“Posso lhe oferecer algo para tomar?”, o anfitrião da casa pergunta.

“Vinho”. Ela sorri graciosamente e agradece com a cabeça quando recebe sua taça.

Ela começa com uma conversa descontraída sobre livros de autoajuda, que notou o interesse quando vasculhou seu quarto. Como havia tomado duas taças, usou a desculpa da bebida para tocar nos assuntos necessários.

“Você frequenta algum psicólogo ou psiquiatra?” Solto uma risada após a pergunta, para não parecer muito séria.

“Nenhum dos dois.” Ela não notou nenhum desconforto apresentado no momento, mas é natural algumas pessoas terem vergonha de admitir.

“Eu frequento um psiquiatra. Já faz tanto tempo que mal sinto o efeito das consultas”. Nenhuma reação vinda da vítima, ela resolveu tocar logo no assunto. “Sabe, já pensei em me matar algumas vezes. Nunca consegui de fato, mas quem sabe um dia”. A assassina deu um longo gole em seu vinho e sorriu, simpática.

“Conheço uma pessoa com o mesmo tipo de pensamento, infelizmente”. Outra coisa comum é o paciente sempre se referir aos seus problemas como se fossem de outra pessoa. Medo de admitirem e a situação se tornar cada vez mais real.

“Infelizmente?”

“Você não pensa em como ficará sua família caso você consiga? Eu fico imaginando como seria se alguém à minha volta se matasse. Com certeza me sentiria muito mal, mesmo se fosse alguém que eu não mantenho muito contato. Ia ficar tentando descobrir o que a levou a fazer aquilo, refazer seus passos, iria atrás de todas as informações necessárias para saber o porquê tirar a vida de um modo tão trágico...” Ele encheu sua taça e escondeu uma lágrima que insistiu em ser derramada.

“A família tende a sobreviver bem. Após um tempo irão sorrir ao lembrar-se de nós. A dor de fato nunca passa, mas ela diminui. Não tem por que ficar pensando nessas coisas.”

O garoto deu um sorriso de canto. Aquela conversa já estava no caminho certo, agora só é preciso entrar com a ação.

“Mais vinho?”, pergunta já pegando sua taça vazia. Sem que ele note, ela derrama algo em sua bebida, algo que irá fazê-lo adormecer em alguns minutos.

Continuando a conversa, mas agora falando sobre programas de televisão, gêneros de filmes favoritos, tudo para descontrair para que ele não perceba quando começar a ficar sonolento.

“Nossa, estou começando a ficar bem cansado”. Após seu bocejo, ela sorri, vitoriosa.

“Joga uma água no rosto, às vezes melhora”. A vítima então levanta e vai em direção ao banheiro. Ela o segue, pois não pode perder o momento exato de ele cair.

Na porta do banheiro, ela o observa sentar na privada, quase dormindo. Ao se aproximar, ela começa seu discurso revelatório.

“Você poderá descansar em paz agora. Não precisa se preocupar com nada, ok?” Ela o segura para que ele não escorregue e para que fique mais alguns minutos acordado. “Eu estou aqui para lhe ajudar, vou lhe privar da dor que você tenta tanto esconder. Não ficará um buraco no coração de seus familiares porque eles entenderão, eu sei, você sabe! Agora o seu sono será tão puro quanto o de uma criança inocente”. Sorrindo, ela o deixou apoiado na parede.

“Por quê?” Ela o ouviu sussurrar fraquinho.

“Porque esse é o meu trabalho. Eu privo as pessoas de suas dores e eu consigo ver o quanto você está sofrendo atrás desta máscara de garoto forte. Eis um segredo: não precisa ser forte perto de mim. Como eu já disse, só quero ajudar.”

E assim começa a ser montada a cena perfeita. Tudo tem que estar esteticamente no seu lugar certo e por sorte o aquecedor estava ali, do lado da banheira. Nada poderia dar errado.

Com a torneira aberta, ela arrancou a cortina que fica na frente da banheira, aquelas cortinas de box, desorganizou um pouco as coisas que estavam na pia e no armário também. Derrubou algumas coisas que estavam próximas à banheira, para parecer que tudo foi feito no auge da emoção e ligou o aquecedor na tomada, deixando-o

próximo para facilitar na hora de jogá-lo na água.

Após terminada de encher a banheira, ela levanta a vítima, que, apesar de ser um homem alto e aparentemente pesado, não era difícil de carregá-lo por causa do efeito do sonífero misturado na bebida. Com o corpo deitado ela joga o aquecedor e assiste a vítima se debater pelo choque e sorri, satisfeita com o resultado. Cumprindo seu dever de anjo da morte.

Depois de ter terminado o seu trabalho, ela liga o rádio encontrado no banheiro, até porque todos adoram ouvir música enquanto tomam banho, deixa numa estação qualquer, fecha a porta e vai em direção ao quarto pegar o livro de cabeceira. Antes de arrancar a página correspondente com o número do assassinato, ela vai até a sala arrumar a outra parte da cena.

Na sala havia um minifrigobar, o mesmo que ele havia pego o vinho, com bebidas alcoólicas fortes, fáceis de serem encontradas nas casas de pessoas com depressão. Ela mesmo lembra de ter encontrado algumas quando morava com Pedro, apesar de tentar esquecer desse tempo.

Como estava de luva todo esse tempo, para ter certeza de não deixar nenhuma impressão digital, ela apenas se preocupa em lavar a taça que foi usada por ela, tirando sua luva de pano apenas para substituir pela de borracha, para não marcar. Revistada toda a cozinha, finalmente encontra onde guardá-la.

No sofá verificou se não ficou marcado o local em que sentou, pois precisa parecer que ele estava sozinho todo esse tempo.

A garrafa, a taça e a cápsula do remédio foram levados até o banheiro, que apesar de momentâneo ele já havia pensando em como faria e para mostrar que mesmo querendo se matar ele pretendia fazer isso sem sofrer.

Estava tão ocupada com os pequenos detalhes que não percebeu o barulho vindo da garagem. Foi só quando a porta da frente estava sendo aberta que, assustada, ela correu rapidamente para a cozinha, arrancou apressada a página deixando o livro, que estava em cima da mesa, junto de suas coisas, aberto.

Ao sair pela porta dos fundos, percebeu que não havia nenhum

acesso para a rua. Voltou para a casa e encontrou a sala vazia. Suspirou aliviada e foi, calmamente, até a porta. No caminho ouviu um barulho se aproximando e teve que se esconder às pressas atrás de um móvel. Um gato, até então desconhecido, passou por ela, sem dar muita atenção, e miou para o seu dono, ou dona, como se estivesse tentando avisá-lo do ocorrido.

Prestou atenção em cada janela próxima, não encontrou nenhuma aberta. Passaram dez minutos, ou talvez tenham sido mais, para quem está escondido tentando não ser pega na cena do crime o tempo parece quase eterno.

Assim que ouviu a pessoa se afastar, foi o mais rápido que pôde até a porta da frente. Já na varanda da casa, analisou a rua, para ter certeza de que não havia nenhum vizinho que fosse tentar incriminá-la quando o corpo fosse descoberto.

No mesmo momento em que caminhava até o portão, escutou um grito vindo da casa, sabia que ele tinha sido encontrado. Entrou em seu carro, com o coração acelerado pelo susto, sem ter a plena certeza de que sairia impune. Pensou novamente se o que havia feito estava mesmo certo. Encarando-se pelo espelho retrovisor, ela repetiu para si: “Você só está ajudando estas pessoas a ficarem bem”. Ou pelo menos é nisso que ela acredita todos os dias pela manhã.

Há quem diria que Diana jamais seria capaz de matar alguém, que a psiquiatra indefesa de União da Vitória não teria coragem de entrar em uma casa e fazer um encontro de uma pessoa com a morte.

Saindo dali, uma ambulância seguida de uma viatura passaram do outro lado da rua e ela sabia exatamente onde estavam indo.

A assassina só relaxou de fato ao chegar em sua casa, onde estava mais tranquila e certa de que nada havia dado errado. Mais tarde ela guardou a folha arrancada dentro de seu livro.

Capítulo 16

Padrão entre as mortes

por Renata S. Joppert

Guilherme estranha ao chegar em seu consultório e encontra Afonso o esperando, angustiado. Nota uma aparência de quem não conseguiu dormir na noite anterior e de quem provavelmente havia chorado por conta dos olhos inchados.

“Bom dia, não me lembro de termos marcado hoje” – Guilherme sorri, tentando não parecer grosseiro ao olhar no relógio e pensar que o paciente da manhã deve estar chegando.

“Eu sei, me desculpe Doutor! Aconteceu algo terrível...” – após terminada a fala, a secretária entendeu que deveria ligar para os pacientes já marcados e abrir espaço na agenda do psiquiatra. Não seria a primeira vez que um imprevisto assim acontece.

Com os dois dentro do consultório, Afonso explica melhor sobre o que encontrou em sua casa assim que chegou de seu trabalho. Guilherme, por outro lado, não se surpreende muito e não se atenta muito à história até ele comentar sobre o livro aberto sobre a mesa.

“Sempre quando ele vai lá, fica vendo televisão ou lendo alguma saga qualquer. Dessa vez foi diferente. Quando entrei, encontrei uma garrafa de vinho pela metade em cima da mesinha e um livro aberto na cozinha. Achei tudo muito estranho porque ele nunca gostou de literatura fantasiosa, ainda mais infantil como Peter Pan. Chamei por ele, mas só o gato apareceu e começou a miar, parecia que estava avisando algo até que entendi e o segui até o banheiro, confuso.”

“Primeiro achei que ele estivesse preso lá dentro, ou talvez pu-

desse ter sido feito refém, nunca se sabe, ali nunca foi um bairro muito seguro. Abri a porta devagar, não estava trancada nem nada, então comecei a pensar que ele tivesse passado mal por causa da quantidade de vinho tomado. Estava preparado para encontrá-lo desmaiado no chão, ou apoiado na privada vomitando, ou até mesmo dormindo na banheira, o que de certo modo não deixa de ser. Meu irmão nunca demonstrou indícios de quem sofria depressão ou vontade de se matar. Ele sempre me ajudava quando precisava e me confortava nos piores dias. Desde que comecei a morar sozinho, tinha ficado cada vez pior, o senhor sabe disso, então ele se mostrava sorridente sempre, me confortava e fazia coisas legais por mim. Uma vez ouvi dizer que as pessoas mais alegres são as que mais sofrem. Não acho que esse era seu caso, mas morrer eletrocutado na banheira da minha casa não faz muito sentido. Porque ele machucaria a si e a nós familiares também?” – Afonso fungava ao terminar sua fala.

“Ninguém estava pronto para viver num modo em que nossos entes queridos não existam, acho que na verdade nunca estaremos. Mas temos que aprender a viver com essas consequências pois eventualmente seremos nós deitados em um caixão e não estaremos mais aqui para oferecer um ombro amigo nas horas de desespero.”

Guilherme não sabia ao certo como dizer ao seu paciente que ele suspeitava de um assassinato e não um suicídio. Com todas as informações que ele havia obtido em outras mortes parecidas, tudo indicava um padrão, mas para confirmar ele precisava se aproximar mais do caso.

“Se você e sua família permitirem, posso ajudá-los a investigar mais o caso. Ouvir mais sobre como Edgar era e tentar entender o porquê de ele tirar sua vida dessa forma e tentar tranquilizá-los” – Afonso sorriu tranquilizado e continuou: “Após tanto tempo na terapia seria bom tê-lo mais perto para ajudar a fazer com que ele não resolvesse me matar também”.

Combinaram então que se encontrariam em sua casa na noite do dia seguinte. Verificariam o local onde tudo aconteceu e tentariam encaixar todas as peças faltantes, para que não houvesse ne-

nhuma dúvida do caso.

A polícia investigativa tende a não ir a fundo em casos de suicídio. Se não houve um assassinato, não existe um assassino, logo não há inquérito. Mas Guilherme sabia a verdade, ou ao menos suspeitava de algo e só precisava ir mais a fundo em algumas coisas.

Como sua manhã estava livre, ele decide, após Afonso ir embora, encontrar com Diana para tentar tirar algumas informações.

“Que surpresa, hoje é dia de reunião?” – ela o recebe com um sorriso no rosto, imaginando que a essa hora do dia ele já saiba da morte de seu paciente.

“Não, eu queria conversar sobre aquele meu paciente, lembra?” – ele tenta parecer neutro a respeito do assunto, não demonstrando sua suspeita.

“Claro, entra” – Diana abre a porta do consultório e sorri, lembrando de sua missão da noite anterior. “Como ele está?” – além de psiquiatra, ela sabe ser uma boa atriz, sempre conseguiu mascarar bem seus sentimentos, fazendo que todos acreditassem em que diz.

“Hoje pela manhã recebi a notícia de que ele se suicidou. O corpo foi encontrado pelo irmão alguns minutos após o ocorrido. Ele se eletrocutou na banheira.”

“Sinto muito”.

Ambos em seus 18 anos de prática sabem que nem sempre é fácil lidar com uma notícia dessas. Quando seu paciente morre por suicídio, o médico tende a tentar entender se de alguma forma não o influenciou a chegar nessa decisão. Diana soou tão sincera em suas palavras que por um momento ele chegou a duvidar se não estava errado em desconfiar da sua capacidade de matar alguém com as próprias mãos.

“Eu também” – Guilherme suspirou cansado e a encarou, tentando desvendar algo escondido atrás de seu semblante.

“Obrigado por ter me escutado. Espero que não aconteça o mesmo com o seu paciente, que ele consiga lidar com suas imper-

feições” – ele se levantou para ir embora e avistou uma página avulsa em cima de sua mesa. “Acho que seu livro perdeu uma folha!” – Guilherme pegou a folha e o livro que estava próximo, um livro sem nome da obra ou do autor, mas não achou estranho, afinal deveria ser apenas um livro velho que perdeu a capa e agora está perdendo as folhas também.

“Tudo bem, eu coloco mais tarde” – Diana correu até ele e pegou o livro de sua mão.

De repente ela parecia assustada e até com um certo medo.

“Livros velhos são assim, né?” – ela riu para descontrair e o guardou na gaveta.

Se Guilherme tivesse aberto o livro antes de comentar algo, estaria mais próximo de desvendar seu grande segredo e de descobrir a verdade por trás de todos os suicídios acontecidos nos últimos 5 anos.

“Sempre que precisar só aparecer, ok?” – sem dizer mais nada, ela caminhou até a porta e a abriu, tentando fazer com que ele fosse embora o mais rápido possível.

Já na casa de seu paciente, Guilherme tentava absorver o máximo de informações do ambiente, tentando encontrar algo que remetesse à assassina e torcia que encontrasse. Caso contrário, não teria uma explicação melhor de por que estava ali.

Ele precisava de apenas uma prova, mas ele não conseguia encaixar os fatos. Se era Afonso quem frequentava a terapia, porque ela escolheu o irmão que não sofria depressão? Será que Edgar tinha algum problema que ela descobriu ao investigar o seu paciente?

“Muito obrigada por estar aqui, é muito importante para nós!” – a mãe dos garotos comentou emocionada.

Sentado no sofá, ele descobriu a resposta que tanto perturbava sua mente. “Gêmeos então?” – ele comentou surpreso, ironicamente ele estava exatamente no mesmo lugar que a assassina estava um dia atrás, só que desta vez ele não estava preocupado em conquistar

a pessoa ao lado e sim em observar o que havia em volta.

Diana havia se equivocado e matado a pessoa errada, o irmão errado. Afonso e Edgar eram gêmeos idênticos. Uma diferença aqui e outra ali, mas só os conhecendo há bastante tempo para notar. Ela se preparou tanto para cometer um erro como este, que podia ter sido evitado se tivesse tido um pouco mais de atenção.

“Pois é. Nós éramos bem próximos apesar de ter diferentes gostos para diversas coisas. Ele era meu confidente, meu melhor amigo e companheiro. Compartilhávamos todas as coisas, não tinha por que ele esconder de mim que queria se matar. Eu podia ter ajudado!” – Afonso começa a chorar sendo consolado pela mãe, que aparentava tanto cansaço quanto o filho. “Eu encontrei este livro aberto como já tinha lhe falado, mas não faz sentido. É o meu favorito!”

Afonso tira o livro da bolsa e o analisa. Guilherme ainda não entendia por que alguém leria Peter Pan antes de morrer?

“Eu sei que pode parecer estranho, mas eu estava relendo esta história porque era algo que gostava bastante quando criança e me acalma de certo modo e eu estava muito mal nesses últimos dias, mas não é algo que eu precise explicar para o meu psiquiatra, certo? Enfim, sempre quis ir para a Terra do Nunca, mas Edgar... bom, ele sempre disse que era besteira sonhar com algo que nem existe.”

Ambos estavam com olhos vermelhos e expressões confusas sem entender o porquê de uma pessoa tão querida e alto astral ter se machucado de modo tão profundo e terrível.

Saber que quando chegaria do trabalho não encontraria mais o irmão sentado no sofá assistindo um filme doía muito. Não veria mais o seu sorriso espontâneo nem ouviria os conselhos do irmão “mais velho”, que se gabava por ter nascido 7 minutos mais cedo, ou ouviria aquela risada sincera que parecia com a de uma criança.

“Edgar era popular, atraente e inteligente. Conquistava a simpatia de todos os que o rodeavam. Sabia fazer piada sem ser forçado e era naturalmente empático” – a mãe falava ficando cada vez mais comovida. Não deve ter sido difícil para Diana se aproximar. Ambos devem ter passado confiança, facilitando-lhe a aproximação na

hora do ataque.

“Eu estava folheando o livro, tentando entender o porquê de ter escolhido J. M. Barrie e notei que está faltando uma página. Procurei em outros exemplares e é uma página aleatória. O que está no seu conteúdo não se aplica a situação que encontramos.”

Guilherme lembrou de ter visto vagamente o nome de Peter na página que encontrou no escritório de Diana e remeteu também a cena do enterro em que ela jogou uma página do livro favorito de Pedro em cima do caixão. Outro psiquiatra comentou sobre um paciente seu ter deixado cair uma folha perto de seu corpo antes de se matar e que a folha composta não estava lá, o que era confuso, pois a folha largada, lida milhões de vezes por seus familiares, não fazia sentido com o momento nem com algum segredo, seja ele qual fosse.

Tudo fazia muito mais sentido agora. Essa é a marca de Diana, o padrão dela. Mas o que acontece com essas folhas arrancadas? São guardadas em uma pasta como lembrança? Ou será que complementam aquele livro com a capa customizada que ela guardou às pressas em sua gaveta?

“Me acompanha até o banheiro?” – Afonso perguntou se levantando. Ver o local em que tudo tinha acontecido parecia clarear sua mente.

Guilherme lembra que comentou, naquele encontro que tiveram, que seu paciente já tinha falado sobre uma vontade de morrer eletrocutado na banheira, onde poderia descansar sem que ninguém o incomodasse.

Tudo se encaixava tão bem que parecia um quebra-cabeça perfeito sem nenhuma peça faltando. Diana, depois de tanto tempo, havia, enfim, cometido um erro tão grave que a revelara.

Ele analisou cada canto do ambiente para ver se não encontrava algo esquecido pela assassina em seu teatro não tão perfeito. “A polícia procurou por iniciais?”

“Sim. Eles verificaram a torneira, cortina, aquecedor, maçaneta, câmeras de rua e o livro, claro. Fora do banheiro só tinha uma taça de vinho usada na sala. Só encontraram duas digitais na casa

inteira, a minha e a dele.”

Guilherme pediu para ver a garrafa de vinho. Ele lembra de Pedro ter comentado o quanto Diana gostava de degustar um bom vinho durante a noite enquanto jogava conversa fora.

A garrafa era uma marca não muito comum, Tarapaca, um vinho tinto chileno. Não remetia a nada esta marca, mas em seus 18 anos de prática ninguém nunca se importou em escolher algo importado no seu último momento. Geralmente é uma mistura de bebidas alcoólicas ou algum remédio...

“Foi encontrado algum medicamento no corpo?”

“O famoso boa noite Cinderela. A cápsula estava do lado da taça” – como sempre um sonífero forte o bastante misturado a uma bebida que aumenta o seu efeito, para não sentir dor a hora que a morte finalmente chegasse.

Guilherme foi para casa, martelando como faria para que Diana confessasse seu crime. Não só esse como todos os outros também.

Ficou esperando ansiosamente pela próxima reunião do grupo de estudos. Lá elealaria algo que fizesse com que Diana se sentisse pressionada. Ele não podia deixar as coisas ficarem assim.

Quantas pessoas ela ainda mataria até saciar-se? Ou será que sabendo que Guilherme está tão próximo de pegá-la faria com que ele fosse a próxima vítima?

Sem conseguir conter sua ansiedade, decidiu que arrombaria o consultório de Diana atrás do livro. Por sorte ele conseguiria encontrar e verificar se era lá que ela guardava as misteriosas páginas arrancadas.

Seu consultório ficava na parte central também, onde fica mais fácil com que todos os pacientes consigam ir e vir sem se perder no caminho.

Como eles se conhecem há bastante tempo, ele sabe como funciona a segurança do local, então não foi muito difícil conseguir abrir a porta e olhar em todas as gavetas, não só da mesa da secretária como na dela também.

Só havia muitos papéis e algumas pastas com registros de seus

pacientes. Nada do que ele queria. Encontrou batom, espelho e outros acessórios femininos espalhados. Diana sempre foi uma mulher vaidosa.

Na última gaveta, ele finalmente encontrou um livro preto, com aparência um pouco velha. Abriu ansioso, pronto para desmascará-la, mas se decepcionou logo em seguida quando percebeu que era apenas uma agenda com horários anotações que envolviam suas sessões.

Folheou mais de uma vez para ter certeza que não havia nada sobre as mortes.

Procurou em outros lugares do consultório para garantir que ali não havia mais nada escondido estava antes de ir embora. Olhou embaixo do sofá, atrás das almofadas, poltrona, armário do banheiro a estante que havia na sala de espera. Em vão ou não, Guilherme foi embora com as mãos vazia.

Em seu escritório particular em casa, ele analisou caso por caso, desde que sua suspeita por Diana surgira até os casos antigos que descobriu. Ele havia conversado com todos os colegas do grupo de estudos sobre seus pacientes que haviam se suicidado desde de que iniciaram a troca de experiências e dicas.

Todos os psiquiatras, sem exceção, tinham pelo menos um paciente que morreu por suicídio, incluindo Diana. E todos os casos tinham sido de repente, mas apenas dois tinham erros. Nos dois últimos, um tinha uma folha caída e o outro o livro foi encontrado aberto na folha perdida. Será que ela estava tão distraída nesses que deixou passar esses pequenos detalhes ou está cansada dessa vida e está deixando pistas para que alguém a siga e finalmente a livre deste castigo que se colocou?

Guilherme ficou observando os casos espalhados pela mesa até finalmente chegar na conclusão de como irá surpreender Diana com o gêmeo certo.

Capítulo 17

O encontro

por Bianca Danielle Pinheiro

Guilherme ainda não consegue acreditar que a Diana possa estar por trás da morte de Afonso, mas as provas que encontrou estão muito claras a sua frente. Mesmo com tudo o que está acontecendo tem uma grande dificuldade em aceitar o fato de a pessoa mais próxima sua ter cometido um ato como esse. Recorda-se do episódio que aconteceu com ele e Pedro, há tanto tempo, e questiona-se se pode ter acontecido o mesmo com Diana. Mesmo sabendo da resposta, tenta encontrar motivos que a levaram a cometer tal atrocidade. Nada. Não consegue pensar em um único motivo. Mas de repente tem uma ideia que pode ajudá-lo a descobrir se Diana está envolvida nesse assassinato.

Diana olha apressada em seu relógio e percebe que está quase na hora da reunião com seu grupo de estudos/apoio. Dirige com a cautela de sempre em meio ao trânsito de Curitiba e estaciona em frente ao consultório de Guilherme. Hoje o encontro será lá.

Desce do carro e enquanto espera o elevador encontra alguns colegas e sobe com eles. A conversa é descontraída como sempre. Ao chegarem ao andar do consultório de Guilherme, o grupo se dispersa, alguns vão ao banheiro enquanto outros se encaminham para a sala de sempre para servir um café.

Sentada na sala de espera, Diana mexe em seu celular. Alheia

ao mundo que a cerca, não faz ideia dos acontecimentos que se desenrolaram a sua frente.

Ouve o som da voz de Guilherme ficar cada vez mais próxima e presume que ele está saindo de seu consultório, onde está em consulta com um paciente.

A porta se abre, e Guilherme sai com a feição abatida. De imediato seus olhos se encontram, rápido demais. Logo atrás de Guilherme está a última pessoa que a Diana imaginava encontrar ali. Era Afonso.

“Mas isso é possível”, ela diz repetidamente para si mesma. Afonso está morto, e ela sabe disso, pois foi ela mesma quem o matou, quem o livrou do peso que sentia. É como se visse um fantasma em sua frente. Sente seu rosto queimar forte. Diana tenta desesperadamente se controlar, olhar para o outro lado, mas seus olhos estão colados no homem a sua frente, em sua mente ela refaz todos os seus passos da noite em que matou Afonso, tenta pensar se houve alguma possibilidade de ela ter ido embora enquanto ele ainda estava vivo, lembra-se que saiu correndo, pois viu que alguém estava chegando. Mas mesmo com a correria do final, tem a absoluta certeza que deixou Afonso morto naquela casa. Ela é médica, capaz de atestar a morte de alguém. Capaz inclusive de causar uma morte.

Apenas segundos passam enquanto Diana trava uma luta interna consigo mesma para tentar entender o que está acontecendo. Quando volta de seu transe, fita Guilherme, que a encara com curiosidade, avaliando sua mudança de emoções.

Treinada para dissimular, Diana volta-se aos dois homens que estavam parados na porta do consultório e estende sua mão para Guilherme.

— Talvez tenhamos chegado cedo demais? Vejo que você ainda está com um paciente – diz isso e vira-se para Afonso.

— Prazer, sou uma amiga e colega de profissão do nosso querido Guilherme.

— Olá – diz Afonso cabisbaixo.

— Nos vemos na próxima semana, e, lembre-se, pode me ligar a qualquer momento. Não se esqueça. Meu celular fica disponível

24h por dia – diz Guilherme para o paciente.

— Obrigado, doutor, nos vemos na semana que vem. Tchau, doutora – Afonso se despede e caminha a passos lentos para o elevador.

Enquanto a porta do consultório desliza lentamente após a passagem de Afonso, ele se volta para os dois psiquiatras e fala:

— Afonso, meu nome é Afonso. Desculpa não me apresentar, têm sido dias difíceis – com isso dito, ele encosta a porta atrás de si e sai para o corredor vazio. Diana fica em choque e não consegue disfarçar.

— Aceita um café? – Guilherme dispara para Diana.

— Sim, sem açúcar, por favor.

Enquanto Guilherme serve os dois, Diana continua em estado de choque. Não consegue entender o que está acontecendo. Parece que alguém tirou o seu chão naquele momento e seu cérebro de repente parou de funcionar. Recebe a xícara de café de Guilherme e se recompõe enquanto leva o café fervendo aos lábios.

— Pobre rapaz, você acredita que o irmão gêmeo dele se suicidou na casa dele, sem motivo nenhum, aparentemente? – Guilherme diz e avalia cada movimento de Diana diante dessa informação.

O café para em sua boca, ele olha nos olhos de Guilherme e parece que está engolindo uma pedra quente. Deixa o café descer por sua garganta antes de responder.

— Não consigo nem imaginar uma situação como essa. Como o irmão está reagindo? Acredito que deva estar sofrendo muito.

Guilherme tem a confirmação que buscava, vê as expressões de Diana, vê sua mão tremendo enquanto leva a xícara aos seus lábios e bebe o café fervente sem nem ao menos titubear. Imagina que sua boca deva estar queimando, mas não consegue entender as motivações que a levaram a cometer aquele ato. Sente que precisa de mais respostas, mas não é a hora. Não irá conseguir interrogá-la agora, não com a sala ao lado cheia com seus amigos e colegas mais próximos. Todos prontos para desabafar sobre algum caso difícil. Não, esse não é o melhor momento para a conversa que os aguarda. Mas Guilherme sabe que o momento está chegando, e precisa conversar

com Diana antes de tomar qualquer decisão.

— Está sendo muito duro para ele, mas estamos trabalhando com um medicamento novo e espero que ele consiga superar isso. Vamos indo? Os outros já estão nos aguardando.

Os dois andam lado a lado. Guilherme com um turbilhão de pensamentos em sua cabeça, imaginando o que pode ter levado Diana a cometer um assassinato. Diana com a mente vazia. Esperava sentir algum tipo de remorso, arrependimento. Mas o que sente é algo diferente. Sente que fez um mau trabalho e odeia fazer um trabalho mal-feito.

Diana pensa em inventar uma desculpa para escapar da reunião de hoje, mas sabe que pode levantar alguma suspeita. Já notou os olhares que Guilherme vem disparando a ela e não quer dar a ele mais motivos para desconfiança. É por essa razão que veste sua melhor cara de psiquiatra e entra na sala onde todos estão esperando. Hoje não é o dia dela, nem é Guilherme contar sobre seus pacientes e sim de uma colega deles.

Senta-se em frente à roda de amigos e força sua mente a se concentrar para ouvir sobre o caso do dia. Sabe que ao final todos são desafiados a dar um parecer, uma ajuda para a médica. E precisa tirar Afonso de sua cabeça nesse momento, pois está dando muito na cara o seu desconforto com toda essa situação. E isso não é algo bom para ela no momento.

A sessão passa num piscar de olhos, Diana conseguiu fazer comentários realmente inspiradores, ofereceu o apoio que a doutora precisava e foi muito perspicaz. Em todo o momento sentiu os olhos avaliativos de Guilherme sobre ela e estava quase dando um toque ao colega e pedindo que ele disfarçasse em frente aos demais.

Guilherme, em sua cadeira, troca informações com o médico sentado ao seu lado. Tenta manter uma conversa com todos que estão na sala, mas não consegue desviar seus olhos de Diana, tem medo que ela saia pela porta a qualquer momento, e não quer perdê-la de vista.

Ainda não sabe como irá confrontá-la, mas avalia todos os seus gestos, suas expressões e consegue sentir cada mudança que passa

pelo seu rosto. É a primeira vez que Guilherme presta tanta atenção em Diana.

Ele sente a reunião se arrastar por horas, e percebe quando Diana começa a ficar mais relaxada em sua cadeira e sente que esse é o momento de falar com ela novamente.

— Tem algum plano para hoje à noite? Estou pensando em tomar alguma coisa naquele bar que tem aqui na esquina. Faz tempo que não conversamos. O que acha?

— Eu adoraria, mas primeiro preciso passar em casa para cuidar de alguns afazeres que deixei para última hora, mas posso te encontrar mais tarde, ou quem sabe em um outro dia. Você vai estar disponível amanhã?

— Vou sim, pode ser amanhã.

Guilherme engole em seco sua recusa, mas sabe que o encontro adiado é melhor, pois assim ele terá tempo de se preparar melhor para o que vai fazer com as informações que tem.

A reunião é enfim encerrada e todos começam a se remexer para ir embora. Diana pega sua bolsa, checka seu celular e se encaminha para a porta.

Assim como o Afonso fez, volta-se para Guilherme e com a sua melhor cara de médica séria diz:

— Sobre o seu paciente de mais cedo, espero realmente que ele encontre a paz que precisa.

Guilherme fica parado. As pessoas passam ao seu lado e ele não consegue esboçar nem mesmo um boa-noite. Teme ter recebido um recado, mas se força a pensar que não. Foi apenas algo que qualquer um diria.

Diana sai apressada pelas escadas. Optou por não esperar o elevador, a última coisa que precisa nesse momento é de conversa de elevador. Ela sabe o que fez e sabe como pode consertar seu erro. Mas precisa agir antes que seja tarde demais.

Capítulo 18

Temos tão pouco tempo

por Bianca Danielle Pinheiro

Após o encontro desta tarde com Guilherme, Diana volta para sua casa desesperada, olha-se no espelho e não reconhece a mulher refletida.

Lembra-se dos motivos que a fizeram chegar aonde chegou, afinal, ela é a heroína nesta história, o fato de ter matado um inocente não apaga quantas vidas ela ajudou, livrando-as da dor que sentiam, não é mesmo?

Diana fica repetindo para si mesma essas palavras, pois precisa de uma solução para o problema que a cerca, sente um ímpeto de dor ao pensar no jovem saudável que morreu. Nunca foi a sua intenção matar alguém que não desejasse estar morto.

Mas mesmo diante da crise que está passando precisa pensar em uma solução rápida, pois sentiu na voz de Guilherme que ele sabia mais do que estava dizendo. Somado ao fato de que Afonso ainda está vivo e ainda está sofrendo, faz com que ela sinta a necessidade de terminar o trabalho que começou. Retoma em sua memória as informações que reuniu sobre este paciente e lembra-se que ele é paciente psiquiátrico desde 2012. São mais de cinco anos tendo que lutar dia a dia para manter-se em pé.

Diana ajeita sua tiara de couro, que ganhou de seu amigo Pedro ainda durante o internato, sai apressada de casa e entra em seu carro rumo à casa de Afonso. Ela alinha seu retrovisor e quando focaliza seu rosto no pequeno espelho uma gota escorre de seus olhos. Uma ideia louca passa pela sua cabeça, e pela primeira vez desde

que aquilo começou Diana sente que Afonso pode ser a última pessoa que ela poderá ajudar.

Ela olha em seu relógio e vê que passa das nove da noite, então já começa a planejar como fará para entrar na casa de Afonso, uma vez que neste horário ele sempre está em casa.

— É uma noite tão bonita – pensa Afonso, pela primeira vez desde a morte de seu irmão.

Ele está sentado na varanda de sua casa contemplando as estrelas, sente-se extremamente cansado por tantas noites em claro, tantas lágrimas derramadas. A morte de seu irmão mexeu demais com seu estado psicológico. Nada tira de sua cabeça que ele é quem devia ter morrido no lugar do irmão, ele era quem vivia implorando por remédios para acalmar sua dor. E a forma como seu irmão morreu foi brutal. Afonso imaginava por quanto tempo ele passava por problemas psicológicos sem que ninguém desconfiasse.

Suicidar-se daquela forma? Sentia-se duplamente culpado. Estava sempre tão mergulhado em sua própria depressão que não conseguiu notar o sofrimento de alguém tão próximo, tão parte de sua vida.

A morte de Edgar foi como se alguém estivesse tirando a cortina escura que permeou sua vida até aquele momento. Fez com que ele enxergasse pela primeira vez algo além de si mesmo.

Olhou para o seu celular que apitava uma mensagem. Era Guilherme, seu psicólogo. Provavelmente queria certificar-se de que ele ainda estava vivo.

Afonso preferiu não visualizar a mensagem. Desligou seu celular e entrou em sua casa. Estava começando a ventar muito forte, provavelmente começaria a chover a qualquer momento.

Afonso nunca foi o tipo de cara que bebe, até porque toma antidepressivos há tanto tempo que, após ter alguns problemas sérios ao misturar remédios e bebida, acabou escolhendo os remédios e parou de beber. Mas desde o suicídio de seu irmão gêmeo havia

recomeçado a beber para conseguir dormir. Seus remédios já não faziam mais efeito em sua corrente sanguínea.

Serviu-se de um copo generoso de uísque, diluído apenas pelas três pedras de gelo que o acompanhavam. Bebeu em um único gole, e enquanto sentia lágrimas escorrerem pelo seu rosto começou a lembrar de uma época antes de ser invadido pela depressão, quando ele ainda sorria e seu irmão ainda estava vivo.

A passos lentos, Afonso foi até a cozinha e pegou a garrafa de uísque. Talvez fosse necessário mais de um copo para abafar sua dor naquela noite. Enquanto virava mais uma generosa dose do líquido cor de âmbar em seu copo, ouviu um barulho de passos na grama à frente de sua casa e perguntou-se quem poderia estar vindo visitá-lo naquela hora. Encolheu-se em pensar que seu visitante surpresa fosse seu psiquiatra. Não seria a primeira vez que ele seria internado contra a sua vontade.

Caminhou até a porta de entrada e, ao abri-la, viu que era um médico psiquiatra que estava a sua frente, mas não o seu médico.

Não foi fácil para Diana ter de voltar àquela casa, era a primeira vez em que ela retornava ao local de algum de seus assassinatos. Suas mãos suavam frio enquanto ela segurava com força ao redor do volante. Quando estava quase chegando à casa de Afonso, seu celular apitou, e tomada pela adrenalina que percorria em seu corpo freou com toda a força, bateu seu rosto de leve no volante. Foi um susto tão grande que quase bateu no carro da frente. Quando finalmente se acalmou e checkou seu celular, viu que era apenas a sua secretária repassando a agenda do dia seguinte. Era uma rotina de seu consultório.

Olhou novamente para o espelho em seu retrovisor e sussurrou para si mesma.

— Reconponha-se. Está chegando ao fim.

Não podia deixar o desespero tomar conta dela, precisava pensar friamente para fazer o que precisava ser feito, somente assim

seria possível seguir com a sua vida. Com esse pensamento em mente, estacionou na quadra atrás da casa de Afonso. Não podia deixar seu carro à vista caso algo desse errado.

Caminhou rapidamente até a entrada da casa de seu alvo e percebeu que assim como da última vez que estivera ali o portão estava aberto.

Entrou e logo nos primeiros passos notou uma luz acesa na sala da casa, várias lembranças passaram na sua cabeça naquele momento. Sentia que estava cometendo um erro ao voltar ao local em que cometeu um assassinato, mas não podia voltar atrás. Havia ido longe demais para deixar essa história terminar desta forma.

Diana parou em frente à porta de entrada e enquanto decidia se batia na porta ou se simplesmente a abria um homem surgiu em sua frente.

Afonso encarou a mulher visivelmente alterada a sua frente e passou alguns segundos avaliando-a na tentativa de lembrar-se de onde conhecia aquele rosto.

Aqueles breves segundos pareceram horas para Diana, até que finalmente Afonso falou.

— Desculpa, em que posso ajudá-la? Parece que eu a conheço de algum lugar.

— Sim, eu trabalho com o Doutor Guilherme, e ele me pediu para passar por aqui para conversar um pouco com você – uma das vantagens que Diana tinha sobre seus “pacientes”, era que sempre conhecia seus históricos médicos, pois havia muita troca de informações em seu grupo de estudos/ajuda.

— Sim, é isso mesmo, eu a vi quando estava saindo da minha consulta hoje à tarde, é Diana, certo? Olha, você vai me desculpar, mas eu não estou interessado. Tenho uma consulta com o Doutor daqui a dois dias e sei que posso me cuidar até lá – Diana notou que ele estava com uma garrafa de uísque pela metade na mão, e agradeceu silenciosamente por ele já estar um pouco anestesiado. Planejava fazer aquilo da forma mais rápida e indolor que pudesse.

— É por isso que eu vim até aqui hoje, o Guilherme precisou fazer uma viagem de última hora e me passou seus pacientes mais

importantes para que eu pudesse dar assistência até o seu retorno. De qualquer maneira, eu já estou indo, só passei aqui para me apresentar mesmo e deixar meu cartão com você. Saiba que pode entrar em contato comigo a qualquer horário do dia ou da noite.

Ela estava se afastando, quando Afonso a chamou. Eles sempre a chamavam, não é sempre que alguém bate a sua porta disposto a te ouvir.

— Doutora...

— Pode me chamar de Diana, Afonso. Disse ela enquanto se virava novamente pra ele.

— Notei que você está com a sua testa machucada, me desculpa por antes. Eu não estou nos meus melhores dias. Se não for muito estranho, a doutora, quer dizer, você pode entrar pra limpar o machucado.

Diana levou sua mão até a testa, e amaldiçoou seu celular por ter apitado naquela hora, não era por este motivo que deveria ser convidada a entrar, mas de qualquer maneira, ela conseguiu.

— Obrigada, eu fui fechada por um carro quando estava a caminho daqui, está tudo bem, mas eu adoraria poder limpar o ferimento.

Afonso esperou que ela entrasse e então fechou a porta atrás de si.

— Pode vir por aqui, Diana, tenho um kit de primeiros socorros que meus pais deixaram aqui, sabe né, caso eu “tente me matar” – ele disse isso e riu, era a risada mais triste que ela havia ouvido nos últimos tempos. Foi assim, foi nesse momento em que todo o nervosismo que ela estava sentindo evaporou, Diana pôde lembrar-se dos motivos que a trouxeram até aqui. Este homem a sua frente estava com dor, uma dor real. Física e emocional, e somente ela poderia ajudá-lo.

Sua ideia inicial era sufocá-lo, mas para isso precisaria tê-lo pego dormindo, pois ele era consideravelmente maior que ela e consequentemente mais forte também.

Então precisava ter alguma nova ideia rápido, pois se demorasse demais tudo podia ir por água abaixo.

Pegou um algodão da caixa de primeiros socorros e o molhou com um pouco de povidine, um antisséptico à base de iodo que mancha um pouco a pele, e delicadamente passou sobre o pequeno corte em sua testa, em seguida Afonso lhe ofereceu um band-aid.

Enquanto Diana fazia a limpeza e curativo notou que em cima da mesa de centro da sala havia um livro. Ela o reconheceu na mesma hora. Era o livro que estava com o Edgar no dia em que ela o matou. Ela tinha a página que faltava deste exemplar. Pensou por um momento que seria a primeira vez que teria duas páginas do mesmo livro em seu “Frankie”. Enquanto divagava a esse respeito, Afonso começou a falar.

— Sabe, meu irmão se suicidou.

Diana olhou para ele, mostrando que prestava atenção e se importava, mas não disse nada.

— Sabe o que é mais estranho? Ele se matou aqui. Eu o encontrei caído ali – apontou para o ponto exato onde ela havia posicionado o corpo de seu irmão, dias antes.

— Ele nunca me contou que tinha problemas, eu poderia ter feito alguma coisa, não poderia? – essa pergunta não foi direcionada a ela. O que eu não entendo mesmo é por que ele fez isso aqui, na minha casa.

— Afonso... – Diana tentou falar, mas não sabia o que dizer.

É por isso que nunca falava com os familiares de seus “pacientes”, porque não tinha o que dizer. Na sua cabeça tudo fazia sentido, mas era muito diferente colocar isso para fora e explicar por que você matou seu ente querido. Especialmente no caso do Edgar, que não deveria ter morrido.

— Afonso... – ela tentou novamente – a morte é um alívio para aqueles que sofrem. Sofre quem fica, mas os que vão estão bem melhor. Acredite. Seria incrível se pudéssemos escolher como e quando morrer, você não acha? Pois assim eliminaríamos toda essa angústia que antecede a morte. E começaríamos a vê-la como ela merece. Como o nosso descanso merecido.

— Eu já pensei muito em como eu desejava morrer, mas, desde que meu irmão morreu exatamente da forma como eu sempre ima-

ginei pra mim, eu não sei de mais nada. Só queria ter certeza que essa hora está chegando. Sei que isso provavelmente seja antiético, mas você quer beber alguma coisa? Percebi agora que só eu estou bebendo e não te ofereci nada.

— Muito obrigada, eu adoraria tomar alguma coisa, pode ser o mesmo que o seu. Assim podemos conversar mais um pouco... Isso se você estiver à vontade para isso – ela o fitou com seu olhar penetrante.

— Tudo bem por mim.

Afonso virou-se para ir até a cozinha buscar outro copo e Diana não teve muito tempo para pensar. Ela tira sua tiara de couro da cabeça, ela é longa, pois é de amarrar na nuca e tem quatro tiras grossas que formam um trançado. Diana caminha atrás de Afonso e antes que ele consiga virar para trás ela enlaça seu pescoço com sua tiara. A tiara que ganhou havia tantos anos de Pedro.

A primeira e mais óbvia reação que Afonso tem é debater-se, mas Diana já previa isso. Não é a primeira vez que ela tem que cuidar do problema com suas próprias mãos. Ela sussurra em seu ouvido algo que ele precisava ouvir naquele momento.

— Não lute contra, nós dois sabemos que é isso que você deseja há muito tempo. Agora você poderá ficar perto de seu irmão e toda a dor terá ido embora. Você só precisa me deixar cuidar disso, tá bem? – as mãos que agarravam o punho fino de Diana lentamente se soltaram. Ele queria aquilo, era isso o que ela pensava.

Num minuto ele estava desabafando com uma pessoa que apareceu de repente em sua casa e no minuto seguinte estava caído na cozinha de sua casa. Após ele cair no chão, Diana continuou apertando forte a tiara em seu pescoço, pois a queda só demonstrava que ele tinha desmaiado, mas ainda tinha pulso.

Assim que notou que seu pulso cessou, ela tirou as tiras de seu pescoço e as ajeitou novamente em seu cabelo. Caminhou até o quarto de Afonso e dentro do guarda-roupa encontrou uma cinta marrom.

Cuidadosamente ela montou a cena que seria encontrada pela polícia, ou para qualquer pessoa que fosse encontrá-lo ali. Seu tra-

balho estava feito e ela enfim podia respirar relaxada. Olhou em seu relógio e percebeu que passava das onze da noite, não notou que havia ficado tão tarde tão rápido. Inspirou profundamente e por alguma razão o ar não estava passando por seus pulmões. Sabia que precisava ir embora, um assassino nunca pode permanecer além do tempo necessário na cena do crime, mas algo a prendia ali. Olhou demoradamente a cena em que montou, lembrou-se de quantas vezes já havia feito esse trabalho.

Pegou novamente a garrafa de uísque que estava em cima da mesa de centro da sala e despejou o líquido cor de âmbar no mesmo copo em que Afonso estava tomando. Virou em um único gole. Sentiu lágrimas quentes escorrerem sobre seu rosto, mas não soube identificar o sentimento que estava sentindo, logo ela, que sempre ajudou as pessoas a entenderem seus sentimentos, não fazia ideia do que estava acontecendo consigo mesma.

Estava sentada no sofá da sala quando voltou a si e soube que precisava ir embora, mas antes precisa finalizar o ritual. Pegou o livro que estava sobre a mesa e o folheou, encontrou o local exato onde tinha arrancado a página anterior. Localizou qual era a página que fazia par com aquela e a arrancou. Fez isso pelos irmãos, eles precisavam permanecer próximos. Essa era a sua homenagem a eles.

Diana apalpou seu bolso para conferir se a chave do carro estava com ela e quando estava prestes a levantar do sofá ouviu passos rápidos na entrada da casa. Antes que pudesse mover-se, a porta da frente abriu e em sua frente estava Guilherme, paralisado enquanto olhava o corpo de Afonso estendido a sua frente. Tirou seus olhos do cadáver e os focalizou em Maria.

Capítulo 19

Três partes de uma verdade

por Ana Maria H. de Carvalho

“Segundo o dicionário, a palavra ‘apatia’ vem do grego apátheia, onde páthos remete para ‘aquilo que afeta o corpo e a alma’, para os cétricos e os estóicos, estado de insensibilidade emocional ou esmaecimento de todos os sentimentos, alcançado mediante o alargamento da compreensão filosófica. É o oposto do estado emocional de empatia.”

A atmosfera do ambiente era pesada, uma faca poderia cortar a tensão entre Diana e Guilherme, naquele momento. O corpo de Afonso jazia exposto no cômodo como um boneco de pano, uma decoração macabra ao ambiente do embate final entre os dois companheiros. O epílogo de uma longa jornada.

Guilherme tomando coragem diz, entredentes, com um ar conclusivo:

— Então foi você...

Diana mostra a mão suja de sangue, como se dissesse: óbvio.

— ... não o Afonso...

Ela levanta os olhos, sem entender.

— ... o Pedro – Guilherme diz.

Diana pareceu despertar com o horror da acusação. Ela refaz mentalmente o caminho que levou Guilherme a esta conclusão. Diana sempre foi uma mulher inteligente.

— Não! Eu nunca faria isso... – ele interrompeu com uma bufada – ... com o Pedro. Guilherme a encara fixamente, desafiando-a

a continuar. Você entendeu tudo errado... Isso tudo é para honrar a vida dele.

Guilherme, com incredulidade, nega com a cabeça.

— Não, você não tá falando isso!

— Você não tava lá – diz perdendo a calma. Você não entende!

— Então, me conta – devolve no mesmo tom.

Diana enche os pulmões de ar, e respira profundamente, o sopro de um condenado no corredor da morte, esperando o fim.. Fazia muito tempo que ela não sentia essa sensação de desespero. Anos. A sensação de voar, alcançar o céu, antes da queda. Eu deveria ter feito aquelas aulas de paraquedas com o Pedro e o Renato. Afinal, só se vive uma vez. não é, Pe?

— Ele era minha família. Ele era uma parte vital de mim mesma. Ele era... – Diana pousa a cabeça nas mãos, absorta em lembranças amareladas pelo filtro do tempo, como as páginas de um livro velho.

Guilherme se lembra da sintonia que Diana tinha com Pedro, como se eles estivessem sempre na mesma frequência. Almas gêmeas. Ele se senta na mesa de centro, esperando-a se recompor. Olhando para o chão, no tapete claro, uma gota de sangue se destaca de uma forma quase que obscena.

Próximo ao sofá, o corpo de Afonso perde a cor lentamente. A memória póstuma de um cadáver. Guilherme pensa na mãe de Afonso e Edgar que nunca mais verá a face viva de seus dois filhos. E a estranha compaixão que sentia por Diana evapora. Ele encara Diana novamente, substituindo a memória da amiga com a de uma mulher desconhecida. Uma assassina. Lembre-se, Guilherme. Não somente uma assassina. Uma serial killer. Um monstro.

— O Pedro – Diana olha para Guilherme – chegou num lugar em que ninguém deveria encontrar. Ele estava sozinho dentro de si. Ele estava numa espiral de desespero, onde a saída final foi desistir. O último fôlego dele foi para lutar contra si mesmo.

Durante os anos que se passaram desde a morte de Pedro, Diana sempre se perguntou como nunca reparou na ferida estampada no coração da sua metade, como essa escuridão dominou o raio de

sol que Pedro era e o transformou num buraco negro. Ela às vezes ainda fantasiava que o amigo estava vivo, esperando por ela no bar que sempre iam jogar sinuca na época da faculdade, mas esse bar deu lugar a um condomínio residencial muito tempo atrás. Os ventos da mudança chegam a todos. Ela sabia que o amigo não estaria lá, esperando por ela, mas sonhar é livre.

Delirar seria mais apropriado à situação, doutora Diana, pensa ela, clinicamente.

Enquanto Diana em silêncio se perde cada vez mais dentro de si, Guilherme olha para a sua versão de Diana e tenta entender em que momento a doce e dedicada menina do interior havia perdido sua essência.

— Eu queria impedir que outras pessoas chegassem naquele lugar.

— Quis custodiet ipsos custodes? – Guilherme riu, sem achar graça.

— Eu não poderia ficar parada esperando o trem descarrilar de novo e de novo e de novo. Um ciclo sem fim.

— Esse é o ciclo da vida. Pessoas nascem, crescem, transam e morrem. Não há o novo sem o velho. Todos que amamos se vão no final – ela olha pra ele, magoada.

— Se não fosse pelo que você fez, nada disso estaria acontecendo!

— Você acha que conhecia o Pedro melhor do que ninguém, não acha? Você usa uma lente colorida com relação ao Pedro que eu me lembro. Ele era um menino medroso. Talvez, graças ao tratamento que você dava a ele, mamãe. Ele não cresceu com você sempre por perto disposta a limpar a bagunça que ele fazia. Nas festas, nas provas, em casa. Você sempre estava lá limpando a barra dele. Talvez a culpa não seja só dele... Talvez seja nossa. Minha e sua, Diana.

Diana olha para ele, com incredulidade. Chocada com a crueldade de Guilherme.

— Diana, ele não teve coragem de te contar a verdade sobre o que, de fato, aconteceu naquele dia.

— O Pedro nunca esconderia nada de mim.

— Nem você acredita no que está dizendo – ele se levanta, exasperado.

Ela engole em seco.

— Eu te contei naquela porra de viagem que eu fiz, merda. Mas eu não fui o único responsável pelo que aconteceu – Guilherme toma coragem e dá o golpe. O Pedro tava lá. A gente sempre fez plantão junto, lembra?

Diana está com as mãos sujas entrelaçadas no colo, tensa, como uma criança que leva bronca do pai. Ela olha diretamente para Guilherme, esperando. Ele jamais conseguiria manchar a memória do amigo.

— Foi ele. Foi ele quem aplicou a sedação. Eu fiquei responsável por segurar o paciente. A dose foi forte demais. Para os dois. Ele me pediu para guardar segredo de você, ele não queria desapontar a irmãzinha querida. Sabe, ele sempre colocava você num pedestal de vidro, a perfeição de Diana. Ele jamais suportou não ser perfeito como você esperava dele, ele sempre me irritava com a sua adoração cega a você. Vocês dois se mereciam. A relação de vocês me dá nojo. Eu não reparei na época, mas os dois estavam doentes. Como uma simbiose mal-sucedida. Mas hoje eu consigo detectar uma relação abusiva a milhas de distância, mas na época só imaginava que isso se dava com casais. Viva o amor romântico. Que a tragédia shakespeariana nunca pare de espreitar a nossa vida – terminou clinicamente.

Diana chorou. Um choro da alma. Sua fortaleza, antes tão sólida, agora havia sido soprada pelo vento. Ela havia perdido seu norte. Suas certezas foram arrancadas dela como um membro que é decepado por uma guilhotina. Ela nunca esteve tão perdida. As palavras de Guilherme acertaram onde mais dói: a verdade.

— Por que tão cruel, Guilherme? – disse, já perdendo a voz.

Guilherme se aproximou do sofá perto de uma apática Diana, desviando do corpo sem vida do antigo paciente, no caminho. Sua presença se fazendo presente, uma terceira força na sala.

— Eu tentei te confortar aquele dia, contando uma versão mais

doce da realidade. Seria mais fácil se houvesse um vilão para você depositar a sua raiva. Eu fiz isso por vocês dois. Mas hoje eu sei que não deveria ter amaciado a verdade. Talvez a mãe de Afonso e Edgar ainda veria os filhos, se eu tivesse sido mais sincero.

— A culpa não é sua que nós somos assim, Guilherme.

Guilherme sabia disso racionalmente, mas quem consegue explicar a razão ao coração?

— Nós?

— Eu e o Pe. Eu o sinto em mim quando trago a misericórdia a essas pessoas. Eu sinto a paz que ele sentiu quando toda sua dor foi embora.

Meu Deus, pensou Guilherme, em que momento Diana havia sido substituída por essa criatura com uma visão tão deturpada da realidade?

Guilherme já estava enojado o suficiente da criatura a sua frente. Os anos de raiva e mágoa enterradas no fundo da sua mente começavam a subir do seu passado para o presente. Ameaçando estourar o fino autocontrole que ele ainda possuía.

— Diana, essas pessoas não queriam a morte. Elas querem a vida. Afinal, que outro motivo teriam para se consultar conosco? Nós não somos deuses para brincar com a vida alheia.

— Essas pessoas buscavam paz e nós demos a elas.

Ela está a beira de um surto, já vi essa fita antes, pensou Guilherme. Mas ele não se importava mais, a sua amiga já estava morta fazia muito tempo.

— Você está se escutando, sua lunática? As palavras que saem da sua boca não fazem o menor sentido! Nem você acredita mais nas mentiras que conta pra si mesma.

Diana deu um riso desumano, como uma animal enjaulado tentando escapar do seu caçador.

— Seja honesto consigo mesmo pelo menos uma vez na sua vida, Guilherme. Você nunca teve um paciente que você sentiu que precisava morrer?

— Sim, você.

Depois do último paciente do dia ir embora, Guilherme se senta em sua poltrona e abre a última gaveta de sua mesa. Ali dentro, jaz um pequeno monstro. Um segredo que agora era só dele. Guilherme segura em mãos um feixe de folhas volumoso. O apanhado de páginas de diferentes tamanhos e cores trazia uma estranha sensação de continuidade. Depois de observar o exemplar único por muito tempo, o tempo de uma vida, Guilherme toma coragem e dá início a sua leitura.